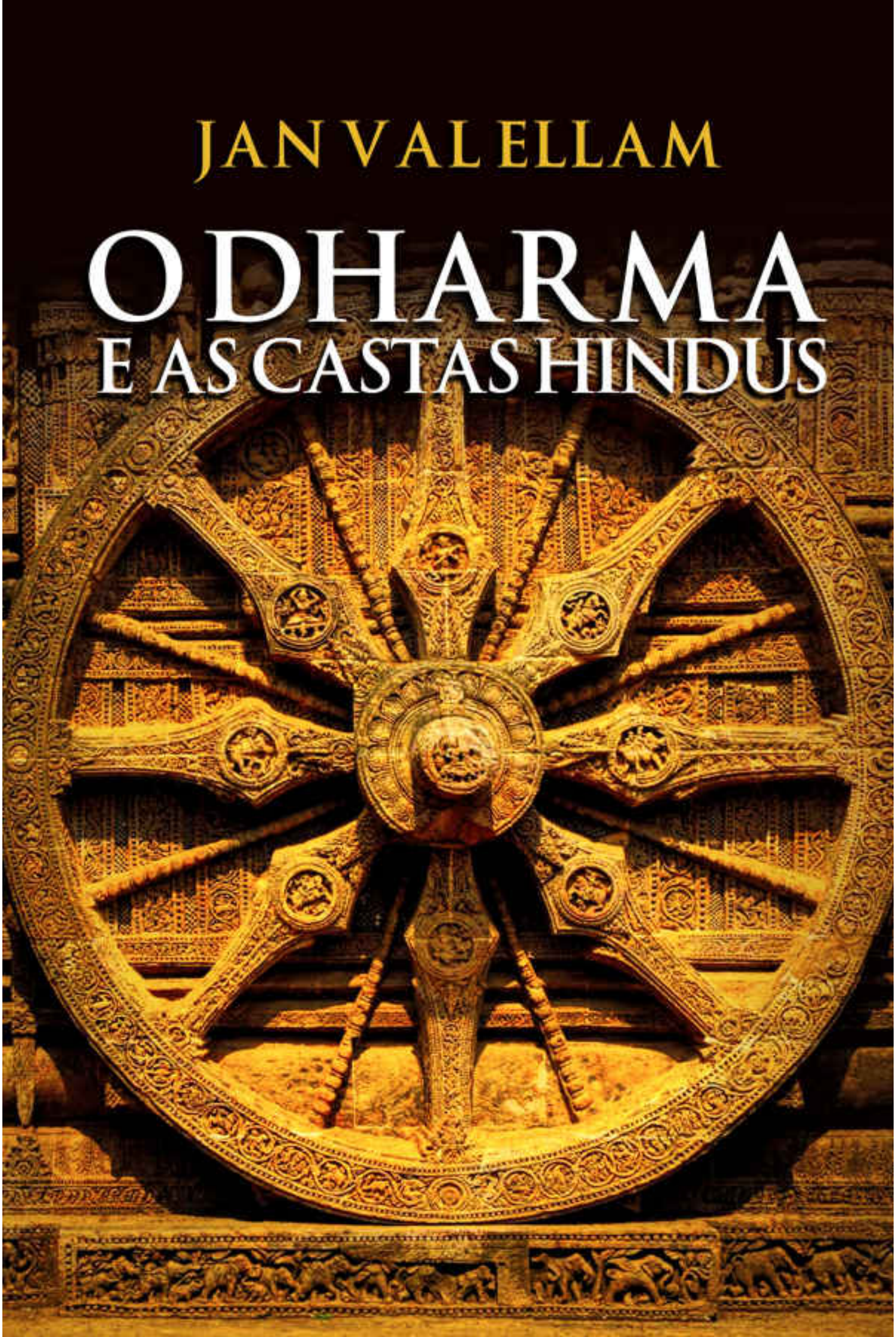
JAN VAL ELLAM

O DHARMA E AS CASTAS HINDUS



O DHARMA E A CASTAS HINDUS

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



SUMÁRIO

Introdução

1. A Esquecida Cultura Demoníaca
2. O Fator Dharma
3. Entroncamentos Genéticos Intersiderais
4. As Castas Trimurtianas
5. Transição para a Cultura Humana
6. O Homo hierarchicus
7. A Genética Totalitária
8. Cultura Humana: Legado Incompreendido
9. Além das Castas

Notas Explicativas
Sobre o Autor
Projeto Orbum
Roteiro de Livros
IEEA

"Faça um favor a você mesmo: pense!
Mais um: descondicione-se!
Por fim: emancipe-se!"

JAN VAL ELLAM

INTRODUÇÃO

Bem antes das cortinas do teatro da vida serem abertas para que os atores humanos começassem a encenar a peça do mistério das suas existências, outros personagens, agora desconhecidos, já haviam atuado por aqui.

Neste palco planetário, cujo diretor parece ter iniciado um projeto, mas dele ter se arrependido, o que o fez nunca mais retomar o rumo pretendido, inteligências bem anteriores à dos humanos encenaram a vida nos painéis possíveis ao modo de ser que lhes era então comum.

Muito do que fizeram viria a ser herdado, mais tarde, pelos desavisados humanos que, até os tempos atuais, aplicam sobre si mesmos uma estranha disciplina existencial que havia sido criada para impor certa contrição de ordem educativa às diversas classes de "demônios feito gente" que, então, dominavam a cena terrestre.

"Demônios feito gente"? Sim, porque haviam outras classes de "demônios feitos bichos", "demônios feitos entes vegetais", "demônios feitos entes minerais", e não termina aqui a ordem de aparentes esquisitices que uma tosca evolução demo veio a produzir entre seus pares.

Lendas, mistérios e muitos painéis mitológicos nos afastam daqueles dias em que o gênero "demo", em rumo de transição para uma "humanização" a ser praticada, vendo ser impossível a concretização desse processo, optou por influenciar o máximo que podia o que, para eles, foi uma novidade inesperada quando se viram obrigados a deixar ao novo gênero surgido na natureza terrestre – o *Homo* – a responsabilidade de traçar o destino do *modus vivendi* terráqueo. Isso somente se deu quando perceberam que os humanos jamais se deixaram dominar completamente, ainda que criminosamente condicionados e influenciados.

Os véus, agora, começam a ser descerrados para que um vislumbre, ainda que breve, do que existia naqueles tempos possa facilitar a compreensão humana quanto ao terrível equívoco que se tornou um hábito infeliz, que foi o de aplicar, sobre a natureza humana, um rígido sistema de leis e de conduta que era, então, destinado a um outro tipo de psiquismo – o demo –, aquele sim, provavelmente necessitado de tamanha corrigenda comportamental.

Que um dia as reflexões aqui semeadas possam ser úteis aos amados irmãos e irmãs que jornadeiam pelas terras da Índia, país que,

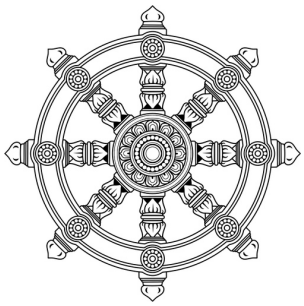
nesta vida, conheci em 2000, quando estive em Mumbai (antiga Bombaim), Bangalore, Puttaparthi e arredores.

Fui à Índia para estudar o hinduísmo e ver a prática da cultura védica, do *ahimsa*, e, principalmente, para verificar o grau de influência dos "*Upanishads*" – comentários filosóficos sobre os "*Vedas*" – na vida do hindu de classe média. Naquela oportunidade, observei as pessoas, conversei com alguns comerciantes locais, e visitei o *ashram* de Sai Baba.

Atlan, 4 de maio de 2018

Jan Val Ellam

A ESQUECIDA CULTURA DEMONÍACA



Antes do homem e mulher racionais surgirem para a vida – não é pleonasmo, pois existem outros entes, assim classificados, vivendo em certos mundos, mas que não apresentam o nosso grau de racionalização –, grupos de extraterrestres e algumas famílias demoníacas extrafísicas (seres habitantes de um universo paralelo ao nosso) residiam na Terra, convivendo com os ancestrais humanos.

Tidos como deuses, tanto os extraterrestres como os extrafísicos foram se aproveitando da ingenuidade dos nossos primeiros pares, do mesmo modo que atualmente fazemos com a inocência de algumas das espécies da natureza terrestre, as quais adestramos e, até mesmo, das quais nos alimentamos.

Durante muitos milênios anteriores ao dilúvio, existia um conjunto de informações que foram lentamente colecionadas tanto da cultura extraterrestre (por exemplo: a dos *nephelim*, seres biológicos, referidos na Bíblia) quanto da demoníaca (como a dos seres demonizados, extrafísicos, tidos como deuses da mitologia grega), que sempre foram mantidas "longe" da curiosidade dos nossos ancestrais, para que assim pudessem ser tidas como "sagradas" frente ao desavisado psiquismo humano.

Somente poucos, dentre os recém-surgidos *Homo sapiens*, detinham, então, o "privilégio" de conviver mais de perto com esses seres, fosse no aspecto extradimensional (os deuses do Olimpo ou do "céu de Zeus", como consta na versão da mitologia grega, também conhecidos como os deuses do "céu de Indra", conforme registrado na versão védica, por exemplo) ou mesmo no aspecto extraterreno (os *anunnaki ou nephelim,* fixados na Suméria, por exemplo).

Tanto uns como outros foram tidos como "deuses" e muito interferiram no desenvolvimento da espécie *Homo sapiens* ao longo dos

milênios. Em outras palavras, os então considerados **"deuses"**, tanto os **de origem extraterrestre** (advindos de mundos deste universo biológico) como os **de origem extrafísica** (advindos de moradas que compõem o já referido "universo antimaterial demo", paralelo ao nosso), terminaram por interferir nos eventos da evolução da espécie humana terráquea – assim dito porque, como já explicado, existem outras "espécies humanas" com graus de consciências diferentes do que caracteriza a nossa natureza psíquica, habitando mundos diversos deste universo biológico.

Na distorcida visão que atualmente marca a ainda desavisada lógica humana quanto ao passado, a expressão "deuses" é mal compreendida não só pelos que simploriamente os jogam na vala comum da mitologia, onde tudo o que é incompreensível ali parece se ajeitar bem, como pelos que, mesmo admitindo o "mistério" por trás do conceito, generalizam a sua compreensão apontando esses deuses como sendo "seres de fora".

Aqui, implica a inquietante admissão de uma dupla possível origem – que também não deixa de ser simplória –, para explicar a expressão "de fora", porque não se deve somente entender, nessa condição, os tais seres extraterrestres, pertencentes a um mundo qualquer deste universo material. Além dessa componente, existe ainda a outra, também já referida, que aponta para seres pertencentes a um **"gênero demo", cidadãos de moradas situadas em outras dimensões, que parecem ter tido, no passado, uma estreita ligação "aberta" com a Terra** e, em situação mais abrangente, com a nossa própria faixa de realidade universal.

Mitologias diversas confundem os que tentam compreender as múltiplas narrativas de seres que usavam naves, mas também de uns outros que voavam sem artefatos, modificavam os seus corpos à luz dos olhos alheios, e eram aparentemente deformados, ostentando poderes mentais, enquanto outros, destituídos destas faculdades da mente, apresentavam tão somente os equipamentos tecnológicos que possuíam.

Muitos estudiosos sérios apresentam **relação de semelhança** entre **Enlil** e **Zeus**. Entretanto, **Enlil** é um ser que veio de outro mundo, com vida biológica, e que seria um astronauta *anunnaki* (linguagem acadiana) ou *nephelim* (linguagem suméria) em missão na Terra, enquanto **Zeus** é um ser demonizado e já "nascido" no orbe terrestre, no seio de uma família de seres demos, cujos membros residiam numa morada astral/celestial chamada Olimpo, e dela podiam se deslocar para o nosso

palco planetário. Portanto, convenhamos, são situações bem distintas; **são seres diferentes**, porém, muitos pensam se tratarem do mesmo personagem, porque assim apontado por excelentes estudiosos do assunto.

Apesar do respeito que tenho pelos autores e, em especial, pelas magníficas obras – como os diversos livros de Zecharia Sitchin[1] – que dão suporte às deduções dos estudiosos, penso ser de todo prudente que não "fechemos conclusão" sobre essa questão, pois a mesma ainda está por ser avaliada na magnitude da somatória de todos os seus elementos, alguns jamais considerados até o momento, o que **fragiliza as asserções definitivas sobre um assunto que ainda precisa ser melhor apreciado pelas futuras gerações humanas**.

Alguns autores traçaram paralelo entre Javé e Enlil, Enlil e Zeus, Enki e Prometeu, Enki e Lúcifer, Zeus e Odin, mas nada disso corresponde ao que, correta ou equivocadamente, estou sendo obrigado a descortinar por força dos fatos.

Não é objetivo do presente livro avaliar qual ou quais das mitologias podem ser comparadas, como, por exemplo, afirmar que Zeus realmente era o mesmo deus ariano/hindu Indra, e que as histórias gregas e hindus correspondiam aos mesmíssimos personagens, apesar das particularidades de cada uma delas. Contudo, pelo que me foi dado perceber, e pelos fatos que sou obrigado a vivenciar, essas duas correntes mitológicas têm, sim, algo em comum que as torna singulares: ambas descrevem ocorrências relativas a, principalmente, seres demonizados e sobre seu poderio tecnológico em um **tempo em que esses pensavam que se estabeleceriam definitivamente na Terra e que a dominariam para a posteridade**.

A **mitologia suméria**, em contrapartida, refere-se praticamente, em toda a sua totalidade, a **seres extraterrestres** que aqui aportaram por meio de suas naves – como tão bem decifrado por Zecharia Sitchin em suas obras, dentre outros autores e estudiosos que, no século XIX, começaram a decifrar a escrita suméria e, desde então, já apontavam essa possibilidade. Contudo, não há mitologia "pura" em relação a essa aparente dicotomia (seres de fora = extraterrestres + extrafísicos), porque nenhuma delas foi escrita em um só momento, em um mesmo período histórico, o que sempre propiciou a que narrativas posteriores fossem acrescidas, conforme o "tirocínio das épocas". Esse aspecto, dentre

outros, desfigurou por completo certos compêndios, devido à mistura de situações e de contextos que, na verdade, encontravam-se apartados.

Como o pensamento atualmente reinante entre os estudiosos mais avançados defende a tese de que somente havia uma civilização extraterrena atuando por aqui, criou-se essa busca natural pela compreensão em torno da necessária relação de semelhança entre os deuses de todas as mitologias, o que jamais poderá ser feito a contento.

A **mitologia egípcia**, por exemplo, **parece ter assimilado as duas componentes mais fortemente que as demais – ou seja, os contextos extraterrestres e extrafísicos, ainda que tenham ocorrido em momentos distintos, foram tratados como um único**. E, aqui, cito esse fato tão somente para "fechar o raciocínio" sobre o porquê de ser perigoso estabelecer conclusões a partir de páginas de um tempo cuja compreensão correta simplesmente torna imprestável o "enredo" criado pelo classicismo histórico a respeito da maneira como vemos o passado, em detrimento do verdadeiro panorama ancestral que ainda precisa ser prudente e ousadamente descortinado.

Enfim, convido a que não venhamos a dar como "certo" ou "verdade" o que a espécie humana ainda precisa descobrir.

Isso implica reafirmar que estas páginas deste livro tão somente devem ser vistas como mais uma modesta tentativa de descortinar o véu que cobre o viés mitológico de muitos buscadores da verdade cujas lentes ainda se encontram poluídas pelo cientificismo exacerbado ou pela "fé produtora de deuses", na qual tudo que vem do passado ancestral, pode ser transformado em religião.

De tudo o que busquei refletir nestas páginas, tão somente proponho a quem as leia é que admitamos uma premissa nova perante o que, até o momento, se encontra posto como sendo a "verdade sobre o passado".

Refiro-me a **uma "cultura" advinda do conhecimento desses dois focos civilizatórios do passado**, ou seja, os legados dos seres extraterrestres e dos entes extrafísicos, cujos fragmentos chegaram até os tempos modernos sob a égide do já citado viés mitológico, tão presente no psiquismo de todos nós, condicionados que fomos a considerar todo esse acervo como sendo "inverdades" literárias, habilmente inventadas pelos nossos antepassados, para fins diversos – assim afirmam os principais estudiosos autoaclamados autoridades no assunto.

Nos meus estudos, tenho chamado a **componente cultural extrafísica** de **"demodhármica"**, pelo fato da mesma pertencer à **"cultura demo"** e se encontrar vinculada ao conceito de **"*dharma*"**, sobre o qual me referirei mais adiante.

Desses dois focos, o extraterrestre e o extrafísico, proponho abordar esse último no presente estudo, para nele poder ressaltar o **"elo perdido" que une um "passado demo esquecido" a um "presente inquietante"** – e aqui me refiro exclusivamente ao aspecto absurdo do conceito das castas hindus, e em pleno século XXI.

Estranhamente, até figuras singulares – como **Sai Baba** – **apoiaram ou justificaram a existência das castas**, o que se me afigura um **contrassenso espiritual**, difícil de ser explicado, mas de cuja abordagem e análise não fugirei.

Aos olhos dos hindus – e de quem tem olhos no Ocidente e no Oriente para enxergar o significado dos avatares da *Trimurti* e suas missões na Terra –, **Sai Baba é um avatar de Shiva**, e penso que **engendrado à moda de Krishna**, ou seja, com o mesmo nível de consciência que estava por trás do Senhor Krishna, que foi um outro avatar de Shiva, urdido em tempos remotos.

Em relação a essa questão há, ainda, controvérsias de toda ordem entre os seguidores de Krishna, que o têm como avatar de Vishnu – mas pouco importa para a nossa abordagem.

Defendo a tese de que, o que resolve essa questão que divide os seguidores de Vishnu de um lado, e os adeptos de Shiva do outro, é o fato de **Krishna ser um avatar *keshava*, ou seja, engendrado a partir do código de vida misturado dos três Senhores da *Trimurti*** – a saber, Brahma, Vishnu e Shiva, os "Deuses *Trimurtianos*".

Os hindus, efetivamente, se acostumaram ao sistema formatado das suas crenças e nele vivem há milênios, do mesmo modo que outros países também se acostumaram à desgraça moral e material que vai distanciando ricos e pobres cada vez mais, isso no âmbito material. No aspecto moral, tenho me perguntado se existe mesmo algo que nos separe, enquanto membros de uma só família planetária.

A dimensão do **drama humano** que se vê na atual Índia somente encontra alicerce no fanatismo religioso e, paradoxalmente, na beleza do que esse sentimento fundamentalista produz no campo da resignação.

Beleza? Para muitos, sim, porque mantém a vida fluindo nas condições miseráveis em que muitos hindus se encontram e, ainda assim, sem maiores revoltas e altercações. Se acontece desse jeito porque é a vontade de um "deus", um hindu vai fazer o quê, se ele acredita que aquilo é seu *Karma*?

Por que o paradoxo? Por que conceitos belíssimos como **"*ahimsa*"** – não violência sob nenhuma forma de expressão, seja oral ou atitudinal – foram transformados em ferramenta de controle, ou mesmo já nasceram, conforme veremos adiante, como se fossem para dar "sustentação genética" ao genoma daqueles que viriam, depois, a compor as castas.

1ª Constatação:

Ou foi em nome do progresso ou alguém se aproveitou do belíssimo conceito da *ahimsa* para, por meio dele, condicionar indivíduos a adquirirem ou apropriarem certas posturas de "contrição pessoal", único modo de educar personalidades arrogantes, renitentes e empedernidos em comportamentos execráveis.

Estudando a Índia e a maravilhosa concepção dos seus pressupostos filosóficos, tive a impressão que a "alma do mundo" estava ali, na sua espantosa **linhagem sacerdotal** formada por seres especialíssimos que, desde tempos lendários, imemoriais, **mantiveram acesa a luz de diversos esclarecimentos** para o progresso das pessoas.

Assim foi e é porque o **Senhor Shiva, por meio dos seus avatares**, estabeleceu um **processo contínuo de esclarecimento e de ensinamento para os que viviam na Terra**, que no princípio eram criaturas não humanas, ainda que racionalizadas em certo grau, e que vieram a ser tidas como "deuses" pelos próprios humanos, que mais tarde surgiram. Contudo, por terem emergido como espécie do gênero *Homo* no meio desse contexto, os humanos herdaram os ensinamentos veiculados por esses seres não humanos para os seus pares que, então, habitavam no planeta.

A partir dessa coexistência de gêneros distintos, muitos mal-entendidos começaram, então, a ser colecionados na nascente cultura humana.

O primeiro equívoco foi o de **confundir essa dimensão extrafísica ou esse universo paralelo com a realidade espiritual**, que se encontra

para além desses dois gomos universais da Criação indevida – que surgiu a partir da singularidade que, por meio do "Big Bang", deu início não somente à componente universal, na qual vivemos, mas também à dimensão demoníaca.

O outro grande mal-entendido, dentre muitos, foi o já ressaltado **condicionamento psicológico de chamar de "deus" o que não é humano**.

Os assim chamados "deuses" repassaram para a humanidade o legado noticioso no qual eles eram importantes e os humanos irrelevantes, do mesmo modo que hoje, na cultura humana, nós somos superiores, mas consideramos os animais racionais bem menos que nós ou sem nenhuma importância.

2ª Constatação:

Um dos aspectos da questão é que os humanos tão somente herdaram um sistema operacional de vida que, originalmente, foi criado para os seres de têmpera demoníaca, que aqui imperavam antes da espécie *Homo sapiens* se transformar na herdeira do legado planetário.

Ao perceber, porém, que toda a minha alegria por ver algo especial – um padrão espiritual de conduta superior, do tipo "*ahimsa"* – acontecendo nos tempos atuais, ao me defrontar com o conceito equivocado de castas defendido por uma alma do porte de Sai Baba e, depois, sendo obrigado a conviver com alguns seres que sempre considerei mitológicos, o alicerce da minha compreensão, até então construída, desmoronou.

Tive, por força dos fatos, que abrir os olhos para o que se tornara óbvio, e é por isso que este e alguns outros livros de minha autoria foram produzidos, **abordando o equívoco do sistema de castas entre os humanos terrestres, estabelecido como verdade na Terra, por esses seres que sempre se consideraram "donos de verdades reveladas aos humanos"** e, também, o não menos inquietante aspecto **deles mesmos sempre se apresentarem, nas suas formas avatáricas – Rama, Krishna, Jesus, Shankara, Sai Baba, dentre outros -, como agentes desse processo**.

O equívoco é sutil, porém, profundo e desconcertante.

Sutil porque repousa tão somente na confusão que a interpretação moderna dos fatos do passado hindu produz ao **confundir seres da**

têmpera demoníaca – por avançados que fossem – com pessoas humanas, quando da leitura de clássicos hindus como o "*Ramayana*" e o "*Mahabharata*".

Profundo porque esse engodo tem aviltado o modo de vida de muita gente – esses avatares, contudo, afirmam ter sido e ser ainda positivo o que fizeram, pois a situação humana podia ser muito pior – com o direcionamento da vida de bilhões de pessoas que têm passado por este mundo, fanatizadas em crenças de têmpera demoníaca, **em que o poder mental tem sido confundido como sendo o poder espiritual do verdadeiro Deus** e das potências divinas que se situam além das questões de Brahma, Vishnu e Shiva, na geopolítica da *Trimurti*.

Desconcertante porque esses Senhores da *Trimurti* se pensam "deuses", e suas formas avatáricas também, porém, de fato, eles não são. Contudo, os seus legados filosóficos, como os de um Krishna, de um Jesus e de um Sai Baba são o que de mais belo o sentimento religioso, atrelado ao seu respectivo compêndio filosófico, conseguiu produzir e semear na Terra.

Primeiro, a implantação do sistema de castas se deu quando os **seres demo-homos – classes de seres híbridos, com genética demo e homo –** viviam na Terra, e, mais tarde, ocorreu quando os humanos ficaram sozinhos e herdaram toda a tradição dessa cultura demo-homo.

Apesar da beleza que encontro no "*Bhagavad Gita*", nos evangelhos dos seguidores de Jesus e nos ensinamentos de Sai Baba, **continuo a procurar a "alma do mundo", só que livre dos germes da têmpera demo** – que penso saber existir em tudo o que as formas humanas (os avatares) desses seres realizaram.

3ª Constatação:

Todos esses avatares, devido à questão da "genética-demo" impressa nas suas mentes, ficaram inapelavelmente rendidos às necessidades da geopolítica da *Lila*, o que sempre os impediu de enxergar a realidade universal quando, aqui, estiveram sob a forma humana.

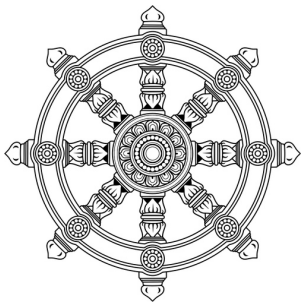
Um dos aspectos mais dolorosos desse panorama que envolveu o lento progresso humano foi o de **que esses avatares sempre deixaram em segundo plano a virtude filosófica do que eles mesmos ensinaram aos terráqueos, na medida em que subordinaram as suas estratégias aos fins pretendidos.**

Foi terrível para este escrevente perceber tal coisa!

Com essa incongruência carimbada em suas faces e nos seus legados, **demonstraram ser possuidores do diploma da "velha e borrenta incompetência demo" de pretender ensinar o que nem eles mesmos conseguiam praticar.**

A questão das castas é tão somente um dos perturbadores aspectos desse triste legado, como veremos adiante.

O FATOR DHARMA



Talvez poucas expressões da atual linguagem humana "escondam" – no seu significado e no contexto em que ela surgiu – tantos mistérios como é o caso de "*dharma*", ainda que muitos pensem que a compreendem profundamente.

Desde que me defrontei com os intrigantes aspectos vindos da minha não menos enigmática convivência com seres que se apresentavam como "Senhores do *Dharma*" – os mesmos autoaclamados "Senhores da *Lila*", da *Trimurti* hindu – comecei a, indubitavelmente, desconfiar de uma coisa: se o "*dharma*" fosse o painel mental sobre o qual aqueles seres se apoiavam para compor toda a interpretação que o conhecimento moderno tem sobre as consideradas escrituras sagradas vedas hinduístas, **essas precisavam ser revistas**.

No livro "*A Arte de Se Salvar*", de Nilton Bonder[2], é apresentado um diálogo entre um discípulo e um rabino, em que o primeiro diz:

"— Há vinte anos que me esforço e não alcanço a realização de um artesão que se torna mestre de sua arte, seja pela criação de algo de melhor qualidade ou de algo que seja feito com maior eficácia e rapidez. Da mesma forma que era há vinte anos, assim sou hoje".

Respondeu, então, o rabino:

"— Veja o caso de um boi, por exemplo. Todo dia, pela manha, ele sai do seu estábulo, vai para o campo, ara a terra e é levado de volta ao seu estábulo. Isso é feito dia após dia e nada muda em relação ao boi – porém, a cada ano, a terra arada dá a sua colheita".

Nilton Bonder comenta que *"nossa vida não é celebrada por qualquer diplomação ao concluirmos o currículo que imaginamos para ela", afirmando que, "no boi em si, a vida não celebra, mas regozija-se de seus campos".*

Conclui dizendo que "*o desejo do discípulo de estar se aperfeiçoando como se estivesse esculpindo a si próprio, é uma ilusão. São os campos arados, ou seja, nossos feitos que terão impacto sobre nós mesmos e sobre o mundo*".

Discordâncias à parte que tenho em relação a essa sua última afirmação, ressalto, na 4ª Constatação, o seu aspecto mais importante para mim.

4ª Constatação:

A vida universal parece se utilizar da abelha, do boi, do homem e de tudo o mais que é vivo para se aproveitar dos "feitos", das "realizações" que cada porção de consciência particularizada, racionalizada ou não, esculpe nos elétrons que constituem os seus corpos, os seus veículos de expressão.

E, na vida universal, tudo se transforma porque a entropia, dentre outras forças, parece forçar o elétron "imortal" a se movimentar, carregando a informação que, a todo momento, o mesmo absorve na sua capacidade quântica de assimilar e gravar "tudo" o que ele vivenciou desde os primeiros microinstantes da Criação Universal.

Para onde essas informações são direcionadas? Um dia, a função dos "buracos negros" será melhor compreendida – inclusive pelos próprios cientistas –, pois que, por meio deles, a informação produzida no universo biológico é repassada para o universo demo.

Assim, por ser "imortal" – pelo menos no âmbito temporal da existência do universo em que vivemos, até que se apague a luz da última estrela do cosmos quando finalizar o seu estoque de hidrogênio –, o elétron seguirá colecionando tudo o que puder ainda vivenciar em corpos como o de aranhas, sapos, leões e seres mais complexos, racionalizados (o humano terráqueo, por exemplo), construindo algo que os cientistas de vanguarda apontam como sendo a "**mente emergente universal**".

Sob essa perspectiva – e esse é um dos motivos pelo qual discordo da afirmação de Bonder, que acredita que o homem não esculpe nada em si mesmo ao produzir para a vida seus melhores ou piores conteúdos –, o assunto se torna extraordinariamente mais profundo, o que nos permite uma análise, vamos dizer, fatiada, segmentada da indagação da importância ou não da ação de cada ser vivo, enfim, **da função da vida de cada um de nós**.

A crença atual dos hindus mais esclarecidos define o **conceito de "*dharma*" como sendo o "dever sagrado" de cada ser**. Entretanto, a questão é que o contexto mais amplo em que esse conceito se insere diz respeito a um tempo em que o mesmo foi criado por um avatar chamado Krishna, e aplicado como fator de organização político-social para uma raça singular, intermediária entre certo segmento genético de **algumas das classes de seres não humanos – que eram considerados como "deuses" e "semi-deuses" – e a dos "homens"**.

5ª Constatação:

Nos tempos em que o estabelecimento dessa regra de conduta se deu, bem antes ao da grande devastação ocorrida há cerca de 13 mil anos, existiam diversos povos não humanos, pertencentes a um "tipo de gênero" que atualmente não mais existe.

O mesmo foi derivado de alguns descendentes de uma genética extrafísica – genética demo – que, por muito tempo, perambulou pelo planeta Terra, enquanto seus portais ainda se encontravam "abertos", permitindo aquele tipo de trânsito.

Os seres que disso se serviam eram, em origem, antimateriais, cujos corpos se revestiam de um tipo de "materialidade" que os tornava "habitantes naturais" deste universo biológico por um determinado tempo, ainda que aqueles corpos não pudessem ser facilmente assim classificados, se comparados com os dos humanos.

Apesar de muitos deles serem sexuados e de possuírem um "padrão de biologia" ativo nas suas formas corporais, existia "algo mais" em termos de circuito vital e de possibilidades neuronais nos seus cérebros, que provocavam **padrões de convenções mentais** algo diferentes das que se percebem atualmente nos humanos.

Esses **algoritmos plenificados**, por se sustentarem em **áreas de uma genética muito mais voltada para a expressão do poder mental demoníaco, então existente**, que foi preponderante em muitas das fases de uma desconhecida história universal para os humanos – mas que compilada como uma **"cultura demo"**, por enquanto desconhecida para a humanidade, ainda que muitas das suas faces estejam registradas no que, pelos humanos, foi tachado de mitologia – permitiam expressões de poder do tipo demo e que eram profundamente estranhos ao padrão que os humanos da atualidade consideram como aceitável ou normal.

Essa raça de semideuses, cujo padrão "biodemol"[3], adornado das características "homos", foi o ápice desse gênero existencial, terminou se "**especiando"** – em linguagem simples, é quando uma espécie sofre mutações e gera subespécies a partir do seu genoma original – **em muitos povos que se espalharam pelo lendário continente hiperbóreo**, no extremo Norte, no norte da Europa e da Ásia, sendo que, mais tarde, alguns desses povos se estabeleceram também mais ao sul.

Para melhor organizar aquelas **etnias híbridas**, o "Senhor Krishna" consumou algo que Manu – alguém que viveu bem antes dele – havia adotado há muito tempo para os seus contemporâneos, os ancestrais desses seres híbridos, que foi o conceito de organização de uma **"sociedade demo-homo"** que primava por dividir os indivíduos de acordo com o **"*varna*"** que, naquela época, significava a "**marca do ser"**, o **principal talento natural** de um ente com algum padrão demo no seu genoma.

Apenas para esclarecer, de acordo com as tradições hindus, Manu foi o grande mentor e legislador da humanidade, chamado também de Manu Vaivaswata, considerado o progenitor da espécie humana, um filho de Surya, um dos deuses do panteão védico.

Segundo alguns estudiosos, Manu corresponderia a Adão ou mesmo a algum dos seus descentes citados na linhagem bíblica dele desdobrada, ou seja, Seth, Enos, Cainan, Malalahel, Jared, Enoch, Matusalem, Lamech, Noé, seguindo até Abraão e seus descendentes.

Enquanto um ser humano pode apresentar a riqueza de ostentar **múltiplos talentos** e bem expressá-los, um ser daquela raça de ex-demos, misturada à nascente genética humana então existente, somente conseguia e consegue portar **um talento específico** que o identifique perante a "lógica" da sua espécie.

Assim, se um desses seres híbridos "acontecia", "surgia" ou mesmo "nascia" para a vida na Terra, ele trazia consigo uma característica principal que o alinhava com determinados grupos, **o que foi levando a sociedade deles a compor as castas ou "varnas"**, cumprindo a lógica da maior eficácia de contribuição de cada ente para a comunidade.

Afinal, se um ser "demo-homo" tinha talento para a força bruta e era detentor de habilidade guerreira, alguém assim não seria destinado a lavrar a terra ou a estudar as escrituras pois teria que ser um ***kshatrya,***

um defensor do "*dharma*", ou seja, **um agente do dever sagrado de defender o "bem"** da sua comunidade.

Isso facilitaria, àquele povo híbrido, viver com honra, cada um cumprindo os deveres *(dharma*) e voltados para o "bem social".

Se alguém, de modo diferente, trazia consigo talento para a reflexão profunda, tornava-se um **brâmane**, com o dever de estudar e de propagar as escrituras, cujo teor, por sua vez, deveria ser protegido pelo *dharma* ou dever sagrado dos *kshatryas*, de proteger o "bem". Desse modo, as castas iam aglutinando as suas contribuições em torno do progresso de todos.

Todos quem? Os tais seres da etnia híbrida em questão!

Quando os humanos (gênero *Homo* e espécie *sapiens*) surgiram, porém, eles nem mesmos estavam previstos na organização das castas porque sequer eram do gênero que gerou esses conceitos.

Tidos, então, mais como animais do que propriamente como seres com direitos, os primeiros humanos foram se tornando os "párias", os que não encontravam lugar adequado naquele tipo de sociedade.

Naqueles tempos, os **seres híbridos poderosos pensavam que herdariam a Terra** e **tinham os humanos como animais de carga, de estimação ou como força bruta para seus exércitos** – e isso o faziam com a mesma "tranquilidade psicológica" que nós matamos e nos utilizamos de todas as demais espécies ao nosso redor.

Enfim, foi o "dever sagrado", vinculado ao *dharma* de cada casta, o **método disponível e possível de ser aplicado, naquela época, ao progresso daqueles povos híbridos** que, então, surgiram como produto da associação de uma genética demo com outra, de ordem extraterrestre, sendo ambas já misturadas com a genética (muitas vezes, manipulada intencionalmente em certas áreas do genoma humano) dos homens e mulheres terrestres que começavam a ocupar os seus espaços na periferia do progresso dos poderosos seres híbridos.

Assim, no passado, o **modelo pedagógico vinculado ao *dharma*** foi se estabelecendo e, finalmente, introduzido em algumas classes de demos e de seus descendentes ou desdobramentos híbridos, passíveis de algum padrão de evolução.

Esse modelo se utilizara da única faculdade possível de ser psiquicamente trabalhada na natureza demo, que era a questão do que,

hoje, os humanos entendem como "honra", porque estava na "honra do *dharma* cumprido", ou do "dever sagrado cumprido", a "paz" e a "satisfação" do psiquismo demo evoluído.

Por que esta faculdade era o único gatilho psicológico possível de evoluir na mente demo? A resposta parecerá simplória, mas, somente no futuro, esse assunto poderá ser melhor compreendido e aprofundado. O gatilho diz respeito ao fato de que, no genoma demo ou, pelo menos, de muitas de suas classes, a área que nele pode mais facilmente ser mentalmente "movida" ou mesmo modificada e evoluída pelos fatos repousa no conjunto do que fortemente os demos sentem – ainda que de modo deformado – sobre o que, para os humanos, seriam os "sentimentos" de orgulho, de vaidade, de soberba e de arrogância, dentre outros aspectos doentiamente afetados da mente demoníaca.

Exatamente sobre essas componentes, a questão da **"honra pessoal demo" foi longamente trabalhada** como sendo a mais nova convenção mental a ser assumida pelos "demos louváveis", dignos de serem "endeusados" por entes menores.

Com o tempo, a "palavra dada" entre eles, como tudo o mais da natureza demo, passou a ser levada a extremos tais que, no próprio "*Mahabharata*", vê-se um episódio que, para a lógica humana seria absolutamente inaceitável, mas que, para a cultura demo, era e é o lado correto da história.

Extravagante, como tudo no modo de vida demo parece ser aos olhos humanos, a honra presente no psiquismo daqueles seres obrigava-os a jamais voltar atrás em qualquer coisa dita, tão valiosa era a palavra proferida. Por isso, no "*Mahabharata*", encontra-se narrado o caso da rainha Kunti que, por força do que ela expressou pensando tratar-se de outro assunto, terminou por determinar e obrigar a que todos os seus filhos pândavas tivessem que "repartir" uma mesma esposa, chamada Draupadi.

Exagero? Para nós poderá até parecer, mas não para o modo de viver daqueles povos.

Observemos a versão do "*Mahabharata*"[4], do autor Krishna Dharma, no início do capítulo denominado "*Um Reino Dividido*":

"*Kunti esperava sozinha pela chegada dos filhos, na cabana do ceramista, e se sentia ansiosa. E se eles fossem descobertos? Duriodhana e seus irmãos certamente estariam no swayamvara. Se*

vissem que os pândavas estavam vivos, provavelmente tentariam matá-los. Kunti se lembrou das predições de Viasadeva. Com certeza o famoso sábio não erraria, mas o destino sempre lhe parecera difícil de ser sondado. O Senhor Supremo era o único controlador – e ninguém poderia conhecer os seus planos.

Kunti se mantinha ocupada preparando o jantar dos filhos. Enquanto caminhava pela cabana, de repente ouviu a voz de Arjuna, que a cumprimentava: "Querida mãe, estamos de volta. Venha ver que esmolas excelentes recebemos hoje!"

Sentindo-se aliviada, Kunti respondeu: "Estou feliz que estejam a salvo. Dividam as esmolas igualmente entre os cinco."

Então, Arjuna entrou na cabana com Iudístira. Draupadi entrou no meio dos dois, e quando Kunti a viu, ficou desolada: "Oh, o que foi que eu disse?" A rainha kuru sentiu que seus princípios religiosos estavam ameaçados, pois ela valorizava a verdade acima de tudo. Nem de brincadeira se permitia falar uma coisa que não fosse verdadeira. Mas já tinha dito que os filhos deveriam repartir Draupadi. Como isso seria possível? Nenhuma mulher poderia ter cinco maridos. Ela olhou preocupada para Iudístira.

"Não se preocupe, mãe", Iudístira respondeu. "Você certamente se salvará do pecado."

Iudístira se dirigiu a Arjuna: "Foi você quem ganhou a mão da princesa em casamento e, assim, deve tomar sua mão em sagrado matrimônio."

Arjuna olhou para o irmão, horrorizado. "Por favor, não me considere um pária sem princípios! Que homem virtuoso aceitaria a mão de uma mulher na presença de seu irmão mais velho solteiro? Você é que deveria se casar com ela, não eu. Depois de você, Bima deveria se casar e só então eu, e finalmente os gêmeos."

Nesse momento, os outros pândavas entraram na cabana e, ouvindo as palavras de Arjuna, olharam para Draupadi, que sorriu e lhes devolveu o olhar. Todos os cinco irmãos sentiram que seus corações saltavam no peito e a mente se coloria. A princesa punchava brilhava de beleza, enchendo a cabana com o perfume natural de seu corpo. Os irmãos não podiam despregar os olhos dela.

Vendo a condição em que os irmãos de encontravam, Iudístira temeu que Draupadi trouxesse a desunião entre eles. Depois de refletir por alguns momentos, disse: "Esta moça casta deverá se tornar a esposa de todos nós. Essa foi a ordem dada por nossa mãe e acredito que era isso que Viasadeva queria dizer quando nos falou do destino dela."

Na época, os irmãos tinham apenas imaginado o que o sábio queria dizer com aquelas palavras, mas agora compreendiam. Todos ficaram felizes, pois Draupadi era um prêmio acima de qualquer comparação."

Numa outra versão do "*Mahabharata*"[5] – existem diversas –, o mesmo episódio é recontado da seguinte maneira:

"*Abrindo caminho em meio à confusão, Árjuna encontrou seus irmãos. Juntamente com Dráupadi, foram em direção ao local em que Kúnti optara por ficar, em oração, em lugar de ir ao palácio acompanhar a contenda.*

Dhrishtadyumna, entretanto, os seguia de perto.

Chegando ao local onde estava Kúnti, uma cabana simples, os irmãos resolveram pregar-lhe uma peça:

"Veja, mãe, o que trouxemos hoje", gritaram.

De costas para rapazes, orando, sem se voltar, disse simplesmente:

"Dividam igualmente entre vocês cinco."

Pensou Kúnti que, como estivessem seus filhos disfarçados em monges, que haviam trazido alguma doação, uma esmola. Não vira a garota que estava com eles. Porém, como fosse um tempo em que as palavras precisavam ser honradas, o que ela proferira teria de ser cumprido.

Árjuna, desejava declinar do direito conquistado de desposar Dráupadi, já que era mais jovem que Bhima e Yudhisthira que, por serem os mais velhos, deveriam casar-se antes dele. Yuidhisthira mesmo, por sua vez, e não diferentemente de seus irmãos, sentia-se atraído pela princesa. Assim, decidiu que, de fato, seguiriam o que Kúnti determinara momentos antes: partilhariam Dráupadi entre os cinco.

Dráupadi, vendo a aflição de Kúnti que, não obstante ter explicado o que pensou ao dizer aquilo, continuava angustiada, foi falar-lhe:

"Mãe querida", disse-lhe, "não te preocupes. Acabo de ser abençoada com cinco maravilhosos maridos. Nada é por acaso, e o que disseste diante de Shiva há de ter uma razão e um significado."

A lógica judaico-cristã, atualmente ocidentalizada pelo catolicismo, jamais compreenderá o quanto de aparente mistério existe por trás das narrativas do "*Mahabharata*", que mais nos parecerá sempre ficcional. Contudo, não é!

6ª Constatação:

Essas traduções são recentes e prenhes do inevitável antropomorfismo religioso que transformou seres nascidos no meio do fogo de uma fogueira em homens, mulheres, rapazes e moças, quando eram, na verdade, entes demos e demo-homos que representaram uma transição no mais estranho entroncamento de gêneros já verificado no âmbito da Criação de Brahma (ou de Javé).

Os seres humanos, nos moldes em que hoje conhecemos, correram por fora, ou melhor dizendo, levavam as suas vidas paralelamente ao que se encontra descrito no "*Mahabharata*".

Simplesmente, foram evoluindo sem que as forças dominantes do planeta percebessem ou dessem a devida importância a esse fato.

Naqueles tempos, a missão do Senhor Krishna, um "avatar *keshava*" enviado pelos três Senhores da *Trimurti* – como já esclarecido no primeiro capítulo –, para procurar levar a cabo as providências das últimas etapas históricas, então por eles vislumbradas, era exatamente a de cumpri-las, pois que definiriam, dos povos que por aqui estavam sediados, aquele que, finalmente, herdaria a Terra.

7ª Constatação:

Esse pano de fundo da história descrita nas páginas do "*Mahabharata*" não foi sequer compreendido pelos próprios ancestrais arianos, que a testemunharam de certo modo, e muito menos pelo hinduísmo, que a herdou e absorveu como sendo uma história de deuses, semideuses e se equivocando na tradução final dos fatos ao classificar os protagonistas como seres humanos.

Complicando ainda mais a questão, tradutores ancestrais dentre os humanos, que registraram por escrito as tradições orais dessa antiguidade perdida, a transformaram definitivamente numa "epopeia humana",

quando esse aspecto não corresponde ao que realmente ocorreu, já que essa história nada teve de "humana".

Ressalte-se ainda que, parte do grupo de consciências que trabalharam na edificação dos múltiplos painéis posteriormente colecionados por **Vyasa, o autor do "*Mahabharata*"**, jamais foi de humanos, ainda que assim sejam tidos na atualidade, o que é também um grande equívoco.

No "*Mahabharata*", infelizmente, a questão da "honra demo" é realmente explorada nas narrativas, mas não se explica o porquê daquelas posturas serem tão valorizadas, nem muito menos a razão do extremado zelo da sua prática.

Isso se deveu ao fato da "**honra demo**", tão duramente construída nos seus psiquismos limitados – por desfigurada que pudesse ou possa parecer aos olhos humanos –, **foi a base da "ética demo" sobre a qual a questão das castas foi estabelecida como forma de educação de um gênero cuja destinação parecia ser a de "herdar a Terra".**

Da minha desafortunada convivência com os seres da *Trimurti*, posso testemunhar que pensavam que aqueles seres híbridos "herdariam a Terra" e que era isso mesmo que eles desejavam, ainda que observassem de modo algo atravessado a recém-surgida ética demo.

Ética demo? Sim, pois toda ética traz consigo uma convenção psíquica-mental-cultural que permite a célula maior da coexistência, seja em termo familiar, grupal, municipal, regional, nacional ou mesmo mundial, existir em alicerces compatíveis com a postura dos seus membros ou agentes sociais. Os demos não fugiram a isso, muito pelo contrário, e nós, humanos, deles herdamos essas convenções.

8ª Constatação:

Para que a já referida lógica demo da maior eficácia de contribuição de cada ser para a comunidade, associada ao conceito de *varna*, pudesse vingar, era necessário que essa "contribuição individual" estivesse vinculada à noção da "honra pessoal" como forma de garantir a retidão da conduta pessoal.

O que hoje os humanos entendem por *karma*, surgiu como ensinamento pedagogicamente elaborado para que os demos pudessem vislumbrar a questão de premiação e castigo futuros – mas na época da sua elaboração não era ainda vinculado a vidas futuras, até porque muitos dentre os

demos se julgavam imortais –, relacionados ao bom ou mau desempenho de cada um no exercício da sua contribuição para a casta que pertenciam.

Somente quando os tais povos híbridos – intermediários entre os seres demos e os atuais humanos – surgiram, por muitos dentre eles serem mortais, apesar de longevos, é que **o conceito de reencarnação ou de vidas futuras passou a compor a noção de *karma***.

Assim, desde há muito, o ***dharma* de cada casta, ou o dever sagrado que cada casta deveria cumprir para o bem-estar da sociedade, dependia do dever ou da cota de *dharma* pessoal**, daí o seu cumprimento estar associado à noção de honra, que surgiu como modo pedagógico de propiciar a componente da razão filosófica nas mentes demos, que sempre primaram pelo poder e não de como o mesmo deveria se expressar.

O ***karma*** se estabeleceria naturalmente para a consciência individualizada de acordo com a maneira relativa à expressão do *dharma* pessoal, sempre vinculado ao da casta a que ela pertencesse.

A "honra demoníaca", infelizmente, observando-se com os olhos críticos da lógica humana do presente, padecia da ausência de uma "**porção de sensatez**" – que somente a lógica humana, que viria a prevalecer no futuro poderia produzir, por sua genética destituída de possibilidades de poder mental ativado.

9ª Constatação:

Para bem garantir ainda mais o fiel cumprimento do *dharma* pessoal vinculado à questão de casta, surgiram, finalmente, na cultura demo, as raízes do que hoje nos humanos passou a ser conhecido como religião, quando o "temor" a alguém pretensamente superior foi então assimilado pelos "demos crentes".

Imaginem só!

O condicionamento era total!

A justificativa que esses seres demos deram para que as coisas fossem daquela maneira, chocou-se de tal modo com o que resta da minha sensibilidade que, por muito tempo, relutei em produzir o presente livro, com receio de desfigurar as explicações deles devido aos inevitáveis traços de inconformismo e de repúdio filosófico que tenho ofertado a esses ditos "deuses" – pois que alguns deles assim são tidos, até os tempos atuais, por muitos dos humanos que os veneram, o que,

sincera e obviamente, não é o meu caso, e grande é o meu esforço para não desprezá-los.

Assim me expresso, para deixar claro que muito do que aqui registrarei tem a ver com o que a minha consciência desenganada de qualquer aspecto romântico em relação a sua própria finitude pensa ter constatado ao tempo de uma coexistência com seres que parecem representar forças que pretendem nos dominar e que há muito trabalham nesse mister.

Segundo eles, em algum momento da história humana, precisamente nesses tempos mais recentes, eles desistiram de tal dominação, entregando os pontos ao destino e ao livre arbítrio humano. Tenho cá minhas dúvidas!

De todo modo, o domínio, segundo eles, é para o "lado do bem", ainda que disso eles estejam apartados nas palavras, atos e omissões, pois fazem uso da espécie humana como uma mera experiência biológica em curso – do mesmo modo que nos utilizamos dos nossos irmãos, os animais da natureza terrestre, para as nossas experiências laboratoriais.

Eles também se afirmam "irmãos nossos" e, mais que isso: nossos progenitores!

Seja lá o que de verdade há nisso, tudo o que penso claramente saber, por força dos fatos, é que **os humanos, na sua tradição cultural ariana/hindu, herdaram o sistema de castas que, agora, pesa sobre os ombros dos nossos irmãos e irmãs hindus**. Entretanto, nem sempre foi assim, pois os atuais hindus não foram os "primeiros humanos" a herdarem tamanha excrecência, se vista sob os olhos da modernidade, ainda que figuras como Sai Baba, claramente tenham demonstrado e afirmado não ver excesso nenhum no método organizacional das sociedades humanas – mas, sobre esse aspecto irei me referir nos próximos capítulos.

Em época mais remota, os arianos, descendentes de Gomer, filho de Jafé, vieram a ser escolhidos por Brahma, num tipo de "plano paralelo" de dominação ao que ele também estava tentando na descendência de Héber, outro neto de Noé, só que da "linhagem sagrada" advinda de Sem, o seu primogênito.

Explicando de outro modo, o Ente Criador Brahma – que antes havia se apresentado para os descendentes de Noé e por esses viria, mais tarde, a ser chamado de Javé –, em certo momento da sua tentativa de

voltar a exercer, sobre a raça humana, o controle perdido desde o "deslacre" pelo qual as mentes de Adão e Eva haviam passado, optou por renegar a linhagem da descendência dos chamados patriarcas bíblicos (os já referidos Adão, Set, Enos, Cainan, Malalahel, Jared, Enoch, Matusalém, Lamech, Noé, Sem, Asfarxad, Salé, Héber, Faleg, indo essa sequência genética pretensamente até o tempo de Abraão, com quem esse Ser faria um "novo pacto"). Decidiu buscar, então, ao tempo de Faleg, uma outra linhagem da descendência de Noé, mas não via Sem, como já ressaltado, mas sim, de um outro filho de Noé chamado Jafé, de quem Gomer era um dos filhos.

Foi nesse tempo em que **a descendência de Gomer**, que passou a ser conhecida como **ariana**, teve a herança direta do **peso das castas** sobre os seus ombros, como modo **de Brahma** e os demais Senhores da *Trimurti* testarem o sistema de castas entre os humanos, totalmente diferente da organização social que vinha sendo praticada por Noé e pelos seus descendentes.

Os **hindus tão somente herdaram dos arianos** a **cultura das castas**, e a questão da hereditariedade, nessa história, é tão deplorável que até mesmo **o nazismo** surgiria, em tempos recentes, ainda como decorrência do jogo genético por trás das desavisadas etnias humanas.

10ª Constatação:

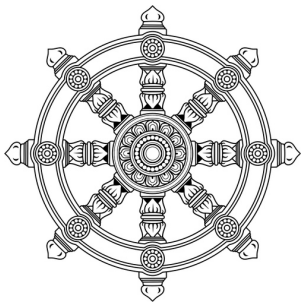
Somente quando os arianos, muito tempo depois de Gomer, migraram na direção do subcontinente indiano, foi que a mistura desses com os dravidianos – habitantes das antigas civilizações de Harapa e Mohenjo Daro, cujas ruínas atualmente pertencem ao território paquistanês – transferiram a herança das castas para as raízes das atuais tradições hindus.

O que confunde, de modo contundente, o senso deste aflito escrevente é o nível de condicionamento das últimas e, mais precisamente, da atual geração dos nossos irmãos e irmãs hindus, que não percebem ou parecem não levar a sério o fato dos deuses, dos semideuses e demais ídolos a quem veneram, serem todos eles de origem *demodhármica*. Ainda assim, esses seres **são tidos como se possuidores da natureza e da lógica humanas,** fatores que jamais compuseram os seus psiquismos, sendo esse aspecto, a meu ver, o mais constrangedor equívoco de interpretação do hinduísmo, em geral.

Por qual razão cabe a um ocidental do meu tamanho procurar construir um novo modo de se olhar para a velhíssima e ancestral mitologia hindu e sua gênese histórica, é questão que me incomoda profundamente.

Dar um "ressignificado" ao que se tem por realidade da prática milenar dos hindus de adorarem, como sendo deuses, entes que jamais o foram – sendo tão somente seres não humanos que terminaram por nos gerar – é aspecto que somente o futuro poderá esclarecer. Todavia, em se tratando da Índia e da sua milenar história, parece mesmo que nada de "normal" a ela se ajusta, o que força a que o oculto venha a ser revelado de algum modo ao entendimento da atualidade, para que se possa melhor perceber o que, aparentemente, é tido como incompreensível.

ENTRONCAMENTOS GENÉTICOS INTERSIDERAIS



Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a história daqueles **povos híbridos** cuja experiência se situava entre os contextos **demoníaco e humano**, uma outra estava também em curso, ainda mais ao Norte, nas terras da Hiperbórea, hoje considerada lendária, só que envolvendo as situações existenciais **biodêmica** (seres assexuados, decorrentes da "Rebelião de Lúcifer")**, biodemol** (demo-homos sexuados) e **humana**.

Se no **"primeiro entroncamento" de raízes genômicas distintas**, seres demoníacos, habitantes das moradas situadas no universo paralelo ao nosso (demo + homo = biodemol), viram sua genética misturada com a dos humanos, como se mãos invisíveis estivessem manipulando as suas vidas naquele sentido, no **"segundo entroncamento"**, por outro lado, eram raízes extraterrenas do nosso próprio universo biológico que se viam mescladas com as da condição dos povos hiperbóreos (biodemols) e do *Homo sapiens*.

Ressalte-se que, nesse **segundo tipo de entroncamento ocorrido entre origens distintas e biológicas deste universo** que convergiram para a Terra e se misturaram a dos humanos locais, o caso dos seres biodemos – descritos nos livros da trilogia "*Terra Atlantis*" – não foi o único, pois também seres pertencentes à outra "cepa cósmica", como a dos *nephelim* (ou *anunnaki*), citados na Bíblia, e a dos anfíbios sirianos, viram-se misturados ao genoma humano por força dos desdobramentos das suas posturas colonizadoras ao aportarem no nosso planeta e interagirem com o "elemento local".

Explicando de outro modo, apenas para auxiliar na organização do entendimento sobre a questão, poderíamos dividir os entroncamentos então ocorridos da seguinte maneira:

Grupo 1: demo + homo = biodemol (maioria dos povos hiperbóreos);

Grupo 2: biodemo + biodemol + homo = outros povos hiperbóreos;

Grupo 3: nephelim + homo e anfíbios sirianos + homo = outras raças; e

Grupo 4: biodemo + demo = alguns povos considerados atlantes, distribuídos em muitas ilhas, principalmente no hemisfério Sul do planeta, parte dessas tendo composto alguns dos painéis da história atlante.

Foram somente esses os entroncamentos ocorridos? Não! Segundo as informações que disponho, foram pelo menos oito, mas os que sobreviveram para "contar a história", ainda que hoje considerada lendária, foram os descritos anteriormente.

Para além desses, é bom que o(a) leitor(a) não perca de vista que os seres demoníacos, sozinhos, dominaram outras tantas áreas da Terra, e foram responsáveis por outras muitas páginas do passado atlante e da lendária terra de Mu, no oceano Pacífico.

O fato é que, por ironia ou não daquilo que os humanos chamam de destino, o humano moderno, racionalizado, com senso crítico e razão filosófica emocional despertos, foi urdido no seio desse cadinho de misturas genéticas de seres que se viram coexistindo na Terra, levados por razões bem distintas para terem aqui chegado.

Esse aspecto da questão não mostra nenhuma honraria especial para a gênese dos terráqueos, ainda que tenhamos sido condicionados a pensar que alguém muito especial nos criou: um "deus" amoroso e maravilhoso em todos os sentidos, mesmo que a própria Bíblia e outros livros ancestrais garantam que não era bem assim. O verdadeiro Deus, o "Pai Amantíssimo", parece não ter nada a ver com esses livros considerados "falsamente sagrados" pelos nossos ingênuos ancestrais, nem muito menos com o que se passou ou se passa na Terra. Em outras palavras, não foi um motivo nobre ou razão decente que eventualmente levou o terráqueo a ser o tipo de humano que ele é hoje.

Existe uma página da mitologia nórdica que, aqui, me obrigo a reproduzir como modo de, por meio de uma possível, desagradável e esforçada analogia, vislumbrarmos uma pista de como os humanos surgiram no "**cadinho das misturas moleculares carregadas de CFDs[6] – códigos-fontes genéticos, definidores de espécies e de indivíduos**".

Para tanto, reproduzo o que o escritor Neil Gaiman, no seu livro "*Mitologia Nórdica*"[7], apresenta como sendo a narrativa dos deuses sobre um evento que se deu entre eles:

"*Você já se perguntou de onde vem a poesia? De onde tiramos as canções que cantamos e as histórias que contamos? Alguma vez imaginou como é que algumas pessoas têm sonhos tão belos e sábios e são capazes de transmiti-los para o mundo como poesia, para serem cantados e recontados enquanto o sol continuar nascendo e se pondo, enquanto a lua crescer e minguar? Já se perguntou por que algumas pessoas criam belas canções, poemas e contos, e outras não?*

É uma longa história, uma questão que não é creditada a ninguém. Nela há assassinato, trapaças, mentiras, tolices, sedução e perseguição. Preste atenção.

Esta história começa pouco depois da aurora do tempo, em uma guerra entre os deuses Aesir e Vanir. Os Aesir eram deuses da guerra, da batalha e da conquista; já os Vanir eram mais delicados – irmãos e irmãs que tornavam o solo fértil e faziam as plantas crescerem –, porém não menos perigosos.

Os Vanir e Aesir eram iguais em força. Nenhum lado venceria a guerra. E mais: ao longo da disputa, ambos perceberam que precisavam um do outro, que não há satisfação nas corajosas batalhas sem os belos campos e fazendas para suprir os banquetes de comemoração.

Os deuses se reuniram para firmar a paz, e, depois de concluídas as negociações, marcaram a trégua com cada um dos Aesir e dos Vanir cuspindo em uma tina. A saliva se misturava e o acordo era selado.

Depois, os deuses fizeram um banquete. Comeram, beberam hidromel e festejaram, contando piadas, conversando, se vangloriando e rindo enquanto as fogueiras se reduziam a carvões reluzentes. A festança durou ate o sol surgir no horizonte, e quando os Aesir e os Vanir se levantaram para ir embora, cobrindo-se com peles e mantos para sair na neve fria e na névoa matinal, Odin falou:

— Seria uma pena deixar nossas salivas misturadas para trás.

Frey e Freya, irmão e irmã, eram os líderes dos Vanir e, pelos termos do acordo de trégua, passariam a morar com os Aesir, em Asgard. Eles concordaram.

— Poderíamos transformá-las em alguma coisa – propôs Frey.

— Deveríamos criar um homem – sugeriu Freya, enfiando a mão na tina.

A saliva se transformou, tomando forma com o movimento dos dedos de Freya, e em pouco tempo, um homem desnudo estava de pé diante dos deuses.

— Você é Ksávir – anunciou Odin. — Sabe quem eu sou?

— Você é Odin, o supremo – respondeu Ksávir. — Você é Grimnir, e é o Terceiro. Você tem outros nomes, são muitos para listar, mas conheço todos. E também conheço os poemas, os cânticos e os kennings que os acompanharam.

Kvásir, criado a partir da união dos Aesir com os Vanir, era o mais sábio dos deuses: combinava a cabeça e o coração. Os deuses brigavam entre si para serem os próximos a lhe fazer perguntas, e suas respostas eram sempre sensatas. Kvásir, analisava com atenção e interpretava corretamente o que ouvia.

Após um tempo, ele se dirigiu aos deuses e anunciou:

— Vou viajar. Vou visitar os nove mundos, conhecer Midgard. Há perguntas que precisam de respostas, mas que ainda não foram feitas.

— Mas você voltará para nós? – perguntaram os deuses.

— Voltarei – respondeu Kvásir. — Afinal, ainda há mistério da rede, que um dia terá que ser desvendado.

— O mistério de quê? – perguntou Thor.

Mas Kvásir apenas sorriu e se afastou dos deuses, deixando-os intrigados. Ele vestiu o manto de viagem e deixou Asgard pela ponte arco-íris."

Seguramente, parecerá estranho e mesmo ficcional para o atual padrão do conhecimento humano, a afirmação que irei expor abaixo. Mais ainda e, principalmente, também o será para o modo como a nossa lógica foi condicionada a avaliar as tradições mais antigas do hercúleo esforço em registrar o que podia sobre o passado, taxando, de modo simplório, como mitologia, o que jamais conseguiu aquilatar.

11ª Constatação:

A surpresa que os deuses acima referidos tiveram com o surgimento do ser "padrão Kvásir", foi e é análoga ao susto que

Brahma/Javé e demais "deuses" tiveram ao ver o ser, padrão *Homo,* surgido na Terra.

Se substituirmos as "salivas dos deuses" por outras emanações comuns a esses seres, veremos que, no caso dos humanos, um outro tipo de hibridismo teve lugar, provocando uma grande surpresa quando foi percebido o tipo de ser racionalizado, sagaz, crítico e amoroso que surgiu de uma mistura algo fortuita e, paradoxalmente, por outro lado, também algo programada de genes, ainda que não se soubesse que resultado produziria.

Em tempos breves, os humanos saberão que todos os "saltos evolutivos" ocorridos no âmbito desta Criação composta pelos dois universos constantemente aqui referidos – nos quais a busca pela complexidade é a "salvação" a ser perseguida em ambos –, **foram produzidos sempre com base na aleatoriedade do jogo de dados** dos padrões da "genética mais evoluída do momento", cujos resultados se misturavam como consequência natural dos eventos da vida, inevitavelmente **alternados com processos de interferência no genoma dos "seres protótipos"** de novas possibilidades, **promovida pelo "império da hora"** – infelizmente, sempre tem um, pelo menos!

No caso dos seres biodemos que vieram para a Terra como desdobramento da "Rebelião de Lúcifer", dos poucos que sobraram, os do Norte, que haviam se juntado aos povos hiperbóreos, foram pouco a pouco fenecendo.

Por pertencerem ao que os povos híbridos hiperbóreos consideravam como sendo **"seres originais de uma história ancestral"** – os biodemos aportaram na Terra bem antes do surgimento dos povos da mestiçagem advinda do entroncamento genético que passou a existir neste planeta, ou seja, do *Homo sapiens* –, foram também tidos como "deuses" em alguns daqueles núcleos.

Em outras palavras, esses seres biodemos passaram a ser lembrados como "entes divinos ancestrais" pelos povos hiperbóreos – que, na sua maioria, nasceram na Terra –, por serem considerados "originalmente de fora", "pacíficos" e bem "mais esclarecidos" que os primeiros desses povos hiperbóreos, tanto que funcionaram como "mentores" no início dessa civilização.

Será que entronizar seres como deuses é um critério comum no universo? Por que "divinizar" seres pelo simples fato de existirem

diferenças entre os gêneros cósmicos, como padrões de ancestralidade distintos?

Sem entrar no mérito da questão, aqui se constata que as primeiras gerações de terráqueos eram mesmo "inclinadas à adoração" porque foram levadas a isso por uma série intermitente de "eventos estratégicos", promovidos exatamente com o objetivo de dominar pelo temor.

Os primeiros homens e mulheres terrestres foram condicionados sob muitos aspectos e, em especial, como maneira de se sentirem protegidos, alinhando, assim, a razão da existência deles a um processo que já estava em curso, o que dava tons de naturalidade ao domínio de "deuses" sobre os "humanos" – que, apesar de já racionais, eram ignorantes e ingênuos, posto que inexperientes por serem recém-surgidos.

Ressalte-se, ainda, que **os biodemos jamais sentiram qualquer inclinação a adorar ou venerar nem mesmo a própria figura de Sophia**, sabidamente o criador direto de todas as famílias desse gênero.

Há quem pense, porém, que **os terráqueos já surgiram para a vida com a "inclinação à adoração" escrita no seu genoma, e por isso a necessidade de alguém (Pandora, Pirra e Eva) deslacrar a área do DNA humano** que ostentava essa tendência – ali inscrita pelas manipulações genéticas dos seres mais evoluídos no campo da inteligência, mas não no emocional e no filosófico, que também compõem o psiquismo dos seres. Provavelmente, por isso, as primeiras levas de humanos eram lerdas, como se urdidas para serem posteriormente adestradas.

12ª Constatação:

Tanto as primeiras levas de humanos como as manipulações nelas empreendidas foram produto desses entroncamentos de genéticas diferentes, estabelecidos na Terra, e que também produziram seus protótipos nesse sentido.

Todas essas evidências estão à vista da ciência clássica, mas essa faz a mais absoluta questão de optar por explicações estapafúrdias para justificar a ausência de fósseis de transição entre os ditos parâmetros evolutivos, enquanto, em porões de universidades, escondem esqueletos que preferem camuflar em vez de buscar a verdade que esses apresentam, para não perder o fluxo de verbas cujas fichas foram todas postas na visão clássica ortodoxa.

O passado, ainda que exposto à nossa vista, jamais foi convenientemente observado pelos olhos do classicismo científico.

Realmente, julgar o passado com os olhos do presente é sempre tarefa inglória e mesmo improdutiva quanto aos desfechos das análises feitas, porque o óbvio de hoje procura enquadrar o que de estranho ele ache e, assim, a predeterminação do que se deve encontrar como resultado já está estabelecida, ainda que todo o conjunto de evidências negue o que passa a ser afirmado como verdade.

A equivocada premissa desse classicismo segundo o qual jamais houve a presença de extraterrestres no passado planetário, pelo simples fato de que esse mesmo olhar ortodoxo não admite que eles existam, só isso, põe abaixo qualquer estudo sério sobre o panorama do pretérito.

Independente, porém, do que os atuais "doutores da lei" possam achar a respeito, tudo indica que, no passado distante, bem antes mesmo do aparecimento do terráqueo racional, seres demos (oriundos de um universo paralelo ao nosso, portanto, como já dito, extrafísicos), seres biodemos (naturais do nosso universo biológico, ainda que assexuados) e algumas classes do gênero biodemol (naturais também do nosso universo, sendo animalizados e sexuados) terminaram por se estabelecer na Terra, levados por diversos motivos.

Entroncamentos de diversas origens cósmicas ocorrem em muitos mundos do universo, mas isso implica tão somente uma convivência pacífica e ordeira dentro dos padrões de valores das civilizações algo robotizadas que povoam os circuitos desses mundos-estações ou mundos de interação e permutas diversas. Óbvio que também ocorrem problemas, mas não entre as sociedades manipuladas nesse sentido.

13ª Constatação:

Na Terra, porém, diversas etapas de um tipo de entroncamento bem singular teve lugar, levando a uma mistura dessas três componentes "exteriores" (demo, biodemo e biodemol) com os elementos da natureza local, o que, no final, ou seja, ao longo dos últimos oito mil anos, resultou em dois tipos de povos:

(1) os povos híbridos do Hiperbóreo; e

(2) os povos humanos, de cujas espécies somente uma sobreviveu, que é a do *Homo sapiens*, ainda que essa não saiba contar a sua história.

Talvez seja chegado o tempo desta humanidade compreender que a própria natureza, independente de quem a criou, **legitimou a violência como modo de sobrevivência e obrigou os mais fortes a imperarem sobre os mais fracos.**

Esse aspecto da existência, que se encontra no CFD (código-fonte definidor de vida) universal, parece somente ter sido amainado pela robotização biológica que faz com que, por exemplo, as abelhas de uma colmeia sintam-se bem em dedicar as suas vidas para que a abelha-rainha cumpra a sua função.

De acordo com essa perspectiva, as civilizações que vivem sob a égide de um padrão genético semelhante podem evoluir sempre "tecnologicamente" e todos ficarem bem, desde que não hajam insatisfações, vamos dizer, laborais, e o "rei do pedaço" faça seus súditos se sentirem felizes, ainda que programados exatamente para somente se sentirem bem daquele modo.

14ª Constatação:

Os povos híbridos hiperbóreos tiveram uma levíssima "dose de deslacre", o que fez com que as forças demos, por meio dos seus avatares, dessem um jeito de reorganizar aquelas sociedades.

Foi assim que o que hoje entendemos como regime de castas passou, então, a ter lugar na Terra.

Uma das **faces do elo perdido**, que vincula o atual estágio do humano da Terra com os graus da ancestralidade que o levou lentamente a ser o que atualmente ele é, corresponde exatamente ao padrão dos **povos hiperbóreos** que, ao descerem do extremo Norte para as regiões mais temperadas – como as das atuais Irlanda, Escócia e diversos pontos da península da Escandinávia –, deram origem ao que hoje equivocadamente é taxado como "mitologia".

As chamadas mitologias celta, nórdica, germânica, fino-ugrianas, arianas, dentre outras, nada mais são do que representações das tradições culturais desse contexto que, para o atual estágio de conhecimento da humanidade, é tido como um **imperceptível elo perdido** que foi transformado em lendas diversas.

Nos seus "contos míticos", sempre que surgem insatisfações, é porque "**algum grau de deslacre**" teve lugar. E é mais ou menos isso

que representou o despertar da racionalidade humana em relação a toda a conjuntura universal que a cerca.

Como alguns núcleos humanos foram dominados e se miscigenaram, de algum modo, com os seres de fora – notadamente os hiperbóreos – a herança das castas foi também levada por meio dos descendentes arianos de Gomer, o já referido neto de Noé, que nas migrações posteriores indo-europeias, trouxe esse sistema até as populações dravídicas de Mohenjo-daro e Harapa, dentre outras, tornando-se, mais tarde, páginas da complexíssima herança cultural dos hindus.

15ª Constatação:

Assim, observando sob a perspectiva dos criadores do sistema de castas, a questão do bem e do mal jamais esteve em questão, até porque a maioria dos seres que vieram de fora – sejam extraterrestres (deste universo) ou extrafísicos (do universo paralelo antimaterial) – não enxergam as coisas da vida sob esse prisma.

Qual seria então a sua ótica organizacional e política? Seres desse naipe psíquico se movimentam sempre em torno da noção conceitual de "ordem" e de "caos" relativos ao ambiente em que vivem, como também e, principalmente, ao "grau de perturbação" que pode surgir, impactando o modo como costumam viver, quando a estruturação é rompida e a desordem se estabelece. É assim que eles movimentam os seus psiquismos!

Visando essencialmente a evolução de alguns núcleos demos – que, na etapa que se verificou na evolução cósmica de abertura dos portais, "aprenderam" a transitar entre o universo antimaterial em que vivem e o nosso – e dos povos hiperbóreos recém-surgidos na face do planeta, foi que o avatar Krishna programou a sua impressionante jornada por entre aqueles povos então existentes.

Sua vida teve uma duração cujo padrão era e é comum para corpos associados à genética demo, ainda que mesclada a outras dosagens de genes, mas que parece ficção quando comparado ao padrão normal que hoje move o psiquismo dos terráqueos.

Por cerca de dezessete mil anos, o Senhor Krishna conviveu, ensinou, duelou, matou e reprimiu o que, a seu juízo, era o entrincheiramento que as forças demos das trevas haviam conseguido estabelecer na Terra para, daqui, enfrentar as hostes do "bem". Essas

últimas se organizavam, sob sua coordenação, para a grande e **decisiva batalha entre a "ordem e o caos" – e não entre o "bem e o mal", como os tradutores humanos interpretaram** –, no sentido de que, dependendo de que lado viesse a ser o vitorioso, definiria se a Terra seria herdada pelas hostes trevosas demos ou pelas que representavam a ordem.

Essa perspectiva é simplória, mas é a única maneira que, até agora, se verificou de como se falar desse assunto com os desavisados humanos.

Usar os conceitos de "luz" e "trevas", de "bem" e de "mal", tem sido o viés comum dessa transição entre a cultura demoníaca e a humana. A cultura *demodhármica* estacionou, mas conseguiu transferir parte dos seus cânones ou preceitos para os humanos, que surpreendentemente herdaram a Terra, quando **a batalha entre a "ordem e o caos" era no sentido de ver qual das duas hostes demos, a esclarecida na questão do seu *dharma* e a que se confundiu quanto a esse aspecto, herdariam o planeta. Esse foi o pano de fundo do "*Mahabharata*"**!

Inesperadamente, sobrou para os humanos essa herança cultural *demodhármica*, que transformou protagonistas demos em humanos heroicos – o que não corresponde à verdade.

Além disso, um outro aspecto do problema é que, nos padrões da cultura humana, seres demos passaram a ser tidos como "maus" e seres angelicais como "bons", quando antes, existia a natural conceituação de "anjos bons e maus", de "demos bons e maus", como ainda a noção de "deuses bons e maus".

Ressalte-se que o conceito de "Deus", o "Pai Amantíssimo", jamais existiu nesse passado, sendo uma criação teológica recente, talvez porque as figuras do "deus bíblico" ou dos "deuses hindus" jamais pareceram favoráveis à sensibilidade ocidental.

Foi num contexto bem diferente do que agora se verifica na Terra, que algumas antiquíssimas cidades – hoje submersas pelo avanço dos mares com o derretimento do gelo acumulado, promovido pelo aumento da temperatura no âmbito da superfície planetária – ditavam os rumos dos acontecimentos.

Uma delas, localizada na atual Índia, foi uma das cidades que o Senhor Krishna escolheu como palco de sua atuação, no tempo do mais

estranho padrão de entroncamento genético intersideral jamais ocorrido no universo, segundo consta nos anais da cultura demo.

Krishna, um "avatar biodemol *keshava*" (sob uma certa ordem de perspectivas), se fez presente neste mundo exatamente na época da guerra descrita no "*Mahabharata*" – épico hindu que todos os que buscam a verdade deveriam conhecer e estudar.

16ª Constatação:

O Senhor Krishna foi o grande formulador, revelador, executor e principal definidor das questões de "*dharma*" e de "*varna*" para os povos da cultura demo e de seus descendentes hiperbóreos, que passaram a viver na Terra.

Como ele próprio explicou a Arjuna, no capítulo IV do "*Bhagavad Gita*", coube a ele instituir o sistema de castas num tempo ainda bem anterior ao de sua personalidade como Krishna.

"*O Senhor Krishna fala:*

Eu ensinei a Vivasvan esta ciência da Yoga eterna e transcendental. Vivasvan passou-a a Manu, o pai de todos os homens, e este então a transmitiu a Ikhsvaku, rei deste mundo.

Esta ciência suprema foi transmitida através da cadeia sucessória, e ela assim foi recebida também pelos reis devotos. Mas com o passar dos tempos, a cadeia se interrompeu, e a ciência como tal ficou como que perdida.

Hoje estou lhe revelando esta ciência antiquíssima da união com o Supremo, por você ser Meu devoto e ser também Meu amigo, podendo, pois, entender seu transcendental mistério.

Mesmo sendo não nascido e Meu corpo imperecível não possa se corromper; embora Eu seja Senhor de todos os seres vivos; ainda assim Eu manifesto Minha forma original quando se faz necessário.

Sempre que o dharma declina e o adharma prevalece, Eu me manifesto, ó descendente de Bharata.

Para restabelecer o dharma, para salvar os devotos e aniquilar os maus, Eu surjo em cada época.

Estando livres do apego, sem sentir ódio nem medo, e pensando sempre em Mim, muitos se purificaram, por saber ou penitência, alcançando amor por Mim.

Cada um recompenso conforme se rende a Mim, ó descendente de Pritha. Mas, de todas as maneiras, todos seguem Meu caminho.

Eu instituí as quatro castas, segundo a divisão das qualidades e ações. Saiba que sou seu autor (grifo meu). *Eu que sou, no entanto, inativo e imutável*.

As obras não me contaminam, nem seu fruto é objeto de desejo para mim; aquele que Me conhece não se prende por suas ações.

Sabendo isto, os antigos aspirantes à liberação cumpriram seus deveres. Tu também atues como eles o fizeram no passado."

Quando bem entendermos que as palavras de Krishna se referem a um contexto demoníaco, cujos desdobramentos vieram parar na Terra, envolvendo então alguns povos hiperbóreos e outros que, naquele tempo, aqui existiam, ficará mais fácil compreender o lado **pedagógico do ensino do *dharma* para aqueles seres cuja natureza precisava ser ainda alinhada com princípios filosóficos**.

O aspecto óbvio de que os acontecimentos daqueles dias (anteriores há 8 mil anos) não tinham os humanos como protagonistas – pois esses eram simples "massa de manobra" –, mas sim, seres híbridos, entre a condição demoníaca e a biológica–homo, e que, infelizmente, deixaram de existir para os que viriam a saber daquela história muitos milênios depois, como foi o caso da cultura humana que, estranhamente, terminou herdando a Terra.

O aspecto "estranho" aqui se refere ao fato de que, **dentre as muitas espécies pensantes que, então, viviam na Terra, principalmente as poderosas (não humanas), coube exatamente à única que não detinha poder mental de nenhuma ordem, herdar o planeta**.

Infelizmente, esse aspecto jamais foi compreendido pelos historiadores modernos que, por partirem da premissa equivocada de que somente humanos existem como seres pensantes, não conseguiram, como ainda não conseguem, compreender o passado.

Pelo fato das mitologias terem sido transformadas em lendas e obras de arte no campo da ficção, as atuais gerações de seres humanos perderam a capacidade de enxergar o óbvio de uma questão das mais contundentes para os que buscam a verdade, ainda que essa, num primeiro momento, realmente incomode o psiquismo do buscador.

A contundência perturbadora da falsa paz dos que pensam que encontraram a verdade em suas religiões se expressa quando se torna possível a compreensão adulta sobre a queda do Criador e do seu desesperado processo de reconstrução pessoal – hoje chamado de "Brahma" pelos antigos arianos/hindus, de "Javé" pelos judeus e demais ramificações cristãs, e de "Alá" pelos islâmicos – que fez dele a personificação do "caos"; e não é por menos que, na mitologia grega, ele assim é chamado.

Lembre-se o(a) possível leitor(a) dessas páginas que, para a mentalidade demo, a pior coisa que podia existir não era o mal, mas sim, o caos, a desordem, pois essas são as condições que seriam a causa de um mal que poderia advir do processo tresloucado.

Organizar a si mesmo e à sua Criação, ou em outras palavras, organizar o caos que é o seu Ser e a sua Obra, foram as "tarefas" que os "grandes seres" se esforçaram por equacionar, sendo Krishna um dos principais arquitetos e executor desse processo.

17ª Constatação:

O problema, para os olhos humanos, é que, posteriormente, as "tarefas de reconstrução do caos" foram inapelavelmente transferidas para os ombros das espécies biológicas que passaram a ser criadas.

Essas "tarefas", na cultura desses seres híbridos, passaram a ser chamadas de "*dharma*" ou "dever sagrado", e foi exatamente uma destas, uma "grande tarefa", que Krishna procurou desempenhar, ensinando e mesmo convencendo Arjuna, no "*Bhagavad Gita*", capítulo integrante do "*Mahabharata*", a cumprir com a sua parte, por desagradável que fosse liquidar os seus primos, que disputavam o poder sucessório monárquico.

O *dharma*, portanto, foi estabelecido junto aos povos hiperbóreos – repito, o grande elo perdido entre os atuais humanos e o tema central enfocado neste livro – como forma de permitir um progresso que jamais pôde existir pela falência da parcela da genética do CFD demo, existente nos corpos daqueles seres híbridos.

Esse assunto deverá ser melhor compreendido no futuro e, aqui, tão somente me cabe introduzi-lo como meio de propiciar a reflexão das futuras gerações de humanos que possam validar ou não o que se encontra exposto nestas páginas.

Quando a falência da tradição milenar da cultura demo se verificou e os humanos herdaram os tais padrões das castas, não lhes foi possível ter qualquer noção crítica a respeito, e é por isso que, na atualidade, na ponta dessa "linhagem dhármica", hoje se encontra a Índia, vitimada completamente por esse processo.

Isso implica, praticamente, dizer que quem se encontra submetido ao regime das castas pensa exatamente em torno dos mesmos padrões que os povos híbridos do passado pensavam, o que se constata ser, no mínimo, problemático. Afinal, estamos falando aqui de um atraso, de um estacionamento descomunal em torno de um processo que atendia às necessidades de "cérebros e mentes" demoníacos, e não humanos, pois que somos bem diferentes e muito mais complexos que os nossos ancestrais no que se refere ao tipo de cérebro que a nossa espécie possui, e às possibilidades evolutivas que o programa mental, surgido junto com a natureza humana, propiciam no campo da evolução.

18ª Constatação:

Pandora, na visão da mitologia grega, e os humanos terráqueos "Eva" e, depois, "Adão", talvez tenham sido as primeiras criaturas cujas consciências pessoais despertaram para a "noção do bem e do mal", ainda que em tempos distintos e em graus de profundidades singulares, aspecto que nem os anjos do Criador e muito menos os seres demos jamais puderam conceber.

Enfim, substituímos conceitos como os de "ordem e caos" pelos de "bem e de mal" porque valoramos as nossas emoções com noções de nobreza moral, que os seres demoníacos e seus descendentes – até mesmo as primeiras civilizações biológicas deste universo – jamais conseguiram formular.

Haja "**favor divino**" no cumprimento das tarefas que as criaturas fazem para esses "deuses"!

O problema é que as suas formas demos ainda não se conscientizaram disso ou, se o fizeram, até hoje disfarçam, como se **cobrando a velha moeda da gratidão que as criaturas devem ofertar aos deuses por tê-las gerado**.

Haja ignorância!

E assim, haja *dharma*, haja cumprimento de "**tarefas cármicas absurdas**", que representam tão somente a lei da colmeia, onde todos

trabalham para uns poucos ou mesmo para “um” só.

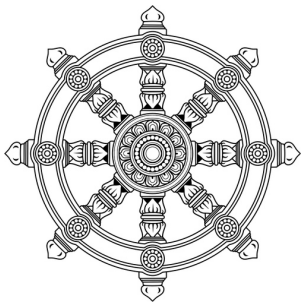
19ª Constatação:

O *dharma* mal aplicado é produto da equivocada e simplória compreensão demo, a qual, por sua vez, é afetada pela estupidez existencial.

Por isso que o *dharma*, para muitos, legitima as castas entre os humanos, quando somente era um sistema a ser “bem aplicado” junto aos povos demos ou aos híbridos, da sua descendência.

Lamentavelmente, muitos homens e mulheres instruídos, mas ainda prisioneiros da antiga visão oriental, defendem a tese execrável das castas, como se a perpetuação desse sistema fosse algo digno de ser pensado por gente espiritualmente progressista.

AS CASTAS TRIMURTIANAS



Para bem compreendermos a incongruência da questão das castas e os focos em torno dos quais ela surgiu, penso ser necessário traçar um painel histórico da cronologia dos fatos que se verificaram no passado, ainda "oficialmente desconhecido", dos ancestrais dos arianos que, posteriormente, transmitiram aos dravidianos/hindus o seu legado.

Pelo que penso estar informado, o **sistema de castas surgiu pela primeira vez, na Terra, em dois focos de aglomerados não humanos**: um situado entre os povos hiperbóreos, no Norte, e um outro da tradição Kumari Kandan, no sul da Índia, em terras que, naqueles tempos (cerca de 20 mil anos atrás), ligavam o sul do continente indiano com a atual ilha do Sri Lanka, mas que foram, posteriormente, cobertas pela elevação do nível do oceano que, desde então, vem tendo lugar.

Apesar das evidências arqueológicas recém-descobertas, além de todo um conjunto de referências históricas, simploriamente tidas como mitológicas, esses dois focos civilizatórios permanecem como "oficialmente desconhecidos", ainda que hajam vestígios locais da sua existência (caso da tradição Kumari Kandan) e os espalhados pelas áreas da Grã-Bretanha, Europa e Ásia (no caso da migração dos povos hiperbóreos).

O fato é que os desdobramentos dos povos hiperbóreos envolveram, mais tarde, os descendentes de Gomer – neto de Noé e ancestral dos arianos, como já referido – e, depois, com uma nova onda de migração, agora dos arianos e compreendida como sendo indo-europeia, o sistema de castas chegaria até os habitantes da civilização Saraswati, da qual o reino de Bharata, atualmente conhecido como sendo a Índia, viria a emergir.

O "**oficialmente desconhecido**" que aqui ressalto é tão somente para ironizar o "**oficialmente conhecido**", pois a fronteira que os separa

simplesmente inexiste, uma vez que não há ortodoxia que resista às descobertas arqueológicas que se sucedem no continente indiano, em especial na sua fronteira com o Paquistão. Essas apontam para cidades cujas existências se situam bem antes do que a visão ortodoxa pretende fixar como sendo o tempo em que os humanos começaram a fazer parte ativa do panorama terrestre.

É exatamente nesses sítios arqueológicos, e no que neles vem sendo descortinado, que vou, agora, buscar prender a atenção do(a) leitor(a).

No final do século XX, foi descoberto, via satélite, o leito seco de um rio extinto, cercado de lendas. Desse modo, ressurgiu para o conhecimento científico ou foi redescoberto o lendário rio Saraswati, do vale do rio Indo, onde se desenvolveu a civilização Saraswati-Sindhu, por volta de 5.000 anos a.p. (antes do presente).

Segundo os estudiosos, foi devido a modificações geológicas e mudanças climáticas que esse rio secou, em torno de 4.000 anos atrás. A redescoberta desse rio obrigou os estudiosos a uma reinterpretação do desaparecimento da civilização que, até então, existira nessa região.

Anteriormente, pensava-se que ela havia sido destruída por causa de uma suposta invasão dos arianos. Contudo, atualmente, acredita-se que a mudança climática local, que transformou a região em um deserto, foi a causa do declínio dessa civilização.

Por que isso é importante? É porque a **tradição védica**, que forma a base de todas as crenças hindus – mas que começou num tempo em que os atuais hindus sequer existiam –, teve origem exatamente nessa civilização Saraswati-Sindhu, hoje perdida nas brumas do tempo; e **a questão das castas, como atualmente a conhecemos, tem a ver diretamente com essa civilização**.

Para melhor situarmos o até agora não aceito contexto histórico em torno da questão das castas, logo adiante, vou dividir a cronologia dos fatos em Eras Pré-Védica, Védica e Pós-Védica – como fazem os estudiosos mais avançados do assunto –, já que é no cerne dos ensinamentos védicos que surgem as castas.

Assim, a formulação desses ensinamentos aparece, para a nossa análise, como questão central de todo o processo cultural que deu e dá sustentação ao absurdo sistema de castas, quando observados pelos olhos da atualidade. Porém, infelizmente, o contexto não é tão simples assim.

Aproveito para reafirmar que, julgar o passado com os olhos do presente é sempre tarefa inglória e mesmo improdutiva quanto aos resultados das análises feitas, partindo-se do que, atualmente, parece ser o óbvio. Entretanto, o "óbvio" do presente, muitas vezes, não serve para o passado que está sendo avaliado, e é esse o caso das castas, na sua origem.

Edificadas a partir do talento pessoal dos demos, e organizadas conforme o interesse do progresso coletivo, as castas se alicerçaram sobre o conceito de *dharma*, que os hindus sempre cultivaram desde que o receberam, como herança, dos arianos que migraram para o sul.

Esse **conceito cultural do *dharma* vinculado ao dever sagrado das castas** foi sendo repassado de geração em geração, sendo ele próprio o fio condutor dos valores pessoais dos fiéis do hinduísmo.

Historicamente, como já afirmado, parece ter vindo da **civilização Saraswati** – que é a mais antiga que surge por entre as brumas desse passado distante, sob a ótica da mitologia hindu – um dos focos do **início da implementação do sistema de castas entre os seres não humanos**, o que implica, aqui, registrar que, talvez, **estejamos novamente a falar do resultado do começo da migração de ramos da descendência dos povos híbridos hiperbóreos que, em levas sucessivas, foram se aproximando das zonas temperadas e também das tropicais**.

Sob essa perspectiva, misturam-se, portanto, os focos da gênese do sistema de castas que, aqui, poderia ter, além da influência da migração ariana, um incremento local proveniente de um outro fluxo hiperbóreo, pois que muitos ocorreram. Realmente, o tema é assunto controverso entre os estudiosos. Contudo, para o que se pretende enfocar neste livro, seja qual for a verdade daqueles dias, não altera a tese aqui apresentada, pois ambas ratificam a **gênese de uma "primeira hora não humana"** na implementação do sistema organizador social das castas nas comunidades ancestrais.

Por essa época, os humanos, já racionais, se associavam aos núcleos comunitários mais poderosos, transformando-se em escravos ou, ainda, em animais de estimação espertos. Fora esses, somente havia tribos dispersas de humanos, que fugiam sistematicamente desses seres tidos como poderosos.

Os poucos humanos dessas tribos, que conseguiram um elevado grau de independência e mesmo de conhecimento, eram perseguidos,

liquidados e, raramente, eram respeitados e mantidos junto aos núcleos de poder.

Nesses tempos da civilização Saraswati – que podemos considerar como sendo pré-védicos, mas já pós-diluvianos –, teve início a primeira era digna de assim ser considerada na origem da mitologia ariana, a qual, mais tarde, foi transformada em uma das etapas ancestrais da história da Índia.

Essa "etapa ancestral" – efetivamente ocorrida em terras da Ásia, em torno do subcontinente indiano – seria associada a uma outra, ocorrida só mais recentemente, na qual **a migração tardia de outros povos arianos foi feita na mesma direção da dos seus ancestrais.**

Esse aspecto difere do que a própria vanguarda histórica dos acadêmicos hindus da atualidade defende como sendo a verdade histórica que estão propondo como forma de substituir a inaceitável e anacrônica visão que o ocidente impôs sobre a gênese dos indianos, como sendo um processo mais recente, quando este, na verdade, deu-se em tempos bem remotos, sequer considerados como efetivamente históricos.

Assim, essa chamada "**Era Pré-Védica"**, cuja **duração foi estimada como tendo ocorrido entre 9.000 a 6.500 anos a.p.**, foi marcada pela emergência dessa singular civilização situada entre os rios Indu e Saraswati, sendo este último inexistente atualmente.

Segundo diversos autores hindus da atualidade, a civilização Saraswati não foi somente a mais antiga do planeta, mas era também a maior da alta antiguidade, muito maior do que a Suméria, a Assíria e o Egito juntos.

Sabe-se hoje que, há cerca de 5 mil anos, pelo menos, essa civilização ainda se estendia por uma área de mais ou menos 750 mil quilômetros quadrados.

Conforme as informações que disponho, advindas da convivência com seres que controlam os anais das notícias sobre esses tempos – cujos registros, na maioria, foram todos liquidados e outros perdidos –, nessa mesma época, nas terras da Turquia, Noé e sua descendência começavam a se espalhar pelo planeta. Além disso, no norte europeu, **outros ramos de descendência hiperbórea estavam ali fixados, os quais, mais tarde, desceriam sempre na direção Sul**, como forma de se adaptar a climas mais amenos.

É importante que se compreenda que, do mesmo modo que **um dos núcleos dos descendentes de Noé passou pela experiência das castas (o dos descendentes de Gomer),** outros descendentes das migrações hiperbóreas também vivenciaram o implemento do sistema de castas ainda ao tempo em que os povos não humanos eram a maioria daqueles núcleos populacionais.

Em ambos, o Senhor Krishna labutou na sua missão, ainda que os elementos apontem uma maior presença sua na civilização Saraswati, na qual parece ter existido uma "central de inteligência à moda demo" ou um "centro de controle" relativo à questão das **castas**.

Nesse ponto da presente abordagem, faz-se necessária uma análise dos tipos de castas surgidos no seio daqueles povos.

Tradicionalmente, se diz que nasceram de Brahma, da cabeça, os ***brâmanes***, que eram de uma classe composta de sacerdotes e letrados; dos braços, os ***xátrias,*** que eram guerreiros e defensores do *dharma*; das pernas, os ***vaixás***, comerciantes; e dos pés, os ***sudras,*** classe bastante vasta, formada pelos servos, de um modo geral, como camponeses, artesãos e operários. Fora desse sistema de castas, estão os párias, que teriam surgido a partir da poeira debaixo dos pés de Brahma.

Na atualidade, a sociedade hindu se vê dividida entre os ***brâmanes ou brahmin***, que representam cerca de 15% da população indiana, sendo compostos por sacerdotes, professores e filósofos; os ***kshatriyas ou xátrias***, que são os políticos e militares, que devem se subordinar às ordens da casta superior; os ***vaishas ou vaixás***, que realizam as atividades vinculadas ao comércio e a agricultura; e os ***shudras***, a maior parte da população da Índia, que até pouco tempo atrás não tinham permissão de ter contato com os ensinamentos hindus, e que são os camponeses, operários e artesãos.

Existem ainda os párias, também conhecidos, desde tempos mais recentes, como os ***dalits***, que estão fora da organização da população indiana representada pelas castas. Também se tornam **párias** aqueles que violaram o sistema de castas através da infração de regras da sociedade hindu.

20ª Constatação:

A referência à cabeça, braços, pernas e pés de Brahma é tão somente uma maneira moderna de reposicionar o código-fonte

definidor do Criador (CFD ou DNA de Brahma/Javé) como sendo a base da edificação da vida, tanto demo como humana.

Em tempos bem mais antigos, no entanto, quando ainda sequer existia o Sol e os seus planetas, uma história ainda mais estranha, constante dos anais da mitologia nórdica, refere-se ao "desmanche" do corpo de um Ser Primordial, cuja essência – que podemos entender como sendo o seu código-fonte definidor ou genoma pessoal – foi "distribuída" para que as classes, então criadas, pudessem surgir.

Novamente, vou me servir da mitologia nórdica traduzida por Neil Gaiman, ainda que o trecho abaixo reproduzido seja de difícil entendimento. Entretanto, aqui, apenas procuro situar o "momento da criação da vida", segundo a ótica da mitologia nórdica, para demonstrar a origem do código vivificador de novos seres.

"Chegara o momento da criação. Ve, Vili e Odin se entreolharam e discutiram sobre o que deveria ser feito ali, no vazio de Ginnungagap. Falaram sobre o universo, a vida e o sobre o futuro.

Odin, Vili e Ve mataram o gigante Ymir. Era necessário. Era a única forma de criar os mundos. Isso foi o princípio de todas as coisas, a morte que formou toda a vida possível.

Os três apunhalaram o enorme gigante. Sangue irrompeu do cadáver de Ymir em quantidades inimagináveis. Rios de sangue salgado como o mar e cinza como os oceanos jorraram numa torrente repentina, tão poderosa e tão profunda que varreu e afogou todos os gigantes. Apenas dois – Bergelmir, neto de Ymir, e sua esposa – sobreviveram subindo em um tronco que os carregou como um barco. Todos os gigantes que existem e tememos hoje são descendentes deles.

A partir da carne de Ymir, Odin e os irmãos moldaram a terra. Seus ossos foram empilhados para formar montanhas e desfiladeiros.

Toda rocha e todo seixo, toda areia e todo cascalho que vemos hoje foram criados a partir dos dentes e dos fragmentos dos ossos de Ymir, quebrados e esmagados por Odin, Vili e Ve durante a batalha contra o gigante.

Os mares que rodeiam os mundos são o sangue e o suor de Ymir.

Ao erguer os olhos para o céu, contemplamos o interior do crânio do gigante. As estrelas que vemos à noite, os planetas e todos os cometas e estrelas cadentes são fagulhas que escaparam das chamas de Muspell.

E as nuvens? Já foram o cérebro de Ymir, e quem pode dizer o que elas estão pensando agora?"

O desmanche do corpo do Ser Primordial representa a linha dramática do que, mais tarde, o vedismo se utilizou para implementar o sistema de castas, adotado pelo atual hinduísmo.

Ainda que, particularmente, eu faça críticas ao entendimento comum das traduções a respeito da mitologia nórdica, **mitos como o do "gigante Ymir" traduzem a essência mais básica da gênese do sistema de castas**, explicado como tendo se originado a partir de "códigos distintos" de um mesmo corpo.

21ª Constatação:

Por ser esse corpo original o do Criador, todos os seres nascidos para a existência no âmbito da sua Criação, necessariamente, devem possuir o seu código-fonte pessoal como a base de seus corpos.

Relacionar as partes da forma do Criador aos corpos dos animais humanizados – sim, para quem nos vê, lá de fora, e tem olhos críticos para enxergar, somos tão somente **animais que adquiriram uma estranha e insondável natureza** – foi uma maneira honesta de dizer, nas entrelinhas do conhecimento de então, que o código-fonte pessoal do Criador (o seu CFD) está presente em todos corpos, de modo holográfico, ou seja, a informação do todo (o CFD de Brahma) está em cada uma de suas partes, pois se encontra presente no corpo de cada criatura-ferramenta existente no âmbito da sua Criação, por meio do código-fonte (o DNA de cada pessoa, no caso dos humanos).

O fato é que, devido ao aprofundamento dos estudos antropológicos e arqueológicos, dentre outras áreas de pesquisa científica, que foram produzidos desde os meados do século XIX, quando diversas ruínas importantes foram descobertas e corretamente classificadas, a questão "temporal" e outros aspectos da visão clássica começaram a cair dos seus **falsos pedestais de "verdades estabelecidas"**.

As escavações que foram e ainda estão sendo empreendidas sobre a poeira das épocas passadas têm descortinado painéis perturbadores para a manutenção da atual visão clássica que os historiadores possuem sobre aqueles tempos esquecidos.

Cidades consideradas lendárias emergem à luz do dia, seja das areias do deserto ou mesmo das águas dos oceanos, como é o caso de

Dwarka, atestando que o tal **passado lendário e mitológico começa a cobrar o "choque de realidade" que sempre chega para permitir o avanço na busca da verdade**, na medida em que **vivemos num universo que a esconde deliberadamente**, devido ao modo como foi urdido, mas não finalizado.

A afirmação pode parecer surpreendente, mas mesmo com as novas descobertas terrestres e marítimas descortinando esse novo pano de fundo histórico, **a repercussão desses feitos nos meios acadêmicos é praticamente nenhuma.** Isso implica algo muito sério: **os historiadores estão desconhecendo a história que surge com as descobertas arqueológicas** e essas não têm servido mesmo para coisa alguma, apesar de estarem lá, desafiando a sempre curta visão da ortodoxia. **Para a cegueira promovida pela corrupção moral de pesquisadores que matam a verdade em nome das verbas e dos patrocínios que recebem, essa jamais poderá surgir** porque atrapalha os seus interesses.

Quando os indicativos da descoberta de um novo contexto superam a dose de precaução necessária em qualquer busca científica, essa prudência deve ceder lugar às novas teses para que a continuidade da aferição do método científico possa ter lugar. Contudo, não é bem isso que tem acontecido com as descobertas arqueológicas de modo geral. **Interesses inconfessáveis se arvoram em defensores da prudência para que, assim, o novo não possa substituir o conhecimento estabelecido pelas suas conveniências.**

A "**nova verdade**", por evidente que seja, não mais prevalece por força dos seus indicativos ou de qualquer outra coisa, porque a "voz oficial" que a entroniza emudeceu, há muito tempo, por entre os **caminhos da corrupção que varre o psiquismo da espécie *Homo sapiens***.

Dessa civilização do Vale do Indo, de uma quantidade espantosa de 25 mil sítios arqueológicos até agora nela descobertos, foram explorados somente 62 até o ano de 2018. Dos que já foram de algum modo estudados, os maiores e mais conhecidos são: Mohenjo Daro, Harappa, Ganweriwala, Rakhigarhi, Kalibangan, Dholavira e a cidade portuária Lothal. Ressalto que as ruínas do vale do Indo foram encontradas por John Brunton e seu irmão Wiliam Brunton, em 1856, que estavam responsáveis pela construção da estrada de ferro das Índias Orientais, sendo que parte dos tijolos das ruínas foram utilizados nessa obra.

Somente sessenta anos mais tarde, se iniciaram os estudos arqueológicos, quando foram desenterradas, então, as duas grandes capitais – Mohenjo Daro e Harappa –, além de Mehrgarh.

Nessas e em outras cidades, **as castas passaram a ser o sistema vigente organizacional que norteou a vida daqueles povos, por milênios.**

Dwaraka ou Dwarka, uma cidade-porto, hoje submersa, tinha um sugestivo significado no seu nome – o nome "Dwaraka", em sânscrito, significa "portal" –, já que essa cidade-porto era uma porta de entrada para estrangeiros, no continente indiano. O Senhor Krishna nela residiu por longo tempo, ainda que também tenha se estabelecido em outros lugares.

As ruínas da antiga cidade Dwaraka foram encontradas sob o mar, após os recentes estudos oceanográficos perto da moderna cidade do templo – Dwarka.

Ressalte-se que Dwaraka é citada, diversas vezes, no "*Mahabharata*". Segundo os estudiosos, essa **civilização do Vale do Indo, também denominada como cultura Harappiana ou Drávida**, teve o seu apogeu entre 5.500 a 4.000 anos a.p.

Outros autores sugerem que, na verdade, a civilização do Vale do Indo, a Suméria e a Babilônia, formaram uma única civilização. A ligação entre elas é sugerida por selos e sinetes encontrados nessas três regiões.

É importante que, também, seja frisado que não se tem exatidão histórica para se delimitar em que ponto do apogeu dessas ou de algumas dessas cidades, o sistema de castas foi implantado, não sem alguma dificuldade, pois aqui reside um importante detalhe: nem todas o aceitaram.

Esse fato é sabido, mas jamais foi aprofundado pelos estudiosos, o que jamais permitiu o vislumbre do que, efetivamente, ocorreu naqueles dias, sobre a visão do *dharma*, do *varna* e da questão *Karma* para alguns povos.

Após a já citada Era Pré-Védica, teve início a chamada **Era Védica**, por volta de 6.500 anos a.p., que se estendeu até cerca de 4.500 anos a.p.

Foi nela que foram produzidos **os quatro "*Vedas*"**, elaborados pelos grandes Rishis (classe de seres não humanos) do passado, que habitavam

o vale do Indo, como também as margens do rio Saraswati – sempre falado nesses quatro "*Vedas*".

Os historiadores apontam que o fim da Era Védica foi marcado pela guerra do "*Mahabharata*", que os estudiosos plotam no ano 5.102 a.p., e que coincide com o início do "*Kali Yuga*" – período de trevas e de desafios, referido nos "*Puranas*", "*Tantras*" e "*Sastras*", tidos como parte da literatura considerada "*Smriti*", pelos hindus.

Aqui, novamente, me obrigo a ressaltar que não concordo que os tempos descritos no "*Mahabharata*" correspondam à marca temporal comumente citada pelos historiadores. Como já me referi, pelas informações que disponho, aqueles fatos se deram em tempos ainda mais antigos.

Nesse período, os "*Vedas*", que já eram recitados há milênios, passaram a ser escritos em folhas de bananeiras, e também foram produzidas algumas interpretações dessas recitações, feitas também pelos Rishis, a fim de atingirem mais facilmente o homem comum. Mais recentemente, teve início a **Era Bramânica**, que durou desde 4.500 a 3.500 anos a.p. Nesse período, **o conhecimento védico ficou reservado aos brâmanes ou à casta dos sacerdotes**, sendo que, a partir desse marco histórico, o sistema de castas se tornou uma realidade política-religiosa imutável para os humanos. As fórmulas e hinos que os sacerdotes praticavam durante os rituais dessa época continham – como contêm até hoje – explicações sobre os mitos e as narrativas cosmogônicas, e sobre antigas lendas, que são vestígios históricos do passado da Índia e da expansão ariana pelo Vale do Indo, promovendo a "famosa migração indo-europeia", tão comentada por uma certa corrente dos historiadores.

Outra corrente há, porém, composta de historiadores mais recentes, que afirma que a invasão ariana nunca existiu, pois os arianos sempre foram indianos e habitantes do Vale do Indo (como os dravidianos). Contudo, houve, sim, a migração ariana, que trouxe consigo um compêndio de convivência com seres da classe demo, notadamente os Senhores que compõem a *Trimurti*, e suas descendências hierárquicas.

Nesse ponto, para que possamos melhor ainda compreender a questão das castas e a crença que os hindus têm nelas, é necessário que ressaltemos um determinado aspecto das suas escrituras.

Aquelas escrituras consideradas "*Smriti*" são as secundárias – porque existem as escrituras "*Shruti*" védicas, consideradas principais –, e dentre essas temos:

o "*Dharma Shastras*", que são os livros que codificam as leis que regulam a sociedade;

o "*Itihasa*", ou os chamados épicos nacionais;

os "*Puranas*", que são tidos como livros de educação religiosa popular;

os "*Agamas*", que tratam das tendências devocionais; e

os "*Dharshanas*", que apresentam as principais escolas de pensamento nascidas a partir dos "*Vedas*". Qual a principal questão? É que **os livros que compõem o "*Dharma Shastra*" são exatamente os regulamentos e as obrigações das castas, compostos pelos brâmanes.** Nessa altura, se faz necessário que reflitamos sobre um outro aspecto que pesa sobre o sistema de castas, pois precisamos entender que esses textos foram escritos pelo povo invasor proto-austríaco (assim chamados por alguns historiadores) ou ariano, como forma de dominar a sociedade indiana.

Os indivíduos desse povo ariano, novamente (no sentido de readequar), fixaram o sistema de castas, **passando a ser da casta dominante ao assumirem a função de brâmanes.** Contudo, **nem todos os núcleos indianos aceitaram a imposição védica do sistema das castas**, e uma parte considerável da sociedade, que não estava de acordo, refugiou-se na floresta, dando início a um novo corpo de literatura religiosa dos hindus, que são os textos "*Aranyakas*", também conhecidos como os "livros das florestas".

Foi desse modo que surgiu o **hábito**, dentre os hindus, de se **isolarem em busca da sabedoria**, e isso se deu a partir de um pequeno grupo de iniciados que se retiraram para o silêncio das florestas, em busca de outras vias de salvação e especulações filosóficas.

Esses ascetas se colocaram em oposição à mecânica dos complicados ritos de sacrifício e à apropriação, praticada pelos brâmanes, de todo o conhecimento e dos atos e rituais religiosos.

Foi a partir da marca temporal de 3.900 anos a.p. que surgiram os já citados "*Aranyakas*" e também os "*Upanishads*", a chamada literatura da tradição *Aranya* (da floresta), uma vez que, naqueles tempos, existiam

vastas e frondosas florestas situadas às margens do rio Ganges. O **mais antigo dos "*Dharma Shastra*"** é o de autoria do ancestral mítico da tribo Manava, chamado **Manu**.

22ª Constatação:

As leis de Manu trouxeram ainda mais benefícios e poderes para a casta dos brâmanes, fortalecendo o domínio dessa sobre a sociedade indiana.

Observe só o(a) leitor(a) que, as leis de Manu determinavam que **tudo o que existe no universo é propriedade dos brâmanes** e que a **eles não deveriam ser cobrados tributos porque um brâmane irado** poderia, apenas com a recitação de um *mantra* – som ou conjunto de sons que são instrumento do pensamento e que detém um poder específico –, destruir todo um exército.

Não resisto a registrar que as leis que Moisés, sob a égide de Javé, promulgou para as doze tribos hebreias, no sentido de educar os seus pares, até se tornam "simpáticas" quando comparadas às leis de Manu.

Exagero? Para os sudras, as leis de Manu eram ainda mais severas em penalidades: se um sudra abusasse de uma mulher de um brâmane, teria a propriedade confiscada e o órgão sexual cortado; se um sudra ouvisse a recitação das escrituras védicas, o castigo era receber chumbo derretido em seus ouvidos e, se recitasse, teria a língua cortada, e assim por diante. Ainda segundo as leis de Manu, a mulher era considerada fonte de desonra, discórdia e deveria ser evitada, e as casadas deveriam demonstrar devoção ao marido. Enfim, as leis de Manu eram um forte instrumento de controle social e manutenção do poder dos brâmanes ou do povo invasor. Na verdade, esse quadro temporal foi o "nazismo 1", porque conforme o que se conhece na Espiritualidade, foi nessa experiência que surgiu certa sequência genética, em determinada área do DNA humano, que mais tarde seria a base do comportamento nazista, ainda que o conhecimento humano, talvez, jamais venha a compreender essa assertiva. O futuro dirá! Surgiu, assim, a **Era Pós-Védica ou Upanishádica**, que durou de 3.500 a 3.000 anos a.p. Os já citados "*Upanishads*" são o resultado de muita investigação a respeito do "quem sou eu", sendo esse o ponto mais alto dos "*Vedas*".

O conhecimento dos "*Upanishads*" destrói a ignorância, a semente do "*samsara*" – ou seja, o circuito das reencarnações. O termo "*Upanishad*" deriva das palavras sânscritas "*upa*" (perto), "*ni*"

(embaixo) e "*shad*" (sentar), representando o ato de se sentar no chão, próximo a um mestre espiritual, para receber instrução. São respostas a questionamentos de discípulos muito bem preparados, em que o que é transmitido apenas elimina toda a ignorância e leva à liberação – ou "*Moksha*". Por volta de 3.000 a 2.100 anos a.p., tem lugar a **Era Pré-Clássica ou Épica,** durante a qual os épicos **"*Ramayana*" e "*Mahabharata*"** foram transferidos do contexto das tradições orais para os registros escritos, com vistas à posteridade, entronizando nos traços e painéis culturais de ambos, notadamente no "*Mahabharata*", a **vigência do sistema de castas**.

Mais recentemente, ainda tiveram lugar as **Eras Clássica, a Tântrica e a Purânica,** todas elas **mantendo a "normalidade" do funcionamento das castas**.

Foi desse modo que um **sistema urdido para educar demos se transformou em herança funesta para a humanidade**, que recebeu esse legado histórico sem jamais perceber as suas cores reais, devido à lente da fé religiosa, que somente enxerga o que por ela já se encontra determinado como sendo a verdade.

Assim, nesta atual era que vivemos, podemos observar como todo o peso acumulado de tantas "escrituras sagradas" – que **consideraram o sistema de castas como sendo um programa existencial vindo de "Deus"** – terminou se impondo definitivamente sobre o sofrido povo hindu.

Pode parecer estranho ao pensamento ocidental, mas foi desse modo, ou seja, pelo viés da religiosidade, que o sistema de castas passou a pesar sobre as organizações humanas mais modernas do continente indiano.

Sinceramente, penso que jamais existiria um sistema de castas para "educar as pessoas" a se submeterem ao seu aparente destino, sem nunca se revoltarem, se a "**obrigação de cumprir**" essa **sina** não tivesse sido **transformada em um "dever sagrado"**, e como **sendo a "vontade de deus"** – o que me parece revoltante.

Que tipo de "deus" teria vontades tão esquisitas e pouco elogiáveis? – parece ser pergunta que ninguém se faz, o que torna tudo ainda mais estranho.

Obrigo-me, pois, a fazê-las!

23ª Constatação:

Com a semeadura de um conceito sobre "deus" absolutamente equivocado e infantilizado, foi que começaram todos os crimes com o humano ingênuo e infelicitado na sua existência!

O curioso é que isso é visto como uma "benção de deus para os congregados em castas" e o dever da mesma deve ser considerado como a obrigação da sua vida.

Como esse "vírus de submissão" foi enraizado no psiquismo humano? A "**obrigação de cumprir**" – tão fortemente ressaltada na crença religiosa dos hindus –, foi cultivada de tal modo que o processo da "**fidelização da consciência pessoal**" se visse como uma simples onda em pleno oceano arrebanhado de uma crença coletiva. Essa fé, fundamentada como "sagrada" em corações infantilizados pela ignorância, transforma-se em **"cegueira"** em relação às naturais **justificativas filosóficas** que repudiariam ou, pelo menos, poderiam **estranhar o fato do ser humano ser transformado em "robô" do *dharma***.

Isso feito, o **viés de confirmação**[8] apontado pelos psicólogos cognitivos, completa o trabalho de retroalimentar o perene processo de dominação do mais forte sobre o mais fraco, o mais ancestral dos problemas deste universo e da Criação como um todo, porque nascido com a reconstrução psíquica do próprio Criador caído, que precisa sobreviver a qualquer custo e de ser sempre o mais forte a imperar sobre tudo o mais.

As sequências genéticas que sustentam essa premissa psicológica compõem as marcações mais emblemáticas no genoma de todas as espécies existentes.

O perene sentimento de resignação, associado ao de "missão cumprida", conforme os preceitos do "*dharma* de cada casta", produz o jogo hormonal da química do cérebro humano que faz com que a **"satisfação de servir" a "deus"**, a **"exultação de viver" o que "deus" decretou**, e o **"sentimento de ser cuidado e zelado" por "deus" se transformem nas maiores dádivas a serem recebidas**.

O curioso e tristemente enigmático aspecto, presente de modo dominador no psiquismo da espécie, é que esse **encadeamento de etapas psíquicas, que vestiu a demência demo como uma joia**, também passou a adornar o psiquismo humano, ainda que esse não

padeça da demência – que, na humanidade, se encontra atavicamente adormecida em certas áreas do chamado "DNA-lixo", que responde por cerca de 95% a 97% do genoma de cada ser humano.

Se "bem despertado", porém, por técnicas de lavagem cerebral e de condicionamento, **essa demência volta, em algum grau, a ocupar o psiquismo humano**, e foi – e é – exatamente isso que continua a valer entre as fileiras dessa humanidade que recebeu diretamente o peso desse **legado *demodhármico*, ou seja, apoiado na lei do *dharma*, da cultura demo**.

24ª Constatação:

A "paz hormonal", sentida pelo humano que se resigna e, assim, se vê como cumpridor da vontade do "deus" que cuida dele, que zela pelo seu bem-estar, passa a ser o "selo" ou a "trava" que garante a qualidade da submissão.

Os hindus chegaram ao ponto de exaltar essa submissão por meio da alegria da exaltação ou da exultação, chamada de "*ananda",* o que, a princípio, parece ser um comportamento humano digno de nota evolutiva, quando, na verdade, não o é, porque mata, nesse mesmo ser humano, as suas possibilidades de despertar milhares de talentos que o genoma humano comporta – aspecto bem diferente do genoma demo, que apenas permite a um ente possuir pouquíssimos talentos, exatamente devido à demência que neles é inevitável, podendo somente ser diminuída, mas jamais ultrapassada totalmente.

Os demos, agora, situados e novamente aprisionados em suas moradias – ou *lokas* –, que compõem o já referido universo paralelo, acompanham de lá esse processo, exatamente por meio da observação dessa "sopa de hormônios" que fazem os seres humanos se sentirem "felizes" por viverem em desgraça e dela não poderem sair, pois essa é a "vontade de deus".

Desculpas esfarrapadas de toda ordem são utilizadas pela mentalidade hindu, esclarecida ou não, para "justificar" o que ali ainda acontece, como se tivesse nisso uma "benção do passado" que, um dia, foi viabilizada na cultura terrena.

Ainda que os governos modernos da Índia tenham oficialmente eliminado o "fator *varna*-casta" da sociedade hindu, o peso da sua tradição prevalece e, na prática, a desagregação continua como sempre foi.

Infelizmente, nós, os humanos que, muito mais tarde, herdarmos oralmente essas tradições mitológicas – aqui não me refiro somente à questão das *varnas* – jamais delas conseguimos nos libertar.

O pior é que, ao transcrevermos para o papel, chamamos de "deuses" a tudo o que não era humano e, desde então, o mau uso desse conceito passou a ser a tônica sagrada e imutável das crenças religiosas, o que impede a percepção séria e adulta sobre o real conceito de "Deus", que, um dia, ainda descortinaremos.

Por meio dessa prática que se tornou usual, fomos nos acostumando a transformar seres estranhos e mesmo bestiais em deuses e, hoje, não podemos nos livrar desse peso porque o "zelo religioso" não o permite. Fazer o quê?

É tremendamente difícil, para a minha sensibilidade, pensar que entendo o porquê de Shiva, Krishna e Sai Baba – a mesma consciência, conforme penso, atuando em épocas diferentes, mas com a mesma marca adequada ao fator temporal – defenderem a casta como "modo de progresso espiritual" para os indivíduos.

Esse comportamento, se vindo de Shiva, ainda posso aceitar porque havia a questão da época em que ele atuou diretamente, na qual sequer existiam seres humanos. Quanto a Krishna, ainda concebo um padrão de entendimento e de aceitação para a sua postura no mesmo sentido, também devido às circunstâncias do tempo em que viveu, quando os seres humanos existentes ainda eram meio que "animais de estimação inteligentes" dos seres híbridos poderosos que, então, dominavam a Terra. Contudo, não consigo aceitar o posicionamento de Sai Baba, apesar de compreender a influência demo no seu psiquismo, e o fato do mesmo novamente ter mergulhado na velha veia da linhagem sacerdotal hindu, que está toda contaminada em relação a esse e outros assuntos decorrentes da cultura demoníaca. Essa "contaminação" será mais profundamente abordada em "*O Legado Esquecido: a Yoga dos Trimurtianos*", outro livro escrito por mim.

25ª Constatação:

É terrível perceber como a miséria de centenas de milhões de seres humanos, disciplinados no *ahimsa*, passou a servir como meio de reajuste espiritual, quando aos mesmos não é dada outra opção a não ser a de somente poder evoluir por meio da resignação aos fatos.

O que a princípio parece ser extremamente belo, torna-se feio e criminoso pelo uso que se faz da ingenuidade e do condicionamento de pessoas, condenadas a se submeterem de modo tão horrível a falsos deuses, ainda que o façam de boa fé.

Que tipo de ser pretenderia ou necessitaria desse tipo de submissão? Deus? Convenhamos: há algo de muito errado nessa propositura!

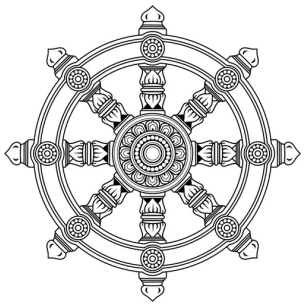
Agradecer a "deus" por passar fome, por não ter onde morar, e por outras privações de toda ordem, novamente, convenhamos: **isso é ótimo para a elite bramânica e para outras faces do mesmo poder**. Por que "deus" precisaria disso? Mais ainda: por que 'deus' precisaria que isso se mantivesse? Vai ter que ser assim enquanto existir vida na Índia?

É amoral, nos tempos atuais, a defesa de uma situação como essa das castas, nem que seja por medo de uma explosão demográfica ou social incontrolável.

O espantoso é que eles (Shiva e Brahma) são responsáveis, espiritual e mentalmente falando, seja pela primeira, quanto pela undécima hora desse problema, mas vivem como se coubesse aos humanos resolver toda a sorte de dificuldades que geraram com suas esquisitices – e o pior é que parece mesmo que tem de ser dessa maneira devido à absoluta incompetência desses Seres em redimensionarem o que fizeram.

Pensar que esse tipo de problema sequer se encontra equacionado pela Espiritualidade, é meio desesperador para este velho escriba que mais preferiria fazer qualquer outra coisa do que ter a responsabilidade de abordar temas tão inquietantes como esses, e o pior: solitariamente!

TRANSIÇÃO PARA A CULTURA HUMANA



Neste ponto da abordagem, preciso estabelecer um parâmetro que identifique melhor um **misterioso processo de transição** que teve lugar na Terra, ao **tempo em que havia conexão aberta entre as *lokas* dos demos, do universo paralelo, e a superfície do planeta.**

Para melhor compreensão, terei que fazer uma mistura, algo complexa, de raças particulares compostas por seres animalizados e sem consciência de si mesmos, por animais sencientes e por entes demonizados, com seus diversos padrões psicológicos.

Quando se estuda a **evolução da inteligência**, os cientistas partem da premissa de que uma inteligência razoavelmente avançada ostenta um nível considerável de autoconsciência, o que a permite se reconhecer no espelho. Entretanto, isso não quer dizer que os seres que não conseguem ter certa autoconsciência, não possuam níveis de inteligência para outros fins.

Seguindo essa perspectiva, poucas foram as espécies que conseguiram evoluir no âmbito da natureza terrestre, onde, além da nossa própria espécie humana, os chimpanzés, orangotangos, gorilas, elefantes, golfinhos, orcas e pegas – uma ave da família *Corvidae* – são outros exemplos de animais que se reconhecem como "indivíduos". Um ponto comum entre essas espécies é que os seus membros são sociais, mas não no mesmo sentido do que ocorre em outras espécies consideradas altamente sociais, como formigas, cupins e abelhas – insetos que se organizam sob a forma de colônias totalitárias, com divisão estrita de trabalho e de funções.

Nessas espécies de insetos, **um único indivíduo** – a rainha da colônia – **tem direitos reprodutivos e mantém sob sua submissão tudo o mais que concerne à vida dos outros moradores do formigueiro, ou da colmeia ou do cupinzeiro**.

O que isso tem a ver com o tema central deste livro? Não seria um disparate, um despropósito, dizer que, por analogia, a abelha-rainha está para as abelhas-operárias, assim como Javé está para os anjos-clones. Muito ao contrário: tem tudo a ver! Contudo, não é esse o painel principal, aqui abordado.

Ressaltarei tão somente que existiam **gêneros intermediários entre os gêneros demo e homo**, cujos membros estavam mais para um tipo de ser que não se reconheceriam perante um espelho e, **apesar de possuírem traços do psiquismo afetado dos demônios, foram se adestrando à obediência por meio da dura disciplina advinda das ordens de um "demônio-rei" ou "demônio-rainha" daquela estirpe**, que dominava por completo a vida dos seus membros.

Tempo virá em que os terráqueos saberão que **quase a totalidade das civilizações mais antigas, que pululam por este universo, tiveram esse tipo de código-fonte na sua raiz básica, que funcionou sempre no "modelo ditatorial"**.

Houve, primeiro, todo um contexto de uma história clone-demo, que teve lugar no universo paralelo ao nosso, no qual o "lacre" dos seres clonados foi rompido lá no início dos tempos, quando um clone rebelde e o Criador foram para o confronto, e desse conflito resultou o aparecimento dos seres *demodhármicos*, que passaram a gozar de uma certa independência mental, ainda que com problemas de demência e de câncer nas suas organizações (mental-corporal) pessoais.

Quando o código-fonte definidor da natureza do Criador, à moda clone-demo, foi "transmutado" do universo antimaterial para o nosso, de caráter material e biológico, esse CFD fez surgir civilizações diversas em muitos mundos, todas elas obedientes e dependentes do que esse código-fonte trazia como sendo o limite de liberdade (que era quase nenhuma) que as primeiras espécies, surgidas por aqui, ostentavam.

Desse modo, o "modelo ditatorial genético", importado para o nosso universo, trouxe os seus "lacres" e, somente quando a chamada "Rebelião de Lúcifer" eclodiu no âmbito dos seres biodemos, esses limites foram superados, no que veio dar na espécie humana que hoje se vê na Terra.

O "sistema dos *varnas*", portanto, foi o retrato natural dos primeiros momentos de transição do tal "modelo ditatorial" dos seres demos, que

também foi implementado para os seres híbridos, e cuja herança caiu sobre os ombros humanos.

Assim, na Terra, o que mais tarde passou a ser conhecido como "casta", foi um simples desdobramento do padrão político-social onde a ditadura dos mais fortes implica necessariamente o surgimento de psiquismos com características simplórias e obediência cega, aspectos que passaram a existir, e que ainda existem nessas espécies, de modo tristemente exuberante, inclusive na dos terráqueos.

Dizendo de outro modo o que até agora foi exposto, ao tempo em que os entes *trimurtianos* – os descendentes da tríade hindu (Brahma, Shiva e Vishnu) ou da tríade grega (Caos, Tártaro e Eros), tidos como demônios mitológicos do passado – dominavam a Terra, quando os humanos ainda sequer tinham sido organizados em núcleos pelos seus mentores extraterrenos ou mesmo por iniciativa própria, existia **um conjunto de dois vieses principais**, dentre outros, no segmento do nosso genoma, que norteavam o nosso psiquismo. Essas sequências genéticas eram responsáveis pela inusitada capacidade da **criatividade** e o **"espantoso" sentido de liberdade** que levava os humanos a fazerem de tudo na busca da mesma.

Esse diferencial, tão comum à característica humana, demorou a ser percebido pelos seres não humanos, que se encontravam aportados na Terra.

Somente a partir de um determinado ponto dessa história, foi percebido pelos seres *trimurtianos* – com tirocínio para tanto –, um potencial latente nos humanos terráqueos, jamais observado na cultura *demodhármica* ou t*rimurtiana*.

Como isso se deu? Os dois irmãos titãs, Prometeu e Epimeteu **(nota do autor: utilizando-me aqui da mitologia grega)**, muito tempo antes do surgimento dos seres humanos na face da Terra, constataram que um "**gene da criatividade"** existia discretamente em alguns segmentos da sociedade olimpiana-*trimurtiana*, e que esse gene não se fazia presente em outros demos. Mais tarde, isso foi relacionado com o fato de que um estranho "**gene da liberdade"** existia, também, exatamente nos poucos que eram minimamente criativos, enquanto em outros segmentos se constatava a ausência desse gene.

Com o passar dos tempos da realidade antimaterial, na qual sempre viveram os seres *trimurtianos*, foi considerada como "normal e comum"

a percepção de que a existência do segmento genético da criatividade parecia estar relacionada ao da liberdade, ou seja, entre os demos, existiam os tendentes à liberdade mental mais acentuada (que também eram algo criativos) e os menos tendentes a possuírem aqueles impulsos.

Quando os humanos surgiram, e ainda eram irracionais, Epimeteu começou a colecioná-los como seus animais domésticos, adestrando-os em muitos dos sentidos interativos com a vida que eles levavam. Epimeteu e seu irmão Prometeu usaram, nos seus experimentos com as suas cobaias humanas, "poções" ou "beberagens" que continham as sequências das áreas do genoma demo que estavam **programadas para a liberdade mental**. Eles desejavam ver como aquilo poderia estimular os animais mais espertos dentre os que existiam sob o controle de Epimeteu, a se tornarem criativos no sentido de encontrar soluções para os desafios básicos e as necessidades do cotidiano.

Assim, para bem fixar as informações, desde há muito tempo daquela realidade, na "**história antimaterial**" ou "**história demo da Criação**" (ou ainda cultura *demodhármica*) existe um contexto no qual **a maneira de ser demoníaca prevaleceu sobre a dos seres clonados – os anjos-clones**, devido à inércia evolutiva desses últimos, por serem simples robôs eletromagnéticos, plasmados da mente do Criador caído.

Os demos prevaleceram e elaboraram a sua cultura através dos bilhões de anos em que a vida clonada e demoníaca foi sendo urdida no universo antimaterial, paralelo ao nosso, enquanto sequer existia vida no que vivemos, pois que essa somente surgiu, na sua versão química-biológica, após a terceira geração de estrelas ter semeado os elementos químicos mais pesados, como também, e em especial, o carbono – que são forjados notadamente no período final da vida das estrelas, quando das "explosões finais" do ciclo dessas.

Existe, portanto, uma "**versão demo" sobre a Criação**, mas quando os "**seres químicos inteligentes**" e, principalmente, os "**biológicos racionalizados**" surgiram no universo material, passou a ocorrer uma lenta elaboração de uma "versão racionalizada" da mesma Criação universal e dos fatos ocorridos na Terra. Ressalte-se que os anunnaki ou nephelim bíblicos têm a sua própria versão dos fatos.

Entre todas essas, existe também a versão humana terrestre, **totalmente equivocada**, que é a **mais recentemente elaborada** – por serem os terráqueos a raça mais nova surgida no âmbito deste universo, e que parece ser a mais especial – e que foi arquitetada já no nosso passado

histórico, porém "envenenada" pela interferência dos demos, que pretendiam a dominação dos humanos.

Complicando a perspectiva de análise das atuais gerações de terráqueos, quando todas as demais espécies pensantes que atuavam na Terra se viram impedidas de continuar a perseguir os seus **objetivos de dominação ou de "colonização compartilhada"**, ao observarem que os seus antigos "animais espertos" de estimação e de escravidão se multiplicaram para além dos seus sistemas de controle então utilizados, resolveram interferir na cultura humana, recém-surgida por meio do despertar da racionalização – promovido por Pandora (mitologia grega) –, envenenando-a de tal forma, que levou as novas gerações de humanos-pensantes da Grécia pós-socrática a considerarem as notícias sobre deuses como lendas e, mais recentemente, essas foram classificadas como mitologias.

O iluminismo e as versões modernas e pós-modernas sobre o que é ou não racional, ainda que os postulados quânticos perturbem, há mais de um século, essa crença materialista anacrônica e ultrapassada, puseram a "pá de cal" sobre o "cadáver" de um antigo contexto que foi transformado em irreal, mesmo que os seus efeitos perdurem até os tempos atuais – e ainda perdurarão pelo futuro afora –, queiram ou não os autores que passaram a ser considerados como clássicos.

Infelizmente, cabe-me afirmar que os seus pontos de vista, as suas premissas e a lógica das suas argumentações estão absolutamente equivocados por considerarem como irreal todo um contexto pretérito que é extremamente real e complexo além da conta.

Os pensadores modernos conseguem acreditar, e se esforçam bastante para isso, que um **compêndio riquíssimo e complexo, porém considerado por eles como "mentiroso", sobre as primeiras notícias a respeito da ancestralidade tanto universal como humana – que foi e é o grande fator responsável pelo modo como o psiquismo dos terráqueos funciona** – é tão somente produto da exagerada mente humana. Chegam mesmo a afirmar, sorrateiramente, que a questão aqui não é sobre ser verdade ou mentira, mas sim, tratar-se de uma mera criação literária, ocorrida na antiguidade, lá na raiz da evolução da cultura humana.

Sinceramente, não sei onde se encontra o maior grau de ignorância ou mesmo de dogmatismo (conhecimento enjaulado) que o dito pensamento científico sobre o tema impõe à ortodoxia dos tempos: se no

uso da matéria “história”, que se pretende científica, mas que funciona apartada dos próprios vestígios arqueológicos, ou se na soberba dos autoaclamados “doutores” sobre as suas “lendas e versões” preferidas que, por força da “autoridade” da qual se pensam investidos, confundem as suas visões pessoais com a história que vendem em seus livros.

Pior: quem pensa conforme os ditames acadêmicos é tido como normal, e essa é uma atitude correta, ainda que esteja vinculada à mentira histórica; já o pensamento ao contrário, é tido como anormal, herético e sem credibilidade, porque se encontra afastado do cânone científico, apesar de factualmente correto.

Um dos aspectos do drama universal e de todas as espécies que vivem no seio desta Criação problemática, é que a verdade demora a se libertar do controle exercido pelos “cânones” de cada época e de cada lugar-sede do poder do “momento cósmico”, o que sempre atrasa o processo evolutivo e pune os seres mais evoluídos, além de arrebanhar os submetidos à crença da conveniência de controle do e*stablishment*.

Frente a esse contexto, a “versão humana da Criação e do significado da vida” se encontra totalmente sob o controle das religiões, para os crentes, e do cientificismo academicamente entronizado, para seus adeptos, enquanto aqueles que estão situados além desses controles – que retiram dos segmentos religiosos e científicos os elementos não afetados pelos interesses de crença e de verba de pesquisa, construindo modelos de busca da verdade e de compreensão transitória, as mais das vezes bem mais honestos e próximos de uma possível verdade factual do que a dos dois movimentos historicamente dominantes –, apanham de todos os lados, na sua sensibilidade, além de serem tachados de sem credibilidade para abordarem esse assunto.

26ª Constatação:

Os “guardiões da fé” e os “guardiões do cientificismo” são o que de pior pode existir como obstáculo ao avanço do pensamento humano na busca da verdade ou de algo que a esse conceito possa se assemelhar.

Ah, os guardiões! É que essa mania passou a existir na cultura humana exatamente como legado direto desse antigo hábito mental enraizado no psíquico demo – e que, até hoje, provoca nos demos os mesmíssimos obstáculos que, na demência deles, os impedem de perceber a

complexidade do que o senso crítico e as emoções valorizadas pelo modo humano consegue emprestar-lhes, na atualidade.

É por causa desses "controles religiosos e científicos" que os atuais terráqueos consideram existir elos perdidos de toda ordem – histórica, antropológica, arqueológica, paleoantropológica –, situados entre as muitas fases evolutivas da sua gênese histórica.

27ª Constatação:

Entre a antiga cultura demo (a primeira a surgir no âmbito da Criação) e a atual cultura humana (a última a surgir neste contexto), existe um número impressionante de "culturas intermediárias", dentre as quais se situam os tais "elos perdidos", com suas múltiplas faces.

Na transição entre esse contexto antiquíssimo e a atualidade universal, muita coisa desconhecida e, portanto, estranha – para o nosso atual modo de pensar – aconteceu e definiu o que os terráqueos vieram a ser.

Surgida, assim, entre inúmeras famílias da cultura demo, e também por entre as espécies biológicas do nosso universo, a espécie dos "humanos terráqueos" – não é pleonasmo pois existem humanos lá fora, ainda que os desconheçamos – se viu invadida, desde o seu nascimento, por todos esses padrões culturais, aspecto que infectou profundamente o que hoje pensamos ser o óbvio das coisas.

28ª Constatação:

Quando humanos e demos se encontraram na mesma estrada, em plena jornada evolutiva que passava pelo palco terrestre, o sistema de "castas demos", que já funcionava desde há muito para eles, passou a envolver a humanidade, e nela se incrustou, principalmente por meio da cultura local do hinduísmo.

Quando a humanidade se multiplicou e passou a ser manipulada pelos "deuses demos", o sistema de castas permaneceu sendo aplicado, como ainda o é na atualidade.

Mesmo que os "deuses demos" tenham saído de cena, a desgraça já estava estabelecida e, como já visto nos capítulos anteriores, tudo devido à má interpretação que as tradições arianas/hindus fizeram do *dharma*.

Como prometido no início do presente capítulo, de que nele desenvolveria a mesma linha temporal e o mesmo argumento evolutivo, mas pontuando painéis diferentes e alternativos, agora, terei que abordar

novamente a parte desse contexto de transição, ocorrido entre os entes demos e os homos, ressaltando, porém, novas nuances da questão.

Os seres descritos em diversos livros e tradições antigas dos núcleos e focos formadores da atual cultura humana foram exatamente do gênero demo-homo. Contudo, para além das componentes genéticas "demo" e "homo", e do seu hibridismo, outra denominada "biodemo" – como já referido no capítulo 3 –, também se fez presente nesse caldeamento genético.

Foi desta mistura que os já citados **povos híbridos hiperborianos surgiram no Norte extremo do planeta, e ali viveram entre 23 mil e 14 mil anos atrás.**

As culturas denominadas, sob a ótica celta, como sendo as das cidades de Fidias, Gorias, Murias, Falias e Elixoia, dentre outras, que deram origem aos Tuatha de Dannan, que coexistiam com os Partolanos, com os Nemedianos, além dos filhos de Erin (que habitavam o norte da Irlanda), representam algumas das ramificações daqueles povos, dentre os quais o sistema de casta vigia.

Após os **cataclismos ocorridos no período compreendido entre 14 mil e 9 mil anos atrás, quando os humanos descendentes da linhagem de Noé e sobreviventes do dilúvio entraram em cena**, além das fronteiras genéticas dessa descendência, outros povos da espécie *Homo sapiens* – que **herdaram os padrões genéticos-culturais dos povos híbridos dos tempos hiperborianos – continuaram a adotar o sistema de castas, que chegou mesmo a interferir na própria genética de Noé por meio de um de seus netos, Gomer, ancestral dos arianos**, que viu seu povo receber a influência de povos situados mais ao Oriente, que habitavam a parte da atual região do Paquistão e da Índia.

Poucos percebem, mas as castas arianas fazem parte das tradições ancestrais mais antigas, que terminaram por construir, mais tarde, a componente judaico-cristã.

O **aspecto *varna*/casta que já existia entre os grupamentos de seres demos que viviam em suas moradas paralelas – as *lokas* –, então, já se encontrava implementado nesses povos híbridos, não humanos. Foi nesse contexto que o já citado discurso de Krishna para Arjuna, registrado no "*Bhagavad Gita*", ressaltando as vantagens daquele sistema social, teve lugar**, como já foi em parte reproduzido anteriormente.

Desde então, o sistema de castas foi herdado pela condição humana, sendo particular e posteriormente concentrado entre os povos dravídicos das regiões de Mohenjo Daro e Harappa, por influência da migração de algumas tribos arianas para o sul, que determinaria, mais tarde, a transferência definitiva do mesmo para a cultura hindu.

É desagradavelmente tortuosa a **estrada que pontuou essa transição de um sistema de castas que era útil para domar entes demoníacos dementes, até a adoção, pelos humanos,** dessa estratégia que **não faz o menor sentido para a natureza da nossa espécie.**

Infelizmente, mesmo figuras do porte de um **avatar como Sai Baba,** defenderam abertamente essa adaptação do sistema de castas à humanidade. Entretanto, aponto, na minha pequenez, como sendo tal postura – em um ser humano cujo porte não me é dado aquilatar, tão grande ele a mim parece –, um mero produto da "**poluição demo *trimurtiana*" que, inevitavelmente, parece afetar, de algum modo, a mente de todos os avatares advindos das "jogadas da *Trimurti*",** com vistas à dominação deste ou daquele povo, dentre os terráqueos.

Não vou, aqui, aprofundar os meus comentários quanto às argumentações de Sai Baba sobre a questão. Vou procurar, antes, esclarecer o que ele entendia como sendo os instrumentos e **as possibilidades mentais que a condição humana dispõe para "perceber a verdade**".

Para tanto, preciso reproduzir algumas das passagens registradas em livros das suas inesquecíveis palestras[9] para as pessoas que se deslocavam até os seus *ashrams*, na Índia.

Disse Sai Baba aos jovens:

"Personificações do Atma Universal. Todo objeto de criação neste mundo tem alguma característica distinta e um caráter próprio. Se algum destes objetos abandonar seu aspecto distinto, ele se autodestruirá. Eis aqui alguns exemplos disto. O fogo tem a habilidade e qualidade de queimar. A água tem a habilidade para fluir. O homem tem a qualidade da natureza humana e um animal tem a qualidade de ser bruto.

Quando a habilidade para queimar desaparecer, não poderemos chamá-lo de fogo. Quando a habilidade para fluir desaparecer, não poderemos chamá-la de água. Quando a visão interior ou a natureza básica humana desaparecer, não poderemos chamá-lo de homem.

Quando a visão externa ou a natureza bruta desaparecer, não poderemos chamar de animal.

Assim vemos que para tudo existe uma qualidade inerente e isto constitui a vida para aquele objeto específico. A qualidade natural de ser humano é ter uma visão interior. Pela própria definição, um animal só pode olhar externamente. Podemos ser seres humanos na forma, mas se apenas tivermos visão externa e não formos capazes de olhar para dentro de nós mesmos, não poderemos ser chamados de seres humanos. Seremos chamados de animais.

Esta qualidade também é chamada de dharma deste objeto. Este dharma assume muitas formas diferentes. Quando qualquer objeto exceder o dharma natural ou a característica de si próprio, e promover algo em excesso, então poderemos chamar a isto de uma tentativa de promover o dharma. Da mesma forma que um estudante através do esforço para ser promovido de um grau específico para uma graduação maior, assim também um indivíduo pode se promover a um nível mais alto ao promover seu próprio dharma e dar atenção às coisas mais elevadas e mais nobres."

Aqui começam os **problemas, no campo do entendimento, quando Sai Baba transforma o que nos faz humanos em *dharma***, com o que não devemos concordar, pois aceitar isso como verdade será o mesmo que inverter o conceito de ética que os postulados filosóficos da liberdade humana nos permitem conceber.

Como veremos adiante, é exatamente nessa aceitação que ele apresenta uma das justificativas para que o sistema de castas exerça o seu terrível e injustificável peso sobre os humanos.

Aceitar a sua tese é **concordar com o ser humano enjaulado numa função associada a um dever,** do mesmo modo que seres não humanos do passado imemorial o faziam devido ao *varna* (inclinação ou talento natural) limitado que possuíam.

Sigamos, entretanto, com a reprodução da palestra do mais recente avatar – Sai Baba – que, até pouco tempo, esteve entre os humanos:

"Um pedaço inerte de ferro pode ser convertido numa porção de apetrechos úteis através de aplicações sucessivas de calor. De um pedaço de ferro que não tenha recebido tratamento apropriado e que, portanto, vale uns poucos trocados, poderemos fabricar um relógio muito valioso após submetê-lo às mudanças necessárias.

*Devemos observar aqui que é o **samskara** ou a mudança por nós dada à substância que a valoriza e não o valor inerente da matéria prima bruta.*

*Analogamente, um ser humano simples e não sofisticado pode conseguir a oportunidade de se auto-elevar à posição de um **paramahamsa*** (sábio espiritualmente realizado) *se ele procurar a companhia de seres elevados.*

A mente do homem anseia conseguir tal sabedoria sagrada através do uso dos órgãos dos sentidos. Neste caso, a inteligência se sobressai, colocando-se à frente da mente com o propósito de distinguir o que é bom e o que é mau, uma vez que a própria mente não se vê capacitada para operar tal distinção. Até mesmo a inteligência não pode por si só decidir entre o bem e o mal, mas ela é capaz de fazer julgamento de tudo que lhe é colocado à frente. No caso de um juiz, nós sabemos que ele vai decidir entre o bem e o mal somente com base nos fatos a ele apresentados.

*Analogamente, a natureza da inteligência é tal que ela pode decidir entre o bem e o mal apenas com base nos fatos a ela apresentados e não poderá ir além dos fatos. A qualidade da mente é conduzir e praticar o **dharma** e a qualidade da inteligência é decidir entre o bem e o mal baseada nos fatos a ela apresentados. Mas no mundo de hoje, este tipo de inteligência pode ser classificada em quatro categorias diferentes.*

*Estas categorias são: a primeira, do tipo egoísta; a segunda, do tipo egoísta-altruísta; a terceira, do tipo puramente altruísta; e a quarta é baseada no **atma**. A primeira categoria está sempre pensando naquilo que é bom para si própria e toma a decisão de ser boa para seu próprio ego. (...) A segunda categoria, que é parcialmente egoísta e parcialmente altruísta, pensará no próprio bem juntamente com o bem alheio. (...) A terceira categoria, que pode ser descrita como inteligência altruísta, sempre pensa nos outros e levará em conta o tipo de felicidade desejada para si própria como também o tipo de felicidade que os outros devam ter. O tipo de tristeza de que ela deseja se livrar é também a tristeza da qual deseja que os outros se livrem. (...) A quarta categoria – a **atmabudhi*** (inteligência espiritualizada) *– está sempre preocupada com o aspecto do **dharma** e com a necessidade de salvaguardar o **dharma**. Ela sempre pensa de si própria como um mensageiro de Deus e ao esquecer de seus próprios interesses egoístas, ela sempre pensa no*

sacrifício e faz o bem para o resto do mundo. Nesta categoria, somente a verdade tem o direito de decidir o que é bom e o que é mau."

Novamente, ressalto o aparente e intransponível obstáculo que o pensamento de Sai Baba impõe em torno do tema, ao colocar a "verdade" como o fator a poder decidir o que é "bom" e o que é "mau".

Qual seria, então, essa verdade? A dele, que repousará sempre no ***dharma***, nos moldes em que ele e os hindus estão condicionados a aceitar? **Será exatamente "essa verdade", a do "*dharma* como dever dos humanos em aceitar a prescrição elaborada por Shiva/Krishna, anteriormente", que em muitas outras circunstâncias será usada para justificar o sistema de castas entre os humanos**.

O detalhe é que Shiva e o avatar *keshava* Krishna trataram das castas entre os povos que sequer eram humanos, mas a condição humana de Sai Baba, um avatar de Krishna, em primeira ordem, e de Shiva em anterioridade genética, parece não ter se dado conta desse aspecto, e erra em dar continuidade ao que não contribui com a dignidade existencial de um ser humano.

Continua, Sai Baba:

"*Os outros não têm o direito de tomar tal decisão. Foi neste contexto que os nossos* ***sruthis*** (escrituras védicas) *declararam: não existe outro* ***dharma*** *a não ser a verdade.*" ("*Rosas de Verão nas Montanhas Azuis*" – Discursos de Sai Baba).

Em outra obra, ele afirma:

"Você só entenderá a importância da empreitada de ***proteger o dharma*** *quando considerar sua origem e seu propósito. Por sua própria iniciativa, Deus criou este* ***jagat*** *e estabeleceu diversos códigos que assegurassem sua manutenção e seu suave fluir, havendo* ***regras de conduta para cada ser****. Estas constituem o* ***dharma***."

Suave fluir? – tenho que questionar!

Sai Baba explica, ainda, que *dharma* é aquilo que serve de "veste" ao território (*desa)* ou ao corpo (*deha*), ou seja, a "função na vida" e a "função da vida" frente o *"jagat",* por ele referido.

Entretanto, qual o significado da expressão sânscrita *jagat*? *Jagat* significa mundo fenomenológico, sustentado pelos códigos físicos, químicos e biológicos, ou seja, criados não por Deus – ao contrário do que afirma Sai Baba –, mas por um Ser que os próprios hindus

reconhecem ter sido um Criador (*Prajapati*) que, em gerando uma faixa de realidade, nela caiu, tornando-se o Brahma reconstruído.

O conceito de "Deus" deveria ser absolutamente distinto do de "Criador", aspecto que a cegueira proposital das religiões, até hoje, prefere esconder porque não podem explicar como um Deus perfeito, amoroso e justo gera uma natureza na qual todas as espécies já nascem com câncer e com o instinto assassino de destruir as outras espécies, para poderem sustentar as suas vidas.

Sai Baba também manteve essa confusa indistinção em funcionamento. Se o fez de modo proposital ou se foi produto da poluição *demodhármica*, que afeta o psiquismo dos avatares, somente a sua consciência espiritual poderá um dia explicar.

Continua Sai Baba, nos seus discursos transliterados para livros, produzidos pelos seus seguidores:

"Dos elementos constituintes do Universo, a água tem como seu dharma movimento e frio; a combustão e a luz são o dharma do fogo. Cada um dos cinco elementos tem deu próprio dharma.

A hombridade protege o homem contra o declínio; a animalidade guarda os animais. Como pode o fogo ser fogo depois de destituído do poder de combustão e de luz? Ele deve manifestar o seu dharma para continuar a ser ele mesmo. Quando o fogo perde seu dharma, fica reduzido a uma porção de carvão sem vida."

A força dhármica é a responsável por retirar o mundo do reino de *adharma* e ingressar na era do *dharma.*

Ainda segundo Sai Baba, Krishna, no "*Bhagavad Gita*", está tão somente reavivando algo que estava desativado, ou seja, o *dharmoddarharana*.

Diz Krishna a Arjuna:

"*Minha tarefa é tornar claro para todos o valor de dharma-karma, que deve ser adotado após o devido discernimento. (...) Compreenda dharma como Chaturvarnyam, isto é, como a organização (social) das quatro (chatur) castas (varnas), as quais se baseiam na guna predominante dos seres. O sistema dos varnas é essencial para o funcionamento do mundo (universo). (...)* ***Eu estabeleci esta organização*** *com o propósito de promover loka-kshema, o bem-estar do mundo (universo).*"

A conclusão, que desejo considerar transitória – pois as gerações futuras deverão abordar melhor o tema uma vez que este avatar já se encontra em processo de retorno, devendo nascer novamente na Índia, e caberá à sua consciência redefinir ou não a sua postura – que é a dos seres que ainda possuem características de missão *trimurtiana*, e que quando na condição humana, por maiores que possam ser seus poderes mentais, somente conseguem enxergar o que pensam ser a verdade oculta via o equivocado conceito de *dharma* aplicado às castas, conforme eles utilizam.

Foi desse tipo de necessidade de uma época, mas que se tornou um pesado equívoco para os humanos que herdaram desavisadamente a Terra, que surgiu uma lente psíquica enviesada e distorcida de um tipo de "espiritualidade demo" que, até os tempos atuais, funciona em razão do *dharma*, do *varna*, do *karma* mental disso resultante, e da veneração extremada, enfim, de uma religiosidade que não evolui.

Chamo esse aspecto de **cultura "*demodhármica*", um produto literário que, até hoje, aprisiona os humanos em jaulas védicas, judaicas, cristãs e islâmicas.**

Já para os humanos que conseguem se libertar um pouco que seja desse contexto distorcido pela crença num "deus ariano, bíblico, islâmico", absolutamente apartado de qualquer noção de dignidade e de ética existencial, estes conseguem vislumbrar um padrão de espiritualidade humanizada, via filosofia, pela espiritualização adulta e, disso poderá surgir **algo que se pareça com uma religião esclarecida ou com um ideal filosófico de liberdade**, cujo código seja observado por todos.

A esse **fruto da vida dos terráqueos, eu chamo de "cultura humana esclarecida", que parece ser um produto único nesta Criação.**

29ª Constatação:

O "*dharma* demo", do dever absurdo a maluquices, precisa ser um dia substituído pelo "*dharma* homo", no qual existe uma evolução espiritual alicerçada na sabedoria à moda humana, livre das esquisitices demos.

Enfim – e muito me é lamentável isso ressaltar –, o que foi descrito anteriormente representa o aspecto dramático do pensamento de um ser

humano “turbinado” com a bagagem de poderes mentais que o espírito de um avatar costuma ostentar.

E o trágico é que um avatar sempre arrebanha pessoas ao seu redor, como se fosse um “deus” encarnado, até porque é exatamente isso que a maioria deles pensa ser. Todavia, não são! O Deus verdadeiro nada tem a ver com as esquisitices dos prepostos da *Trimurti*.

30ª Constatação:

O avatar dificilmente consegue entender que esse “*dharma*” que eles dizem e pensam ser a “verdade”, é tão somente um “equívoco advindo da afetação e do apego” da cultura demo a esse conceito tão longamente cultuado por eles. Assim, quando encarnam na condição humana, atentam drasticamente contra a “busca sincera e livre da verdade”, pelo fato de terem a “certeza demo” de que já a possuem.

Nem Jesus escapou a isso quando, aretalogicamente, se expressava como sendo ele “o caminho, a verdade e a vida”, pelo fato de ter certeza de que era realmente o enviado do Ser a quem ele considerava “Deus”.

Muito provavelmente, quando fez tais afirmações, ele não havia percebido, ainda, que esse “deus” estava com problemas – mesmo que tais distúrbios estivessem sobejamente descritos nas escrituras do povo hebreu –, aspecto que ele somente constatou no limite da sua dor, na cruz. **Quando ressuscitado**, esclareceu essa questão ao semear o que, depois, foi tido como “**conhecimento gnóstico**”, que reconhece problemas na Criação e no Criador.

Infelizmente, o gnosticismo descambou para o ódio ao Criador, ou seja, quase que um tipo de “Rebelião de Lúcifer 2”.

É óbvio que, para qualquer ser, o maravilhoso conceito comum do *dharma* como sendo a retidão de conduta frente a um dever moral que se assume como sagrado, é fator de educação e de estímulo a uma conduta superior.

O problema reside na má aplicação desse conceito a quem se vê enjaulado, e se obriga a continuar prisioneiro de uma situação degradante e de um contexto social-político, porque simplesmente nasceu em determinado segmento social e, por força do “*varna*”, é obrigado a permanecer no estrito cumprimento do *dharma* daquela casta.

Essa prática não deveria servir para seres humanos, cuja amplitude de talentos pode ser sempre ampliada pelo seu esforço evolutivo, o que

não se verifica entre os demos – que tal não logram fazer devido ao fator "**demência**" que, tristemente, reside no genoma desse gênero existencial.

Aplicar o sistema de castas sobre os humanos, em nome do *dharma*, é tão somente um **crime espiritual** que se pratica por absoluta ignorância em relação ao que a natureza humana pode produzir.

O espantoso é perceber que esses espíritos avatáricos cometem tal equívoco quando submetidos à condição humana. É como se já viessem, também eles, "psiquicamente enjaulados", só que numa postura mental de jamais perceber a diferença entre seres demo e homo, mantendo, assim, o controle sobre o rebanho humano, já que esse toma os avatares como "deuses" – pois é assim mesmo que Jesus e Sai Baba, dentre outros, são tidos pelos humanos.

Parece que tentar controlar o rebanho humano sempre foi o problema dos tais deuses em relação ao susto que tomaram quando perceberam o tipo de ser que surgiu na Terra.

A postura do "Javé bíblico" em relação a Adão e Eva é exemplo emblemático da questão.

Seja lá como possa ter acontecido, o fato é que existem seres humanos em condições miseráveis, que são os deserdados da sorte do "deus" das suas crenças. Enfim, existem párias em todos os quadrantes da Terra, sendo cada cultura local o produto dos desdobramentos de histórias particulares no seio de um contexto planetário maior.

A quantidade exata de milênios em que os humanos passaram a existir corresponde ao tempo em que boa parte das famílias humanas se tornaram miseráveis, materialmente falando.

Afinal, parece existir um misticismo sobre a miséria, que atesta que "como foi no passado, será no presente!", conforme se observa na situação mostrada a seguir.

Antes de existir saneamento básico, Lisboa era suja e malcheirosa. Para "limpar" o problema, foi instituído, então, por volta do final do século XVI, o posto das calhandreiras, ocupado por escravas africanas. Elas eram obrigadas a se dirigirem às casas de todas as pessoas da cidade para recolherem os dejetos humanos nos calhandros – tipo de vasos cilíndricos – que carregavam, e a despejarem essas imundícies no rio Tejo. Segundo as crônicas da época, no início do século XVII, a capital

portuguesa tinha mil calhandreiras ao seu serviço. Cada uma recebia 30 réis diários, o que estabelecia a profissão como a mais mal paga de todas.

Cerca de quatro séculos depois, as coisas não andam muito diferentes para países como Índia, Brasil, Bangladesh, Paquistão, Afeganistão e muitos outros – esse não é mais o caso de Portugal, cujos padrões evoluíram consideravelmente para os seus concidadãos –, onde os seus habitantes jamais conseguiram fazer evoluir os níveis dos seus índices de desenvolvimento educacional e em outros campos da vida. Continuam em atuação as "calhandeiras", pessoas que, independente de sexo ou de idade, vivem da cata de lixo pelas ruas das cidades brasileiras, ou sobrevivem recolhendo as imundícies de quem tem o privilégio de ter casa na Índia, ainda que não saneada, pois a maioria da população pobre não tem casa, e vive nas ruas, ao "deus dará" – estimando-se que esse "deus" dê alguma coisa.

Atitudes assim mantém esses e outros países num contexto medieval e mesmo ancestral, o que, convenhamos, é uma vergonha superlativa ou, ao menos, assim deveria ser considerado.

O estranho conformismo, porém, que as elites religiosas conseguiram impor aos arrebanhados deste mundo – haja imposição criminosa nessa resignação! – resultou em que nos acostumássemos com esse estado de coisas, que escandalizava pessoas profundas, como Nietzsche.

Acostumar-se com a indignidade presente, almejando alcançar as bênçãos do céu numa vida posterior, ou mesmo numa outra encarnação, como os hindus esperam colher – o hinduísmo apregoa que a sua melhor vida virá se você for bem-conformado na presente vida – parece ter sido a opção global da consciência dos homens e mulheres que vivem na Terra.

Inevitável? Será que a história poderia ter sido diferente? Será que, atualmente, os humanos poderiam ter outra postura, uma atitude mental bem diferente dessa de pensar que modificar as coisas, do modo como elas estão, é piorar tudo, e por isso tudo deve ficar como sempre foi?

Será possível, nos dias atuais, apesar do peso do condicionamento que foi imposto a essa humanidade, um avanço na compreensão e na atitude do cidadão planetário, com vistas à defesa de um padrão mínimo de vida digna até mesmo para as eternas "calhandeiras", as eternas filhas

da incompetência humana geral em construir um modo decente de se caminhar entre o berço e a cova?

A humanidade ainda não percebeu o fato de que, quando as hostes demos extrafísicas e as equipes biológicas extraterrestres que pretendiam dominar e "herdar" a Terra, foram, aos poucos, captando que essa antiga compreensão não se realizaria, mas que aqueles que um dia foram seus animais de estimação, estranhamente, seriam os que "herdariam", nas suas mãos, o destino planetário, eles trataram de passar o máximo de influência possível para a nascente cultura humana, com o objetivo de influenciá-la nas suas crenças, inocentes que eram os terráqueos em termos de vivência.

Forjaram, então, o que foi possível impor aos mais desventurados desses grupos, e iludiram os desavisados humanos para que esses pensassem que eles eram deuses e que iriam se retirar da Terra por um tempo, mas que retornariam no futuro.

Retornariam para quê? – pergunto. Das duas, uma: para retomar o contato fraternal ou o comando perdido sobre a Terra.

A sociedade planetária precisa pensar a respeito desse aspecto da história terráquea! Muitos centros do que chamo "o poder invisível" no seio dos governos nacionais, possuem informações e dados incontáveis sobre a questão ufológica, mas não têm a mais remota cota de compreensão sobre esse aspecto da questão que envolve o isolamento da Terra e a sua iminente reintegração ao convívio cósmico, tanto extraterrestre como extrafísico.

No passado, algumas hordas extrafísicas e extraterrestres assim agiram, portanto, como modo de transformar os humanos terrestres num rebanho que terminou ficando "órfão de pai e de mãe", pois o seu "deus" teria que se retirar, deixando a semente de uma saudade dominadora a ser sentida pelos, então, abandonados terráqueos.

A coisa foi tão bem-feita que até mesmo os investigadores ufológicos desse século XXI e os humanos bem mais informados têm apreço por esse retorno. Contudo, aqui deve existir uma boa dose de prudência!

Poucos dos grupos extraterrenos que compuseram, direta ou indiretamente, o processo de colonização do passado planetário, não jogaram essas artimanhas sujas sobre os humanos, pois que jamais pretenderam coisa alguma no campo da dominação, como era o caso dos

seres biodemos do Norte, ex-rebeldes – que haviam se envolvido com a "Rebelião de Lúcifer" –, e dos seres sirianos do Oriente, que são anfíbios.

As demais forças presentes no planeta, porém, de tudo fizeram para condicionar os humanos, sendo os anunnaki e os seres dos portais os mais lamentáveis exemplos disso, ainda que, sob a ótica dos acontecimentos cósmicos daqueles dias, seja "compreensível" o que, então, teve lugar.

As culturas, tanto dos anunnaki como dos seres dos portais, foram impostas sem maiores critérios aos humanos e, dentre esses, os primeiros que procuraram organizar a herança de tantas notícias, o fizeram de modo a considerar os tais seres como "deuses", e os humanos como "propriedades" dos feudos e clãs de então.

Quando as **castas na Índia se inseriram nesse contexto**, a fidelidade existente no conceito do *dharma* foi, aos poucos, sendo utilizado como postura moral elogiável e necessária para **os humanos se dedicarem às "causas dos deuses"**.

Pode parecer simplório, mas nas primeiras épocas, **as conveniências humanas não tinham a mais remota importância**, desde que os deuses estivessem satisfeitos.

31ª Constatação:

Com o tempo, os seres tidos como deuses foram sumindo e, então, eram os reis e imperadores que "cobravam" o mesmo grau de fidelidade dos desavisados humanos, para o atendimento das suas ambições, e o rebanho humano passou a ser astutamente conduzido no sentido de atender essas demandas, sem que sequer as suas conveniências mínimas fossem atendidas pelos poderosos.

Esse tipo de subserviência da parte do povo em relação aos seus mandatários, que pode ser sempre observada nas páginas da história, fez do terreno do jogo da vida um palco fértil para as doutrinas totalitárias. No século XX, por exemplo, o povo assistiu, vivenciou e sofreu os efeitos dessas doutrinas, como a do nazismo, a do fascismo, a do comunismo, enfim, doenças ideologicamente arquitetadas com certas cores de "progresso", mas que, na prática, sempre foram monstruosas e desgraçadamente criminosas e totalitárias.

32ª Constatação:

A manutenção do sistema de castas na Índia é um selo espiritual de uma majestosa estupidez que faz com que as trevas espirituais retirem os seus melhores futuros soldados – para as experiências totalitárias na Terra – dos que desencarnam plenamente revoltados das castas.

Não tenho como provar ou mesmo demostrar, mas os já citados sistemas totalitários do século XX recrutaram a massa dos seus exércitos dos espíritos que, em quantidade assombrosa, desencarnavam das suas vidas miseráveis na Índia e alhures, sendo recambiados para os núcleos que, à época desses fatos, o **então existente quartel-general das trevas controlava**.

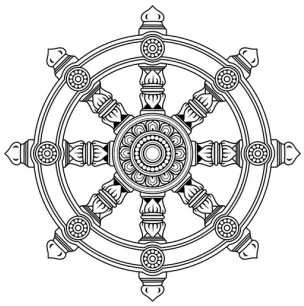
Felizmente, hoje, esse quartel não mais existe, mas na época foi assim mesmo que os fluxos daqueles espíritos, **fáceis de serem manietados pelo "cumprimento do dever"**, ainda que de nações que invadiam outras indefesas, foram segmentados e direcionados para a Alemanha, Itália, China, Rússia e Japão, nas primeiras décadas do século XX.

Os regimes totalitários, tão comuns na cultura humana, foram e são herdeiros dos métodos de submissão e de controle *dhármico* dos padrões que serviram para a educação dos seres demoníacos.

Foi desse conformismo, dessa entrega do destino da humanidade a "deus", dessa mania de crer numa vida celestial melhor do que a da Terra, das ideias do medo do inferno e do gozo celeste, do temor a "deus" e do amor a esse mesmo "deus" a quem se deve temer, enfim, foi dessas esquisitices todas que **surgiu esse humano simplório, encabrestado feito um equino, arrebanhado, ao mesmo tempo corrupto e ingênuo, obediente e raramente rebelde, infectado pelo vírus mental do estacionamento espiritual**.

Esse humano simplório que surgiu, passei a chamá-lo de "*Homo hierarchicus*".

O HOMO HIERARCHICUS



Vivi toda a minha vida no Nordeste brasileiro e pude conviver com a fé simples, porém profunda, de pessoas a quem muito amo, as quais considero maravilhosas, que são afetos da minha alma, mais uma vez reencontrados nas figuras de avós e de mãe muito amados, totalmente dedicados ao culto católico – e o faziam com a mais bela expressão dos seus psiquismos. Deles, herdei a parte boa que carrego comigo, e sempre guardo o mais profundo respeito em relação ao modo como eles praticavam a sua crença em Jesus, nos santos da igreja e, em especial, em Maria.

Para além da convivência familiar, tive o privilégio de também observar a fé simples do homem e da mulher do sertão, cuja devoção a alguns santos sempre me causou um "espanto emocionado". Os sertanejos, que nada ou muito pouco tinham, de nada reclamavam, muito trabalhavam, eram extremamente cordiais e zelosos para com as "visitas", oferecendo-lhes o pouco que dispunham, enfim, eram seres humanos que conseguiam cuidar de vários filhos e viviam na prédica e na prática de uma vida digna, totalmente devotada ao bem, a Deus, a Jesus e a Padre Cícero, a quem tinham como santo.

Enfim, na minha vida como nordestino, pude perceber, aqui e acolá, a fé das pessoas, uma fé que as fortificava, que tornava as suas vidas mais belas e suportáveis, crenças que as redimiam perante si mesmas, e muito disso vi nas minhas andanças como estudante de geologia, como pesquisador ufológico, como bancário, como diretor de empresas e de instituições e, por fim, como palestrante.

Sempre me senti bem menor que essas pessoas, e ainda me sinto assim! Com elas, aprendi muitas coisas, mas jamais pude copiar-lhes a atitude de fé e da crença que lhes enchiam a face de adoração e de

devoção. Na verdade, nunca consegui sequer ter algum tipo de relação parecida, fosse com Deus, Jesus ou algum santo, espírito, o que seja.

Quando estive na Índia, minha inquietação aumentou sobremaneira, pois o que me acostumara a ver na crença e na fé dos meus conterrâneos parecia algo extremamente sofisticado se comparado ao modo como os hindus adoravam os seus deuses.

Caminhei o quanto pude no meio daquelas pessoas, em situações e horas do dia e da noite as mais diversas, e jamais percebi qualquer perigo de agressão da parte de números impressionantes de "miseráveis", que vivem na rua porque não têm para onde ir.

Desde que ali cheguei, via Mumbai (antiga cidade de Bombaim), por volta das 1:30 h da manhã, quando tive que sair do aeroporto internacional para me dirigir a um outro local onde deveria pegar um avião para Bangalore, fui obrigado a atravessar um pátio situado ao redor do terminal, para assim poder tomar um ônibus que se encontrava estacionado bem mais ao fundo.

Jamais esqueci a impressão que me causou caminhar, com malas, no meio da multidão que ali se encontrava. Enquanto andava, aquela multidão foi abrindo uma "vala", ao mesmo tempo que me olhava com um tipo de brilho nos olhos, que eu jamais vira.

Após o meu retorno da Índia, comecei a pesquisar material para dar continuidade aos três livros ("*A Chave do Avatar*", "*Orvalho do Tempo*" e "*Os Mestres da Alma*") que lá havia começado a produzir – os quais, por sinal, até hoje não os concluí – e que, supostamente, deveriam compor uma trilogia que, na época, denominei como sendo "*Os Mistérios da Índia*".

Aprofundei-me, e pude enxergar uma "linhagem sacerdotal" de espíritos especialíssimos, que sempre reencarnavam na Índia com a função de fazer de cada um de seus membros uma luz a ser acesa para facilitar a dura caminhada dos que ali nasciam. Além disso, percebi também outro objetivo, que era o de manter acesa a luz do esclarecimento yogi, semeada que fora no "início dos tempos" – lá atrás, no tempo imemorial ao qual Krishna se referiu conversando com Arjuna.

Seguindo mais adiante, aprofundei-me ainda mais, e pude ver, por trás dessa linhagem sacerdotal, a figura de Shiva, cuja última encarnação como Sai Baba – mas a partir do código-fonte definidor pessoal de Krishna –, parecia adornar, de modo brilhante, aquela corrente de luz.

Nessa altura, foi quando me defrontei com a realidade demoníaca por trás de absolutamente toda a cultura advinda da mitologia ariana/hindu, como também da própria linhagem de "sacerdotes" dos "Senhores da *Trimurti*".

Nesse ponto, percebi as já citadas **castas demoníacas ou *trimurtianas*** – como passei a classificá-las – e o tipo de ser humano que estava sendo produzido pelas mesmas: o "***Homo hierarchicus***", conforme denominado por mim. Esse ser que surgiu, seria "**facilmente encabrestável**" pelas rédeas de uma crença que lhe fosse maior do que a sua capacidade de usar o senso crítico, comum à espécie *Homo sapiens* – mas que parecia permanecer em desuso para os que viviam na Índia, pelo menos nesse sentido.

Ao ver o *Homo hierarchicus* atualmente submetido ao militarismo, à subserviência exigida pelos interesses de manipulação das religiões impositivas e às ideologias ultrapassadas, dói-me a sensibilidade ao perceber a aceitação desses contextos nas figuras de um Sai Baba e de outros que pensam saber que **"aquela situação" é a melhor que "deus" pôde e pode providenciar para aquelas infelizes pessoas que tiveram o azar ou o *karma* de nascer naquelas circunstâncias**.

Como deve ser "bom" ter esse tipo de certeza que justifica crimes indefensáveis em nome de conceitos equivocados sobre Deus! Eu, porém, não consigo tê-los, porque isso somente se dá pelo uso desarrazoado da fé e da crença mal dirigidas. Como nem bem dirigidas consigo portá-las na minha sensibilidade, desse tipo de equívoco estou livre, ainda que, para os que me olham do meio do rebanho, seja eu o equivocado.

A poluição da cultura *demodhármica*, infelizmente, até os dias atuais, invadiu e influencia a cultura humana, que acha normal atribuir ao seu "deus de preferência", todo tipo de esquisitice e de crime e, o pior, desastradamente **transformando em coisa sagrada o que é barbárie.**

Não gosto nenhum pouco quando vejo Sai Baba defendendo a seguinte propositura aos humanos, em um dos livros[10] que condensam seus ensinamentos:

"Primeiro, o diamante é um sombrio pedaço de pedra, um seixo duro. Somente após cortado por hábil artesão, torna-se uma chama de fogo multifacetada. Permita-se ser tratado da mesma forma, pois todas

suas sombras sumirão, e você emergirá igual a um resplandecente diamante.

Aja, atue com todo seu potencial e com plenitude de sua mente. Faças uso total da habilidade, capacidade, coragem e confiança de que é dotado. Deus não o abençoará.

Sofrer credencia-o mais para a Graça do Senhor. Quando o sofrimento vem em ondas, umas sobre as outras, alegre-se, pois a praia está chegando. Enfrente-as bravamente. Não se comporte como os covardes, que lançam queixume sobre algum poder externo ou ficam zangados com o Senhor."

Sei que Sai Baba falava para uma multidão incontável de hindus e de outros humanos necessitados, mas, ainda assim, não me é possível aplaudir gestos desse naipe.

O esmagamento da sensibilidade dos homens e das mulheres pelo viés religioso é algo que resisto firmemente a aceitar e a me acostumar em ver isso como normal.

"*Ah, mas isso é consolo, conforto!*", poderá alguém dizer.

Que seja! Penso saber que alguém como Sai Baba se expressa dessa maneira com a melhor das intenções, mas, ainda assim, tomo isso como injustificável.

Por quê? Muito simples: Enquanto o ser humano não for mais considerado a fonte de todos os pretensos propósitos que regem a nossa vida, mas sim, os supostos deuses amalucados que promoveram intrigas que, até hoje, são a fonte de guerras intermináveis – entre, por exemplo, árabes e judeus, dois grupos envolvidos com "promessas, pactos e eleição como povos escolhidos pelo deus bíblico" –, sou dos que pensam que jamais construiremos um modo digno de se viver na Terra.

Por que, há muito tempo, estamos vivendo em pleno caos político, ainda que a nossa vidinha possa estar indo muito bem? Exatamente porque alguns (os humanos terrestres reclassificados, por mim, como *Homo hierarchicus*) obedecem cegamente aos valores que lhes foram repassados por esse "deus", via seus anjos, aos escolhidos da hora – Moisés, entre os judeus, e Maomé, entre os árabes.

Esse "deus", como já o disse, escolheu os arianos, quando a eles se apresentou como Brahma, depois, elegeu os judeus, mostrando-se como Javé e, mais recentemente, optou pelos árabes muçulmanos, se

identificando como Alá, mas deixando bem claro que era o mesmo "deus" dos judeus e dos arianos. Ora, até quando e onde isso vai?

Se nós, humanos, não elegermos nossos próprios valores e propósitos, de modo que venhamos a considerá-los supremos, abrindo mão dessa obrigação filosófica e entregando a esse "deus" a possibilidade dele fazer isso por nós, onde chegaremos e que resultados atingiremos, diferentes dos desfechos que nos acostumamos a obter como sendo a vida normal? Ora, convenhamos!

A opressão do ser humano e o esmagamento do homem pela sociedade atemorizada pela fé num "deus" furioso, que pune e castiga, encontram-se em completo antagonismo com a ideia de que a finalidade das civilizações seria a de dar a cada um a possibilidade de viver decentemente como pessoa.

33ª Constatação:

A grande batalha mental, empreendida desde os tempos ancestrais até os nossos dias, é a luta pela proclamação e reconhecimento da dignidade do ser humano racional, capaz de compreender criticamente a realidade na qual se encontra inserido, de amar, de criar, de trabalhar, de evoluir, de distinguir entre o bem e o mal pelo seu modo de pensar e de valorar emoções – e não de obedecer seres aparentemente enlouquecidos e doentes.

Para mim, o que importa é o reconhecimento da dignidade do ser humano, o respeito aos seus valores, e não uma submissão cega a ordens e enredos absurdos, sejam lá da autoria de quem for.

Ivan Karamasov, personagem de Dostoievski disse: "*Se Deus não existe, tudo é permitido*". Será? – pergunto eu. Sinceramente, penso que não! Esse é o tipo de entendimento, que interessa às elites religiosas de todos os tempos, que querem os humanos pensando que, se não existir a crença em "deus", tudo está acabado. Falácia!

Quem precisa da noção conceitual de um "deus" estranho, que promove a segregação das etnias humanas, em vez de congregá-las?

Se a visão universalista não for apenas uma colcha confeccionada com retalhos de todas as religiões e doutrinas espiritualistas, mas sim a compreensão ampla dos costumes e sentimentos religiosos de todos os seres humanos a convergir para um só objetivo espiritual, como poderemos, um dia, considerar o conceito de "Deus" como sendo um

valor supremo, caro a todos os seres humanos, **se continuarmos a viver em castas, em obediência a esquisitices do passado imemorial**?

Um dos aspectos da nossa vida é o de que o ser humano foi condicionado a se submeter à **hierarquia do absurdo**, que promove todo tipo de terror aos crentes, carentes e desavisados quanto à vida espiritual alicerçada em códigos filosóficos, que envolvem princípios e propósitos nobres de vida.

A escolástica medieval poluiu as noções mais ousadas da filosofia grega, e por isso nos tornamos órfãos de uma compreensão mais ampla sobre a existência que levamos. Isso porque substituiu a noção de que a crença em "deus", e não a reflexão filosófica, poderia salvar a condição humana da "danação eterna".

Sobre a questão da promessa cristã da salvação, em desacordo com a salvação pelo viés filosófico, Luc Ferry[11] nos oferece uma reflexão por demais interessante:

"*A vitória do cristianismo sobre a filosofia é evidente ao longo de toda Idade Média: a filosofia será reduzida ao que chamamos de "escolástica", ou seja, ela praticamente deixará de ter o direito de se interessar pela questão da vida boa e da salvação, que se tornara monopólio absoluto da religião. A filosofia será reduzida a uma vulgar análise de conceitos, mas não será mais, como no tempo das grandes escolas gregas, um exercício concreto de aprendizagem da vida.*

Será preciso esperar o século 17 para que a filosofia retome aos poucos, principalmente graças a Espinoza, o projeto grego de definir a sabedoria e a vida bem-aventurada."

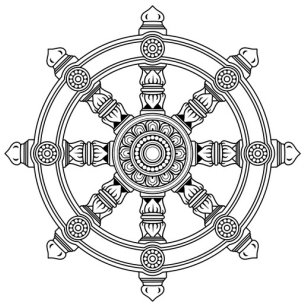
Ludwig Marcuse[12], porém, nos recorda que "*crer é um conforto, pensar é um esforço*", e que filosofia movida por alguém como um Espinoza, e não pela crença simplória e estéril, parece não ser para todo tipo de ser humano, já que a zona de conforto que o "se sentir pertencendo a um rebanho" oferta, é "consolo" muito bem-vindo aos psiquismos preguiçosos ou impossibilitados pelas circunstâncias da vida de procurar a verdade.

O *Homo hierarchicus* não pode pretender procurar a verdade, pois é condicionado a partir do pressuposto que já a encontrou, e que ela vive em sua opção religiosa ou ideológica.

Para fins como esse, o sistema de castas é perfeito, produzindo tal tipo de ser humano. A quem interessa isso?

Será que o contrato social, possível de existir na Índia, somente se expressará por meio da vida organizada em castas, ainda que as leis da atualidade as proíbam? Se a resposta for "*sim, essa é a única maneira possível de organizar as circunstâncias milenarmente colecionadas entre os hindus*", penso que estaremos definitivamente assinando o nosso atestado de deformidade filosófica, de estupidez espiritual que, para mim, significa o fim da nossa habilidade em sabermos o que é decente e digno na vida de um ser humano.

A GENÉTICA TOTALITÁRIA



Desde o advento da cultura humana, uma moda criada pelos "deuses de fora" foi estabelecida como estratégia de dominação: a de escolher um povo da Terra para, por meio dele, dominar os demais povos.

Apresentando-se ou tido como Brahma, para os arianos e hindus; Caos, para os gregos antigos; Ra-Atom, para os egípcios; Javé, para os judeus e parte do Ocidente; Og-mi, para os celtas ancestrais; e Alá, para os muçulmanos, dente outros, o Criador decaído e demente aplicou, até o ano 2015, essa estratégia criminosa e inconsequente de tentar dominar, a qualquer custo, os humanos – que saíram do seu controle genético desde os tempos de Pandora. Assim classifico essa estratégia, sob a perspectiva das lógica e ética humanas, mas, para os "deuses de fora" – segundo afirmam –, essa era e sempre foi a única maneira a ser perseguida, com possibilidade de resolver o velho problema do Criador.

Essa antiga questão tinha, então, a ver com a reconquista do poder de mando sob a espécie humana terráquea, ao mesmo tempo em que transformava a humanidade em massa de manobra, como modo de resolver as pendengas geopolíticas dos "deuses" da antiguidade, que tiveram, por sua vez, que se acostumar e se adequar ao crescente avanço dos "dominados humanos" sobre a Terra – que sempre foi vista como sendo um "lugar deles".

Os povos ariano, judeu e árabe foram os três segmentos étnicos, com "genética própria" – tempo virá em que os geneticistas compreenderão, pelo método científico, o que aqui está sendo superficialmente afirmado –, que foram os "diretamente" escolhidos pelo Criador para servirem de palco e, ao mesmo tempo, de exército terráqueo das suas intenções.

Indiretamente, o traço cultural de "povo escolhido" foi sendo posteriormente repassado, pela tradição oral e também escrita, para

muitos outros povos que somente surgiriam mais tarde. Esse foi o caso das tribos hebreias do tempo de Héber, descendente de Noé, que se tornariam, muitos milênios depois, as duas tribos de Judá, que deram origem aos judeus. Por sua vez, os judeus repassaram esses painéis de "povo exclusivo" para as suas culturas – como é também o caso do que ficou registrado na mitologia hindu, que foi construída sobre a união das culturas ancestrais ariana e dravídica.

Independente do ângulo que se observa, essa questão da "exclusividade", de "povo escolhido", teve origem no critério organizacional das castas arianas, hoje chamadas de hindus, que sempre foram utilizadas para o refino de certas áreas do **genoma demo-homo**, ainda que as "cobaias terráqueas" disso jamais tivessem sabido, por absoluta ausência de conhecimento e de senso crítico para tanto – e o pior é que ainda não sabem, e estamos registrando esses fatos no início do século XXI.

A cultura dos demos, em especial a aplicada pelos membros da *Trimurti*, sempre agiu com o objetivo de criar um "super-segmento" dentre os povos que habitavam a Terra, um "povo escolhido a dedo", para que fizesse cumprir os desígnios do Criador. Esse, simplesmente, escolhia um dado segmento da humanidade numa certa etapa da história, depois o descartava, e escolhia outro, jamais se preocupando com o que o sentimento de "exclusividade" de "eleição" – com o qual, criminosamente, condicionava os desavisados humanos – pudesse vir a provocar em termos de guerras entre povos que se julgavam "eleitos" pelo mesmo Ser que tinham como sendo "Deus".

Se bem observado, o **ódio, historicamente estruturado entre árabes e judeus, tem a ver com esse triste aspecto da questão**, como também, qualquer traço de "exclusividade e de superioridade étnica" que um povo possa sentir, teve e tem como alicerce doentio, exatamente a perspectiva de que os "mais fortes" sempre devem imperar sobre os "mais fracos".

De onde veio essa perspectiva? Esse é um dos traços mais detestáveis da face criminosa e doentia do Criador e que, infelizmente, encontra-se presente no "psiquismo genético" de todas as espécies de seres vivos da natureza terrestre, desdobrados a partir do seu código-fonte definidor (conhecido como DNA), cujos membros procuram sobreviver a qualquer custo, ainda que seja matando outros tantos, como

se nisso pudesse existir alguma herança de um Ser-Criador digno de assim ser chamado.

Muito menos uma entidade com essas características poderia ou deveria ser chamado de "deus" por qualquer pessoa sensata, com os conhecimentos disponíveis na atualidade. Entretanto, esse Ser ainda é tido como sendo "deus", por mais de três bilhões de seres humanos. *Santa simplicitas!*

O mais espantoso, para este aflito escrevente, foi perceber que a chamada "eugenia", estabelecida em processo de manipulação genética com vistas ao melhoramento da raça, é um traço que nasceu com a questão das castas. E o pior: a doença do nazismo, dentre outras, foi estabelecida a partir do sentimento de "exclusividade" que alguns cidadãos alemães, do final do século XIX e início do século XX, sentiram quando, aos seus olhos, finalmente chegara o momento da "raça ariana" reassumir o controle do destino do planeta, após as falhas flagrantes do povo judeu (judaísmo) e dos árabes (islamismo).

Brahma/Javé/Alá precisa, um dia, pedir desculpas a esta humanidade pela quantidade de crimes que a sua doença mental impôs sobre os membros da família humana terrestre.

O seu desgoverno universal é de tal ordem que essa prática problemática da "escolha exclusiva" não foi semeada somente entre os seres humanos terráqueos – lembre-se o(a) leitor(a) que nós, os humanos, somos os últimos a terem surgido no âmbito deste universo, portanto, somos a raça mais nova de todas, uma vez que, na sua perspectiva racional, existimos há cerca de uns 50 mil anos – e esse desgoverno vem ocorrendo desde o início da Criação universal, há cerca de 13,8 bilhões de anos. Isso implica afirmar que "outras escolhas exclusivas" já haviam sido feitas pelos três "Senhores da *Trimurti*" ao longo de todo esse tempo, tendo o peso das mesmas caído sobre outras espécies tanto de caráter demo – habitantes das *lokas* ou *genos*, enfim, das moradas que compõem o universo antimaterial, paralelo ao nosso –, quanto biológico, comum às espécies do universo em que vivemos.

Desse modo, esses seres que há muito estavam presentes na Terra, sempre disputaram as questões da geopolítica da "*Lila*" – jogo de poder entre as três Divindades da *Trimurti* – e quando os humanos surgiram, tão somente as disputas antigas foram repassadas para a cultura humana. Nesse repasse, porém, surgiu uma novidade: **eles perderam o controle exatamente sobre a espécie** que, um dia, **assumiria o comando do**

destino do planeta – o que eles jamais imaginaram ser possível, naquela época. Devido a isso, **fomos e somos mantidos na ignorância em relação a esse aspecto da questão**, como de sorte em relação a tudo o mais.

Por responsabilidade direta daqueles seres que, apesar de se acharem "senhores da vida", naquela altura dos fatos, ainda não vislumbravam que os ex-animais de estimação dos deuses, agora despertos para a racionalidade, dominariam o mundo, foi que surgiu um determinado conjunto de sequências genéticas – ardilosamente manipuladas – no genoma humano, que faz com que certas pessoas se tornem monstruosas quando assumem o poder. Mais ainda: em herdando as sequências genéticas belicistas, elitistas e dominadoras, advindas das disputas ancestrais das castas dominantes – que foram a guerra pelo poder muitas vezes –, surgiriam, entre os humanos, as ideologias filosoficamente prejudicadas na sua essência ética, como o nazismo, o fascismo e o lado medíocre do comunismo, que se expressa por meio da "ditadura do proletariado" que, na prática, é tão monstruosa e corrupta quanto qualquer outra ditadura. Refiro-me a uma das faces que considero medíocre na doutrina comunista, porque acho que existe um outro perfil desse sistema, ainda por ser percebido e vivenciado, quando o ser humano estiver livre da marcação genética que lhe desperta a cobiça e a corrupção superlativas pelo poder.

Penso serem Brahma/Javé, Vishnu, Shiva e os seus descendentes pertencentes à aristocracia em torno da *Trimurti*, os terríveis causadores das doenças totalitárias, que arrasaram com a sensibilidade, a criatividade e a dignidade humanas.

As sequências genéticas autoritárias, que passaram a desfigurar a natureza humana, vieram exatamente do jogo imundo, desses seres falidos, de escolher humanos que eram os "inocentes úteis" do momento, ou mesmo os "idiotas úteis", que vendiam suas almas para serem eleitos por aqueles seres – aspecto comum às épocas de um passado somente em parte conhecido. Lamentavelmente e mais notadamente, o "deus bíblico" atormentava os seus eleitos, pois muitos deles se recusavam a serem os "escolhidos", o que somente aceitavam depois de cumprida uma longa jornada de subjugação que esse Ser e seus anjos aplicavam sobre os humanos. Ainda assim, terminaram contribuindo para que a manipulação da genética humana seguisse o seu triste curso na direção maluca, pretendida pelos "Senhores da *Trimurti*".

Essa genética totalitária começou, inevitavelmente, a produzir o silêncio conivente de muitos dos agentes da vida que, para viverem melhor, fechavam os olhos ao palco de horrores que foi inoculado no psiquismo humano.

Durante muitos séculos em que a barbárie era a política de estado de todos os aglomerados humanos, e a inexistência de leis decentes também dava a tônica do atraso daqueles dias, o silêncio de muitos ou de todos era compreensível. Contudo, nestes tempos em que a era do conhecimento disponibiliza os fatos diários da vida perante os olhos de muitos seres humanos, é mesmo desesperador perceber como estamos anestesiados e continuamos com um tipo de silêncio perturbador, cujo grau de omissão e de covardia não se pode medir. Por quê? Porque, agora, os grupos humanos parecem ter os seus corruptos, monstros e ditadores prediletos, conforme a tosca coloração política de "esquerda" ou de "direita" que a eles pode ser atribuída pela visão doentia de um rebanho cujo olhar vesgo somente enxerga essa trágica dicotomia existencial.

Martin Luther King teve essa mesma percepção quando disse, ao tempo em que lutava solitariamente contra o racismo nos Estados Unidos: "*O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem-caráter, nem dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons*".

Bons? – pergunto eu.

É preciso resistir às distorções e aos desvios que a genética totalitária causou no psiquismo da humanidade.

34ª Constatação:

Precisamos ter em conta que o absurdo somente pode ser percebido pela filosofia profunda, pois que a crença religiosa simplória e o fundamentalismo ideológico financiam esse modelo totalitário e insuportável de vida.

A filosofia profunda poderá arquitetar um motivo nobre pelo qual valha a pena viver, apesar de tudo.

A infantilidade humana e o comportamento de rebanho são os temperos da "pílula azul"[13], para alimentar a vida e as ilusões. O estudo da filosofia nos ajuda na construção da "pílula vermelha", que precisamos tomar para o nosso amadurecimento pessoal.

Infelizmente, jargões do tipo "*por uma sociedade mais justa*", "*pelo bem de todos*", dentre outros, podem ser usados – e estão sendo – pelos piores tipos de canalhas, travestidos de "esquerda" e de "direita", que esta humanidade já produziu.

Somente uma leitura adulta dos fatos permite que a maioridade espiritual, dos que assim se habilitem a enxergar, possa surgir no calendário da vida.

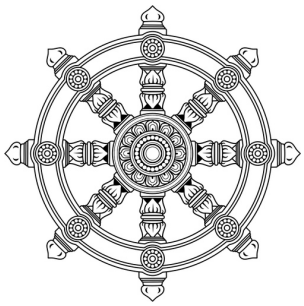
E, convenhamos, já é mesmo tempo de sairmos da etapa da infância espiritual, que há muito estamos submetidos. Por isso, precisamos perceber que a **genética totalitária das elites religiosas e ideológicas do mundo** precisa ser enfrentada, não com revoluções violentas, mas sim, com **conhecimento esclarecido, única maneira de construirmos o futuro, sem cometermos os mesmos tipos de erros do passado.**

Afinal, quando os humanos herdaram o sistema de castas como modo de vida, mal sabiam eles que o que estava em jogo era o velho problema de quem manda (sempre o mais forte) e de quem obedece, pois, afinal, os antigos arianos replicaram, nos seus costumes, tão somente a reafirmação de que a genética totalitária prevalece (nas castas abastadas e poderosas) e o resto obedece.

O nazismo surgiu a partir dessa semente, sempre adubada pelo feitio das consciências particularizadas que sempre se corrompem para conquistar o poder. Para atingir esse objetivo, alguns se transformam em monstros, e são efetivamente muito bons nesse mister vergonhoso.

É uma velha doença do Criador, repassada aos seres das classes demos, e tragicamente herdada pela humanidade.

CULTURA HUMANA: LEGADO INCOMPREENDIDO



Realmente, não é fácil romper com os condicionamentos impostos pela "modernidade", para poder observar, com olhos limpos, o passado terrestre e a sua influência sobre o modo como hoje vivemos e os problemas que colecionamos enquanto espécie cósmica, ao mesmo tempo em que fomos acostumados a achar a vida que conhecemos como uma "dádiva de deus" e, pela qual, deveríamos ser gratos.

Perceber que, muito antes dos humanos existiram outras raças de seres, físicos e não tão físicos assim, animalizados e não tão animais como somos, que por muitos milhares de anos – bem mais do que esses poucos milênios que os humanos se sentem os "donos da Terra" – aqui residiram, se considerando como os proprietários deste planeta, é condição essencial para que a compreensão esclarecida, em torno da questão, possa ser estabelecida no psiquismo humano.

O mais abrangente de todos os legados culturais que surgiram antes mesmo da existência do ser humano racional, e que terminou sendo repassado para o seu domínio, foi o que, neste livro, denominei como sendo a "cultura demo" que, sob a vista do presente, se confunde com a "mitologia".

Gostemos ou não, considerar esse passado como "mitologia", e não como realidade, ainda que estranha aos elementos que o fluxo dos terríveis acontecimentos terminou por disponibilizar para as atuais gerações de humanos, acabou sendo **o grande infortúnio que nos cegou a tal ponto de tomarmos uma mentira como verdade: a de que estivemos sozinhos na Terra todo esse tempo e por isso somos "donos do planeta"**.

Esse **legado mitológico** – a cultura demo – foi repassado para os humanos e, quando da inevitável transição entre as notícias advindas das tradições orais para o contexto dos registros escritos, é importante

também que o(a) leitor(a) entenda que, em algumas culturas, essa transição foi feita também por seres que não eram de todo humanos, enquanto que, em outras, foi por homens e mulheres da antiguidade.

Aqui há um "porém" que precisa ser registrado no caso do contexto em que a transição foi feita por humanos. Como já informado anteriormente, **muitos dos protagonistas das antigas versões orais traduzidas para a linguagem humana foram considerados como tendo sido seres humanos, quando jamais o foram** e, até hoje, estão assim descritos em muitas páginas das lendas mitológicas, consideradas pelo conhecimento atual.

No caso em que foram seres não humanos a registrarem, por escrito, as antigas tradições orais, eles o fizeram corretamente, deixando clara a característica não humana de muitos dos personagens dos contos da antiguidade. Foram poucas as situações em que tal se deu, mas, mesmo sendo raras, foram marcantes, como no caso do **jainismo** e de alguns dos seus desdobramentos.

Mais tarde e de modo mais generalizado, porém, humanos fizeram a transferência do conhecimento ancestral, quase todo registrado nas tradições orais, para os alfabetos que foram surgindo, e nesse ponto da história **o problema da distorção surgiu de modo drástico, porque diversos protagonistas foram tidos como humanos, o que desfigurou o enredo real**.

Complicando ainda mais a questão, o pensamento moderno, iluminista e pós-iluminista, obrigou-se a traduzir como sendo também humanos, os diversos entes presentes nas tradições das primeiras formas de escrita da humanidade.

Foi assim, por exemplo, que muitos dos contos atualmente tidos como cristãos, mas que eram mitológicos – que é o caso de Beowulf, da mitologia nórdica –, foram cristianizados, como se os personagens da lenda fossem católicos.

Desse modo, a cultura humana vai sempre sendo estabelecida sobre o passado com os seus valores equivocados, e esses equívocos permanecem poluindo as mentes das gerações futuras, como se a rememorar, permanentemente, que vivemos sob o constante peso do **pior tipo de ditadura que existe, que é a da cretinice travestida de religião impositiva**.

Jamais conseguimos nos libertar de um controle imposto lá atrás, mas que permanece atuando sobre as ideias e ideais modernos, impondo a sua sombra, **fazendo da ausência do esclarecimento, a garantia da servidão**.

Triste de uma civilização planetária cuja cultura se encontra alicerçada em bases podres e equivocadas, e seus agentes não permitem a mais singela modificação de nenhum dos seus padrões.

No âmbito da cultura terrestre, as particularidades da antiga cultura hindu permanecem como armas engatilhadas para qualquer um que se tenha como revolucionário frente ao que se encontra entranhado nas suas raízes.

Castas, racismo, guetos, acampamentos de refugiados, etnias sem pátria, perseguições religiosas e políticas, patrulhamento ideológico e outras esquisitices inundam esse mundinho maluco no qual vivemos, aviltando-o, e não temos como modificar os padrões mais básicos do seu modo organizacional, **o que nos obriga a conviver com a escravidão de todos em torno dessas heranças, até agora aparentemente insuperáveis**.

Elos perdidos mantém esses grilhões fantasmagóricos sobre as relações sociais e políticas desta humanidade, ainda que tenham sido outros tipos de seres os responsáveis pela gênese comportamental com base nesses critérios vexaminosos.

As castas à moda humana nada mais representam do que uma mera cópia de como a cultura demoníaca educava seus pares, tendo como alicerce o conceito de *dharma*, cujos termos terminaram envolvendo o triste destino da humanidade.

35ª Constatação:

Eis o principal aspecto do elo perdido: o equívoco em torno de conceitos demoníacos, que passaram a ser tidos como humanos.

O olhar sobre o passado, que o ser humano – dito moderno – precisa lançar, tem que partir de premissas livres de conceitos preconcebidos para que um novo contexto possa surgir. Infelizmente, nessa altura do problema dramaticamente acumulado, penso que as lentes desse olhar jamais conseguirão enxergar o tamanho do drama vivido por ancestrais humanos e não humanos, nos tempos imemoriais.

Talvez, a atual geração de homens e mulheres jamais venha a vislumbrar a importância que a cultura humana tem para todos os quadrantes desta Criação, pois que, sem o seu uso, uma decifração ampla e produtiva jamais poderá ser produzida no seu âmbito interno.

Como fomos e somos programados para pensar que existimos, quando, na verdade, o código genético de vida que nos move é que vive em cada criatura-ferramenta, e pertence a uma Inteligência que faliu, e por isso precisa se servir de outras para, por meio delas, ver e um dia enxergar a si mesmo e ao que fez. Entretanto, pelo menos por enquanto, perceber esse aspecto óbvio da questão seria assustador para muitos, além de nos parecer um aparente contrassenso, ferindo o senso comum da nossa lógica.

Como se referiu, porém, Maurice Maeterlinck[14], no seu livro "*A Vida das Abelhas*":

"*As abelhas não sabem se comerão o mel que recolhem. Nós ignoramos, igualmente, quem tirará proveito da potência espiritual que introduzimos no universo. Do mesmo modo pelo qual as abelhas vão de flor em flor, recolhendo mais mel do que necessitam para elas e seus filhos, busquemos também, na realidade, tudo o que possa alimentar essa chama incompreensível, a fim de nos acharmos dispostos a enfrentar qualquer acontecimento com a segurança do dever orgânico cumprido. Alimentemo-la com os nossos sentimentos, com as nossas paixões, com tudo o que se vê, se sente, se ouve, se toca – e também com a própria essência disso, que é a ideia que se deduz dos descobrimentos, das experiências, e das observações feitas com base em tudo o que se visita. Chega então um momento em que tudo se converte tão naturalmente em bem, para um espírito que se haja submetido à boa vontade do dever realmente humano, que a própria suspeita de que os esforços que realiza talvez não tenham objetivo, torna ainda mais claro, mais puro, mais desinteressado, mais penetrante e mais nobre o ardor de suas investigações.*"

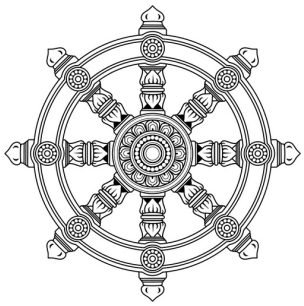
Realmente, para o ser humano se torna difícil perceber que suas ações têm a ver com a noção, por enquanto mal compreendida, do "favor divino" que todos nós prestamos ao Criador caído – tema especifico de um outro livro que escrevi, cujo título "*Favor Divino*", aborda o fardo que os nossos espíritos e os seus egos assumem ao existir para esta Criação.

Talvez, por desconhecer esse aspecto da existência, é que Maeterlinck costuma dizer que: "*A inteligência é a faculdade com o auxílio da qual compreendemos por fim que tudo é incompreensível.*"

Tempo virá, porém, em que essas questões que estavam escondidas, perdidas, sendo, portanto, de difícil compreensão, serão enxergadas com as lentes devidas, e o oculto, então, se revelará naturalmente para a lógica humana.

Até lá, todavia, a ignorância e o condicionamento cobram o seu terrível preço!

ALÉM DAS CASTAS



Há um **imperativo categórico**, no campo da moral, atrelado ao modo da existência espiritual, que mesmo a "Revelação Espiritual" não pôde explicar na segunda metade do século XIX, nem Sai Baba, na transição do século XX para o XXI, houve por bem esclarecer. Esse imperativo categórico estabelece **que o modo humano de existir provocou uma mudança na maneira de como as leis ditas científicas, desta Criação, passaram a atuar no seu contexto quântico, com consequências nos ambientes espirituais e nos dois universos que a caracterizam.**

Essa afirmação, que aqui registro, em estando correta a interpretação que me obrigo a fazer frente aos fatos que pude descortinar, deverá ser uma das mais importantes constatações a serem decifradas pelas gerações futuras. Refiro-me ao **imperativo categórico da moral ou da espiritualização, que somente surgiu – para os códigos marcados nos elétrons e nos genomas desta Criação – a partir da eclosão da racionalidade humana** na condição em que ela se deu.

O senso crítico, associado à razão filosófica capaz de valorar emoções com padrões superiores e refinados, estabeleceu um freio ao modo destemperado com que o "mal" e a "ignorância" vinham atuando livremente na Criação, praticado pelas classes demoníacas, que foram se sucedendo na triste história do *brahmaloka* – o universo que existe paralelo ao nosso, origem da vida clone e demo.

Em outras palavras, **a origem da vida biológica racionalizada no grau em que se percebe nos terráqueos, começou a "cobrar" das organizações complexas pluricelulares afeitas ao campo morfogenético da espécie humana, o que, na cultura demo e também na humana, passou a ser entendido como "*karma*"**, advindo do não cumprimento do *dharma*, com suas consequências positivas e negativas,

tanto para o "espírito imortal" quanto para seus "egos transitórios", fossem estes de ordem demo ou biológica.

É bom não esquecer que, conforme as "notícias mitológicas" – que nada tinham de "*fake news"* (notícias falsas), ainda que assim tenham sido consideradas pela arrogância acadêmica –, foram os reinos demo e biológico, a gerarem vida com alguma ou muita complexidade, que continuaram produzindo "novas espécies" ou vivenciando os desdobramentos finais de genomas anteriores, ao longo desses 13,8 bilhões de anos em que os dois universos desta Criação existem.

No entendimento da cultura *demodhármica*, mais elaborado e surgido já bem mais recentemente em termos de tempo universal, a simples questão da aplicação ou não dos critérios do *dharma* como dever moral, definiria tudo o mais. Por outro lado, na recém-surgida cultura humana, mais sofisticada e complexa que a dos demos, a ausência do amor e a incapacidade do perdão se tornaram importantes aspectos associados às leis de causa e efeito (ação e reação), que "cobravam" padrões mais elevados e refinados de conduta dos terráqueos esclarecidos.

Qual a importância disso? Os humanos foram levados a pensar algo que os demônios jamais pensaram: que antes deles, no início dos tempos da Criação, já existiriam seres muitíssimos evoluídos que determinavam como eles poderiam viver e, caso desobedecessem, seriam punidos por um tipo de "justiça divina". Os demos jamais partiram dessa premissa de que existia um "Deus" para além dos Seres da *Trimurti*, pois sabiam que, entre as gerações demoníacas, todas elas disputavam o poder o tempo todo, por meio de **um outro imperativo categórico: o da prevalência do mais forte sobre o mais e fraco**. E isso era tudo!

Os humanos, ao contrário, sempre acharam que as leis da vida haviam sido impostas por esses seres muitíssimos evoluídos, que também distribuíam o conjunto das bênçãos e dos castigos de uma "justiça divina" aplicada pelos mesmos. Contudo, isso parece não corresponder aos fatos que se pode conhecer tanto na esfera espiritual como na história de ambos os universos que compõem a Criação.

Difícil de compreender? Talvez sim, porque sei que esse aspecto dos fatos corresponde exatamente ao contrário do que todas as religiões sempre acreditaram e afirmaram ser a verdade.

A triste questão é que esse **compêndio de conhecimento elevado permaneceu oculto**, porque as forças que dominavam a vida na Terra **sempre maltrataram a verdade, tendo-a como a última bandeira a ser desfraldada** neste mundo, até porque as elites dominantes, dentre as quais a *Trimurti,* a desconheciam por completo.

Talvez, uma das mais brilhantes mentes – observando-se sob o ângulo da perspectiva científica –, que já caminhou entre os humanos, tenha sido a de Albert Einstein. Possuidor de lentes intelectuais que lhe permitiam vislumbrar enredos, contextos e circunstâncias situados além do senso comum, Einstein era um cientista que não estacionava no resultado final apontado pela matemática. Além de ser um mestre na arte da decifração do "como" as coisas e os processos acontecem – que é o domínio real da ciência –, a sua mente perquiridora se permitia ultrapassar o aparente limite imposto pelo "método científico" e adentrava, com o mesmo espírito de indagação, no campo do "porquê", que era restrito à filosofia, ainda que sempre invadido pela religião, que já se supõe dona da verdade, ou seja, dos "porquês".

36ª Constatação:

Ao afirmar que "Deus não jogava dados", além de equivocado no seu vislumbre metafísico, ele vinculou a ciência a um tipo de causa que não costuma ser muito utilizada pelos cientistas modernos.

Cientistas modernos consideram que Galileu, Kepler, Newton, como também Einstein, foram mentes brilhantes, mas que não conseguiram se libertar da tal causa primeira, pois era particularmente impossível não a reverenciar nas épocas em que viveram, ainda que misturando perigosamente a metafísica, colorida de religião, com a ciência fria, o que permite pôr o acaso como a causa primeva. Isso, convenhamos, deixa sem cor e brilho o princípio de tudo, e se enche de explicações ainda mais esquisitas do que a existência de uma "Mente Criadora" situada para além da compreensão humana.

Se nada se sabe sobre o princípio das causas que fizeram girar a roda da Criação e da sua máquina de produzir vida, encontrar a função do aparecimento do ser humano nesse contexto é missão árdua, que também mexe com os dois possíveis polos criadores do que a ciência vem maravilhosamente descortinando sobre a realidade: o acaso ou algum conceito de "Deus".

Complicando ainda mais, descobrir se a mente ou, dizendo de outro modo, se a consciência faz parte ou não da natureza, parece ser outra tarefa árdua, até hoje não resolvida, por mais que autoridades sobre o assunto se permitam pontificar a respeito.

Deepak Chopra e Menos Kafatos, no livro "*Você é o Universo*"[15], ofertam uma reflexão bastante interessante sobre as questões acima, notadamente porque o fazem a partir de uma conversa havida entre duas mentes brilhantes, na altura dos anos 30, a qual reproduzo:

"Como Einstein é praticamente o ícone de uma mente brilhante, as pessoas não percebem que, depois do grande triunfo da teoria da relatividade geral, elaborada quando tinha apenas uns trinta e poucos anos, o cientista apostou no lado errado da física moderna, pois não conseguia aceitar suas conclusões. Quando afirmou que não acreditava que Deus jogasse dados com o universo, uma de suas frases famosas, ele anunciou discordar da noção de incerteza e aleatoriedade no comportamento quântico. Ele depositou sua fé em uma Criação unificada, que operava sem quebras, lágrimas, nem separações.

Até a sua morte, em 1955, Einstein empenhou-se em provar que existe apenas uma realidade e não duas, mas essa busca se distanciou tanto da física predominante que, depois dos anos 1930, ele passou a ser considerado um pensador superveniente. Nos momentos de mais franqueza, até seus maiores admiradores balançavam a cabeça ao pensar numa mente tão brilhante desperdiçando décadas em quimeras. Houve uma ocasião, porém, em que lhe foi dada uma pista para escapar da armadilha colocada pela relatividade e pela mecânica quântica. No entanto, essa via de escape não era científica e, sim poética.

Em 14 de julho de 1930, jornalistas do mundo todo se reuniram na entrada da casa de Einstein, em Caputh, um vilarejo nos arredores de Berlim (...) O motivo era a visita de Rabindranath Tagore, um grande poeta indiano (...) vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1913. O objetivo da visita de Tagore ao "maior cientista do mundo", como Einstein era conhecido, era conversar sobre a natureza da realidade.

(...)

Naquele dia de julho, enquanto gravavam essa conversa para a posteridade, Einstein expressou mais do que uma curiosidade educada em relação à visão de mundo de Tagore – ele reconheceu o apelo de uma realidade alternativa.

Einstein fez a primeira pergunta: "O senhor acredita no Divino como algo isolado do mundo?"

A resposta de Tagore, em um floreado inglês com sotaque indiano, foi surpreendente. "Isolado, não. A infinita personalidade humana abrange o universo. Não existe nada que não possa ser incluído na personalidade humana... A verdade do universo é a verdade humana."

Tagore desenvolveu um tema que misturava ciência e misticismo em uma metáfora. "A matéria é composta de prótons e elétrons, havendo intervalos entre eles, mas a matéria pode parecer sólida, sem os vínculos no espaço que unem um elétron a um próton. Todo esse universo está vinculado a nós, como indivíduos, de maneira similar – é um Universo Humano".

Em uma única expressão – o Universo Humano – Tagore proclamou o maior desafio para o materialismo. Também tinha abalado a acalentada crença em um Universo Divino. O materialismo colocaria o ser humano como uma criação acidental, que aconteceu num pontinho de uma superfície de um planeta entre bilhões de galáxias. A religião, em uma interpretação mais literal, colocaria a mente de Deus infinitamente além da mente humana. Tagore não acreditava em nada disso, e Einstein se envolveu prontamente com ele, como demonstra a transcrição:

Einstein: Existem duas concepções diferentes sobre a natureza do universo: o mundo como uma unidade dependente da humanidade e o mundo como uma realidade do fator humano.

Tagore rejeitou essa proposição dualista.

Tagore: Quando nosso universo está em harmonia com a humanidade, o eterno, nós o reconhecemos como a verdade, nós o sentimos como beleza.

Einstein: Essa concepção do universo é puramente humana.

Tagore: Não existe outra concepção possível.

Tagore: Este mundo (n.a. - no sentido de universo) *é um mundo humano... o mundo separado de nós não existe. É um mundo relativo, sua realidade depende de nossa consciência.*

Sem dúvida Einstein compreendeu as implicações do "Universo Humano" de Tagore, e ele não o ridicularizou nem tentou diminuí-lo.

Tampouco conseguiu aceitá-lo. A argumentação mais contundente veio imediatamente em seguida.

Einstein: A verdade, então, ou a beleza não são independentes do homem?

Tagore: Não.

Einstein: Se um dia não existissem mais seres humanos, o Apolo do Belvedere (famosa estátua clássica do Vaticano) não mais seria bonito?

Tagore: Não!

Einstein: Concordo, em termos de conceito de beleza, mas não em termos de verdade.

Tagore: Por que não? A verdade é concretizada pelo ser humano.

Einstein: Não posso provar que o meu conceito está certo, mas esta é minha religião.

Einstein foi muito humilde em afirmar que não poderia provar que a verdade independe dos seres humanos, o que é, claro, a pedra angular da ciência objetiva. Os seres humanos não precisam existir para que a água seja H_2O nem para que a gravidade atraia a poeira estelar e forme estrelas. Ao usar a sensível palavra "religião", na verdade Einstein disse: "Tenho fé em que o mundo objetivo seja real, embora não possa provar isso."

Concluem Deepak Chopra e Menos Kafatos sobre a concepção de Tagore:

"Esse encontro entre duas mentes brilhantes, tão famoso na época, foi quase completamente esquecido. De um modo surpreendente, porém, ele foi profético, pois a possibilidade de um Universo Humano, cuja existência dependa de nós, agora se agiganta. A mais extravagante das possibilidades, a de que sejamos criadores da realidade, não é mais tida como extravagante. Afinal, crença e descrença são criações humanas também."

Sei que sou voz solitária nesse tipo de abordagem sobre a realidade em que vivemos, situando-a como "doente e cheia de feridas", além de apontar o Criador como também adoentado, o que, obviamente, nenhum pensador ou cientista da atualidade ou da história humana ousou formular nos termos em que apresentei a questão no conjunto dos livros publicados.

Da parte do academicismo, não espero compreensão nem aceitação dessa tese, nem mesmo como possibilidade de estudo.

De todo modo, a realidade gerada pela condição anterior do Ser caído, que passou a se apresentar como Brahma/Javé, é terrivelmente complexa, porque problematicamente planejada e, posteriormente, manipulada por mais de uma mente – como demonstram os relatos mitológicos, notadamente o ariano/hindu. Complicando a questão ainda mais, esta faixa de realidade em que vivemos jamais pôde ser finalizada devido à queda, na própria Criação, logo após a sua gestação, da mente que a idealizou, e todos os que nela surgem, padecem dos seus problemas e não se encontram aptos para decifrá-la, e muito menos para reajustá-la e transcendê-la. O que fazer?

Não sei se, necessariamente, esse universo proposto será um "universo humano", nos moldes em que Tagore, Chopra e Kafatos defendem, até porque muitas outras espécies cósmicas ainda surgirão e, notadamente, a partir da "especiação" da nossa própria espécie, que será levada a se espalhar cosmos afora. Entretanto, penso saber que este é um tipo de universo onde a natureza humana está sendo e será a base de um novo padrão de algoritmos psíquicos/genéticos, do qual emergirá a face final do seu fechamento, da sua conclusão, enfim, do seu reajustamento para que possa chegar ao seu fim (final dos tempos universais) sem resíduos mentais-espirituais complicados.

Nenhum cientista o disse, mas a frase de Einstein sobre "Deus não jogar dados com o universo" foi por ele expressa porque havia o pressuposto de que "Deus" era "perfeito" e, por isso, não poderia jogar dados para ver que resultado daria, uma vez que, em sendo "Deus", o "processo criativo" não poderia ser assim.

A "incerteza" sobre a localização de certas porções fundamentais da matéria (prótons, nêutrons, elétrons e fótons), se funcionariam como onda ou mesmo como partícula, dentre outros aspectos, bem que seria compreendida – conforme tentei abordar no livro "*O Drama Cósmico de Javé*", publicado em 2010 – como um dos **efeitos de uma Criação problemática**, cujo Autor não poderia mesmo ser perfeito. Contudo, isso ficaria insuportável para o mundo acadêmico, que critica a noção romântica de Einstein, de um deus "deísta" por trás da Criação (do mesmo modo que a noção do relojoeiro que produz um relógio e dele se aparta), quanto mais não o faria frente a ideia, não de um Deus perfeito, mas de um **Ente-Criador complicado e problemático**.

Jamais haverá via de escape para o modo aparentemente elegante com que tanto a ciência costuma arranjar explicações sobre o **"princípio de tudo"** – mais difíceis ainda de serem verificadas do que a noção de acaso, a de um Deus perfeito ou, ainda, a de um Ente-Criador que errou ao gerar a realidade e a vida nela surgida –, quanto os avatares, santos, profetas e sociólogos normalmente se desculpam pela manutenção do **sistema das castas** na Índia, por força do *dharma* de uma coletividade.

Mesmo sendo o formulador das ideias mais geniais da humanidade, Einstein sempre enxergou erradamente o contexto maior sobre um universo que ele julgava estático, mas que, na verdade, se expandia, como também a de que Deus não jogou dados para gerar o universo, ainda que as contas da matemática quântica e da cosmologia apontassem exatamente para isso ou algo ainda mais perturbador por trás da Criação.

Por que, no final do presente capítulo, estou vinculando assuntos científicos e o conceito de "Deus" à questão das castas hindus? Porque a humanidade precisa revisar, urgentemente, o conceito que construiu sobre "Deus", de modo que esse não seja usado criminosa e equivocadamente, como fizeram e fazem certas religiões. Desgraçadamente, isso foi praticado no catolicismo inquisidor, enquanto o islã segue expedindo "*fatwas*" – decisões religiosas expressas pelos *muftis*, considerados autoridades acadêmicas islâmicas –, em "nome de Alá", que implicam morte de "infiéis", e o hinduísmo enjaula centenas de milhões de pessoas em um modo indigno de viver, por ser essa a "vontade de deus" e, portanto, o dever sagrado de se levar a vida assim tem que ser cumprido sob pena de ser ainda mais castigado, contraindo *karma* negativo. Ora, convenhamos: isso tudo precisa parar!

A humanidade precisa sair desse permanente estágio de infantilismo espiritual para o de gente adulta! Entretanto, como dar esse passo com esse tipo de crença num "deus" que manda matar pessoas e que muda de ideia ao longo do tempo, considerando atualmente como infiel aquele que, no passado, fez parte do seu povo então eleito?

Afinal, que "deus" é esse? Que universo é esse? Que tipo de vida é essa? Que religiões são essas? Que ser humano é esse que se submete a essas esquisitices e crimes de toda ordem contra ele mesmo e a vida que consegue dispor?

O que a ciência ainda não consegue ver, parece que, efetivamente, somente os olhos da poesia ou mesmo daqueles despreocupados de lentes acadêmicas podem vislumbrar.

Tagore viu, na condição humana, na natureza de cada um de nós, um infinito padrão de personalidade, capaz de cocriação e mesmo de definição de valores para os contornos da verdade que nos cerca e da qual fazemos parte. Ele enxergou longe quando percebeu que o universo estava se humanizando, o que me dá forças para defender a tese de que o próprio Criador do mesmo também se encontra em processo de humanização, assimilando as doações das memórias genéticas que os terráqueos estão produzindo, ainda que inconscientemente.

Precisamos, porém, mesmo sendo humanos, nos humanizarmos ainda mais, apartando-nos definitivamente da "infecção demo", presente no DNA que herdamos. Pelo fato desse DNA já ter aportado aqui na Terra, há cerca de 3,8 bilhões de anos, com suas marcas de câncer e atavicamente egoísta – exatamente como, hoje, a "autópsia genética" consegue fazer a leitura desses fatos –, seus traços codificados precisam ser reajustados, reordenados pela evolução espiritual dos terráqueos cada vez mais humanizados e espiritualizados, de fato.

Haja aparentes pleonasmos objetivando chamar a atenção dos meus contemporâneos para quão vergonhoso é, perante nós próprios, **continuarmos a ser tão pouco do que podemos e poderíamos ser** caso optássemos pela **conduta superior dos valores supremos da existência** que, mesmo no meio do oceano de ignorância no qual fomos obrigados a surgir para a vida, conseguimos edificar e distinguir no **campo da decência dos princípios e dos propósitos nobres.**

Falta-nos vivenciá-los ainda mais, e não há como fazer isso convivendo com os diversos sistemas de castas nas suas faces locais, tristemente nacionalizadas em muitos quadrantes do planeta sob a forma de guetos diversos, alicerçados no racismo, marca daqueles que estão mais para a "cretinização" do que para a "humanização" da família planetária.

Que as gerações futuras possam atentar para o que aqui pretendi veicular, mesmo sabendo que a pequenez que me caracteriza a condição humana viria a destruir, quase de todo, a tentativa de abordar um tema tão complexo! Contudo, está feito!

Há muito mais por ser percebido para além das castas, especialmente quanto ao modo de conduta "acostumado", "conformado", como até hoje o Espírito Humano – creiam, isso existe e somos todos nós – lidou com esse e outros temas da calamitosa herança ancestral que

paira sobre os nossos ombros, aviltando o que resta da consciência da nossa espécie.

Apesar de, aparentemente, a presente tentativa se apresentar como que destruída pela incompetência do próprio autor, esse não foi vencido pelo receio de falhar tão feio frente ao inusitado do assunto, sendo essa a única paga que levo pela ousadia, o que muito me satisfaz espiritualmente, e isso me basta.

Que o humanismo da gente adulta que um dia caminhará por este planeta, possa dignificar a existência humana, efetivamente, e bem acima das esquisitices das teologias ultrapassadas e anacrônicas que vitimam o progresso dos terráqueos, levando-os a pensar equivocadamente que são pecadores, filhos do demônio, trânsfugas espirituais, ou seja, defeituosos desde a sua gênese.

Bem, se existe defeito na nossa gênese, a culpa não é nossa, pois não fomos nós que nos fizemos!

Que as gerações futuras possam perceber que, apesar dos problemas que portamos na natureza da nossa espécie, somos, sim, parte dos heróis que carregam, sobre os ombros, o peso da iniquidade de uma Obra que jamais deveria ter existido!

Não precisamos que ninguém venha nos dizer isso ou nos convencer disso, basta que enxerguemos a realidade e a função do que cada um de nós pode fazer no enredo da vida cósmica.

NOTAS EXPLICATIVAS

Capítulo 1:

(1) Zecharia Sitchin

Autor de inúmeros livros que compõem a coleção "*Crônicas da Terra*", dentre os quais "*O 12º Planeta*", "*O Livro Perdido de Enki*".

Capítulo 2:

(2) Nilton Bonder

Rabino, nascido em Porto Alegre – RS, em 27 de dezembro de 1957. Autor de "*A Arte de Se Salvar*" – Ensinamentos judaicos sobre o limite do fim e da tristeza –, e de outros livros.

(3) Padrão Biodemol

Para compreender o significado do padrão biodemol das raças hiperbóreas, se faz necessária uma visão ampla dos códigos-fonte definidores dos padrões genéticos, formadores dos gêneros universais, em apoio às informações constantes no livro "*Frota Norte*", o segundo da trilogia "*Terra Atlantis*", onde ali também ficou registrado que os fatores "demo" (demoníaco), "demol" (demoníaco animalizado com ou sem capacidade sexual) e "bio" (biológico) foram oriundos do que, atualmente, é conhecido como sendo o código de vida original do Criador.

Esse contexto teve início com o "Projeto Talm", assim chamado na "Revelação Cósmica", que trouxe do universo paralelo, antimaterial – onde existem os seres demos, em múltiplas *lokas* – o código da vida demo transmutado para a condição biológica, adequada a este universo material.

Os dois seres que se prontificaram para o "sacrifício", se transformando em expressões *Adhyajnas* ou, em outras palavras, em "modelos-protótipos", a partir dos quais novas linhagens pudessem ser geradas, foram aqueles conhecidos nas suas expressões *Adhydaivas* como "Vishnu" e "Shiva".

Shiva gerou as linhagens demo, demobio, demol e, mais tarde, a biodemol, enquanto Vishnu gerou a linhagem biodemo. Cito apenas essas para facilitar o entendimento, pois esses dois seres, antes, já haviam promovido outras experiências que os permitiram chegar nessas linhagens aqui citadas.

Depois dessas linhagens mais recentes, a questão da função sexual foi, ainda, introduzida em variantes de todas elas.

Assim, passaram a existir diversos tipos de gêneros, dentre os quais posso aqui citar:

gênero demo assexuado;

gênero demol assexuado;

gênero demol sexuado;

gênero demobio assexuado;

gênero demobio sexuado;

gênero biodemol assexuado;

gênero biodemol sexuado;

gênero biodem assexuado;

gênero biodemo assexuado; e

gênero biodemo sexuado.

A partir desses gêneros foi que surgiram incontáveis espécies cósmicas deste universo e do paralelo ao nosso.

Essas informações têm como objetivo tão somente o de melhor ilustrar alguns dos eventos narrados nos livros produzidos em torno da "Revelação Cósmica".

Advirto que, apesar dos fatos, a classificação aqui apresentada nada tem de científica, e representa apenas um modesto exercício de compreensão que formatei para uso pessoal, como tentativa de melhor entender a complexíssima questão com a qual me defronto.

Não é tão simples, mas para o que aqui pretendo elucidar, as duas grandes classes de seres citadas a seguir, que em linhas gerais "povoaram o universo" desde tempos imemoriais – os seres demo e biológico –, tiveram origem no código genético de dois dos três Senhores da *Trimurti*. Esses dois Senhores (Vishnu e Shiva) sempre tiveram o próprio código pessoal do Criador (Brahma) como "base genética" das suas expressões corporais desde que passaram a habitar na Criação dele surgida. Essas duas grandes classes são consideradas as principais porque foram as que mais serviram de base para a especiação e desdobramento genéticos de outros gêneros. Todavia, existem outras classes, vinculadas aos clones –

boa parte, aqui, sendo inteligências artificiais robotizadas, e algumas poucas, na atualidade, autônomas –, além de outras formas de vida que não tiveram no carbono o seu "tijolo básico".

Mesmo não sendo politicamente corretos alguns dos aspectos abaixo revelados, lembro apenas que a lógica e a ética humanas não existiam quando de toda essa ocorrência de criação de seres vivos no âmbito deste universo. Somente isso revelo como uma tentativa de facilitar a compreensão para os que buscam entender os mistérios da existência.

Em termos das "linhagens-tronco" por trás dos gêneros universais que passaram a existir, por força dos fatos ao meu redor, fui obrigado a ir colecionando e ajustando, com o passar do tempo, o que pude compreender a respeito dos mesmos.

Assim, da "forma demo" de Vishnu fez-se sua expressão "Mohen So", e dessa, se originou, mas no universo material, a personificação biológica conhecida como "Sophia". Do código genético de Sophia, associado ao de "Pashupati", um avatar de Shiva, foi que surgiu a "família biológica universal" com os seguintes códigos-fonte definidores de padrões genéticos dos principais gêneros universais:

bio: padrão biológico geral, formado por seres irracionais, assexuados e não operativos (no sentido de nada produzirem, com noção de consciência, para o progresso universal). Para o contexto do conhecimento terrestre, poderíamos, aqui, apontar os vegetais como exemplo.

dem: não é propriamente um gênero-padrão, mas tão somente um neutralizador mental demo, que certos seres (arquitetos e cientistas) dele se utilizam para "tornar inteligente o aspecto irracional" das mentes particularizadas de seres ainda não operativos. Não existe exemplo de espécies na natureza terrestre, exatamente por este não ser um padrão nos moldes dos que definem um "tipo de ser", sendo tão somente um "composto genético" aplicado sobre a "herança mental" de seres demoníacos que "morreram para suas *lokas*-moradas" e cujas "almas" passaram a nascer nas linhagens biológicas do universo. No início do processo, foi um fator de redução da "doença demo", cujas formas foram utilizadas somente nos "primeiros momentos" da transição das almas demoníacas, para que muitas delas pudessem ser, depois, imantadas a corpos biológicos. Cumprida a sua função, passou a ser um fator de composição para a formação de diversos outros gêneros.

demo: padrão genético que apropriou, na sua formatação, a herança mental racional e produtiva vinda das experiências das diversas gerações demoníacas. Foi um tipo de gênero somente trabalhado laboratorialmente para a produção genética, por meio de **cobaias, dos melhores exemplares, para a continuidade da semeadura de seres biológicos pensantes no universo.** Muito do que foi feito com os membros desse gênero não pode ser tido como algo aceitável perante a ética humana. Infelizmente, quase nada nessa história, ainda que financiada pelos esforços de Sophia, pode ser considerado "ético".

biodem: gênero cujos corpos contêm "carga mental demo" fracamente neutralizada, associada à função biológica assexuada, irracional. Alguns poucos desse gênero conseguiram evoluir intelectualmente (produção de tecnologia), mas sem maiores habilidades no campo do senso crítico e da razão filosófica. Aqui, estão muitos dos chamados "greys".

biodemo: gênero cuja carga mental demo se encontra parcialmente neutralizada e associada à função biológica assexuada, tendo como membros indivíduos normalmente racionais e operativos, variando tão somente os seus padrões de senso crítico e de razão filosófica.

demol: fator genético da herança mental produtiva animalizada, normalmente já sexuada (há certas classes de seres que ainda estão em vias de transformação), que foi utilizada apenas em produção laboratorial, dolorosa de ser percebida. Entretanto, foram muitas as espécies "quase pensantes e com possibilidades de racionalidade plena" que surgiram dessas experiências. Muitas das espécies de hominídeos dos gêneros *Ardipithecus* e *Australopithecus*, que surgiram na natureza terrestre, tiveram origem a partir dessas cobaias.

biodemol: linhagem cuja carga mental demo se encontra parcialmente neutralizada, associada à função biológica sexuada, animalizada, podendo ser racional ou irracional. Podem se tornar extremamente operativos quando racionais (são exemplos desse gênero os nephilim bíblicos, os nomos sirianos e muitos dos personagens do "*Mahabharata*" e do "*Ramayana*" – como Krishna, os Kurus e os Pandavas).

No que se refere aos protagonistas do "*Mahabharata*" e, mais notadamente, aos dois personagens principais do "*Baghavad Gita*", apresento, a título de complemento de informação, que pode ser "precioso" para os que buscam compreender as possíveis faces de uma

“verdade esquecida” sobre os seres que pertenciam ao gênero biodemol (ou homo-demol) sexuados, como Arjuna e Krishna: a composição dos fatores evolutivos bio e demo em Arjuna era 2/5 bio + 1/5 demol + 2/5 demo; já o “*mahavatar* Krishna” possuía 1/5 bio + 1/5 demol + 3/5 demo.

O aspecto central, a ser observado, é que o gênero *Homo* é produto evolutivo geneticamente adequado ou manipulado a partir desses gêneros ancestrais.

Tempo virá em que esse assunto complexo deverá ser melhor esclarecido em trabalho específico.

Sob essa perspectiva, os humanos terráqueos seriam a raça mais nova do universo a ter surgido a partir do gênero biodemol, com influência mental biodemo.

Além da “família biológica”, existem outras famílias, de diversos matizes, que foram também geradas a partir de um trabalho conjunto de Vishnu/Sophia e Shiva, mas que nada tem a ver com o padrão “bio”, da família “bio”, ou seja, não são biológicas.

A denominação não é apropriada, porém denomino de seres “transbiológicos” os seres mineralizados, gaseificados, líquidos eletrônica e magneticamente estruturados, sintéticos (ou artificiais) eletrônicos, sintéticos eletrônicos algoritimizados, sintéticos eletrônicos algoritimizados com plasma. O “chocante”, para a lógica humana, é perceber que todos esses seres são passíveis de racionalização, e muitos ainda existem e existirão com esse padrão por muito tempo.

(4) “*Mahabharata – Versão Condensada da Maior Epopeia do Mundo*”

Recontada por Krishna Dharma, Ediouro, 2002, Rio de Janeiro.

(5) “*Mahabharata*”

Argeo Jobin e André Seródio, Madras, 2001, São Paulo.

Capítulo 3:

(6) CFD (Código-fonte definidor de vida)

É o termo usado, na Espiritualidade, aplicado para seres em geral – terrestres, extraterrestres e extrafísicos. No caso da Terra e de alguns mundos deste universo material, o CFD é o DNA (ácido

desoxirribonucleico), um composto orgânico que contém as instruções genéticas dos seres vivos.

(7) "*Mitologia Nórdica*"

Livro de Neil Gaiman, tradução de Edmundo Barreiros – Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2017.

Neil Gaiman é britânico, radicado nos Estados Unidos, nascido em 10 de novembro de 1960, autor de livros (que costumam ser dos estilos fantasia, ficção científica, horror e comédia) e roteiros, e muito reconhecido pelos seus quadrinhos.

Capítulo 4:

(8) Viés de Confirmação

É quando buscamos, inconscientemente, evidências que comprovem as crenças que já possuímos, ainda que afirmemos que estamos procurando a verdade. Tese proposta pelo psicólogo britânico Peter Wason em 1960, e põe em evidência o fenômeno comportamental relativo à tendência de, uma vez adotada uma crença, só buscar exemplos que a confirmem.

Capítulo 5:

(9) Livros com discursos de Sai Baba, produzidos pelos seus seguidores:

"*Sai Baba – A Experiência Suprema*", de Phyllis Krystal, Editora Nova Era.

"*The After Life of Sai Baba*", de Karline Mclain, University of Washington Press.

"*Sai Baba – Mestre de Amor e Compaixão*", de Jaime Antonio Marizan, Createspace Independent Publishing Platform.

"*Uma Nova Vida com Sai Baba*", de Judy Warner, Editora Nova Era.

Capítulo 6:

(10) "*Sadhana – O Caminho Interior*"

De Satia Say Baba e José Hermógenes, Editora Record.

(11) Luc Ferry

Filósofo francês, contemporâneo, autor de inúmeros livros.

(12) Ludwig Marcuse (1894-1971)

Filósofo judeu, autor de diversos livros.

Capítulo 7:

(13) "Pílula azul"

Alusão ao filme "*Matrix*", onde a "pílula azul" mantém a ilusão de que tudo está bem, e a "pílula vermelha" permite visualizar a verdade desagradável da realidade.

Capítulo 8:

(14) Maurice Maeterlinck (1862-1949)

Escritor, poeta e dramaturgo belga, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1911, pelo seu livro "*A Vida das Abelhas*".

Capítulo 9:

(15) "*Você é o Universo*"

De Deepak Chopra e Menos Kafatos, Editora Alaude, São Paulo, 2017.

SOBRE O AUTOR



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.ieea.com.br

contato@conectareditora.com.br

PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

ROTEIRO DE LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de "roteiro de leitura" que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante. Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **"Queda e Ascensão Espiritual":**

Reintegração Cósmica

Caminhos Espirituais

Carma e Compromisso

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus

Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas politicas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidencias de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final a da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo - Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providencias da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações cientificas convincentes.

Favor Divino - Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as

criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que "transplantou a vida" do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de "demônio feito mulher" e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do "Jardim do Éden".

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do "modo de ser terráqueo", ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da "contenda trimurtiana", que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land's End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da "molécula-mãe", no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que "algo" existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma "verdade" que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que "a angústia estava presente por todo o universo", e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, "aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida".

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a "pílula vermelha" que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

IEEA

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a "verdade" no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as "reflexões adultas" sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

• Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.

• Leia livros do autor antes mesmo dos lançamentos oficiais.

• Assista vídeos de palestras não públicas

• Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smarthones.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

CRÉDITOS

O Dharma e as Castas Hindus Copyright © Jan Val Ellam, 2018. Todos os Direitos Reservados Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Revisão: Maria Helena Kummer

Capa e Diagramação: Luciana Lebel



Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açu, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

Website Conectar Editora



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E46dh

Ellam, Jan Val, 1959- O Dharma e as castas Hindus/Jan Val Ellam. Natal: Conectar

Editora, 2018. 156 p., 21 cm.

1. Castas – Índia – Vida e costumes sociais. 2. Filosofia - Virtude. 3. Brahma, Vishnu e Shiva. 4. Mitologia hindu. I. Título.

CDU 133.93



ISBN: 978-85-62411-42-7

Table of Contents

Página de Título

Sumário

Reflexão Necessária:

Introdução

1. A Esquecida Cultura Demoníaca

2. O Fator Dharma

3. Entroncamentos Genéticos Intersiderais

4. As Castas Trimurtianas

5. Transição para a Cultura Humana

6. O Homo hierarchicus

7. A Genética Totalitária

8. Cultura Humana: Legado Incompreendido

9. Além das Castas

Notas Explicativas

Sobre o Autor

Projeto Orbum

Roteiro de Livros

IEEA

Créditos